



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

DISSERTAÇÃO

**Educação, Negros e Subjetividade: Produções e Pesquisas dos Pós-
Graduandos Negros das Universidades Públicas da Baixada Fluminense**

Fernando Resende Nóbrega

2011



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES**

**EDUCAÇÃO, NEGROS E SUBJETIVIDADE: PRODUÇÕES E
PESQUISAS DOS PÓS-GRADUANDOS NEGROS DAS
UNIVERSIDADES PÚBLICAS DA BAIXADA FLUMINENSE**

FERNANDO RESENDE NÓBREGA

Sob a orientação do Professor

Ahyas Siss

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

**Seropédica/Nova Iguaçu
2011**

378.1982960981

53

N754e

T

Nóbrega, Fernando Resende, 1975-
Educação, negros e subjetividade:
produções e pesquisas dos pós-graduandos
negros das universidades públicas da
Baixada Fluminense / Fernando Resende
Nóbrega - 2011.
149 f.: il.

Orientador: Ahyas Siss.

Dissertação (mestrado) - Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de
Pós-Graduação em Educação, Contextos
Contemporâneos e Demandas Populares.

Bibliografia: f. 61-65.

1. Estudantes negros - Baixada
Fluminense (RJ) - Teses. 2. Negros -
Educação - Baixada Fluminense (RJ) -
Teses. 3. Universidades e faculdades -
Pós-graduação - Baixada Fluminense (RJ) -
Participação dos negros, [Indianos, etc.]
- Teses. I. Siss, Ahyas, 1953-. II.
Universidade Federal Rural do Rio de
Janeiro. Curso de Pós-Graduação em
Educação, Contextos Contemporâneos e
Demandas Populares. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO E INSTITUTO MULTIDISCIPLINAR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CONTEXTOS
CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES.**

FERNANDO RESENDE NÓBREGA

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 30/03/2011.

Ahyas Siss. – UFRRJ
(Orientador)

Iolanda de Oliveira. Dsc – UFF

Leila Dupret. Dsc. – UFRRJ

Aloísio J. J. Monteiro. Dsc – UFRRJ

Maria Aparecida Santos Correa Barreto. Dsc – UFES

Dedico esta Dissertação a minha amada bisavó Maria, a meu avô Alcindo, a meu avô Esdras Brasil, *in memoriam*, e a meus amados pais Lucinha e Edson.

AGRADECIMENTOS

À Vida, a Deus, aos Orixás e ao contato com os Elementos da Natureza,
minha entrega e gratidão.

Com amor, à minha querida família, Pai, Mãe, Felipe e Patrícia, por serem parte da minha
célula e mostrarem, com suas humanidades, o tanto que é importante ter uma história e
memórias dessas histórias. Vocês são importantes para mim.

Minhas sobrinhas amadas, Luisa e Beatriz, por serem meu encontro
mais próximo ao que preciso resgatar.

Aos Colegas e Amigos,
que bom tê-los e reconhecê-los.

Ao Meu Orientador,
por ter me apresentado um campo temático que hoje faz parte da minha vida e poder
reconhecer e aprender na sua dedicação pela luta.

À Leila Dupret,
por acreditar em mim desde a graduação, pelo aprendizado, seu carinho, disponibilidade e,
principalmente, pela sua entrega no que você acredita.

Aos Colegas do Mestrado,
pelos risos, dificuldades, debates e o nosso companheirismo.

Aos professores do programa e à secretária Vera,
pelo aprendizado e dedicação.

Ao Grupo de Pesquisa Cultura Afro-brasileira e o Jovem da Baixada Fluminense: Aparato
Religioso na Construção Subjetiva, por despertar minhas potencialidades.

Ao grupo de pós-graduandos negros da Baixada Fluminense,
pela disponibilidade e riqueza.

A Carlos Melo e Georgina Martins,
terapeutas humanos queridos que a vida me fez encontrar.

Não teria conseguido sem ajuda de vocês.

À SABERJ,

aos irmãos de alma da querida VII turma e os trainers, amigos, assistentes, professores que
fazem parte das minhas vitórias.

À Tereza,

por sua gratuidade, dedicação e carinho.

À Marcele,

Por existir na minha vida, te amo.

*Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu caçador de mim*

*Preso a canções
Entregue a paixões
Que nunca tiveram fim
Vou me encontrar
Longe do meu lugar
Eu, caçador de mim*

*Nada a temer senão o correr da luta
Nada a fazer senão esquecer o medo
Abrir o peito a força, numa procura
Fugir às armadilhas da mata escura*

*Longe se vai
Sonhando demais
Mas onde se chega assim
Vou descobrir
O que me faz sentir
Eu, caçador de mim.*

*Milton Nascimento
Composição: Luís Carlos Sá e Sérgio Magrão*

RESUMO

NÓBREGA, Fernando Resende. **Educação, negros e subjetividades: produções e pesquisas dos pós-graduandos negros das universidades públicas da Baixada Fluminense.** Dissertação (Mestrado em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares) – Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2011.

Esta pesquisa surgiu a partir do interesse do pesquisador pelas diversidades na tentativa de: compreender o sujeito contemporâneo e de não situá-lo a partir de estereótipos e enquadramentos; e, ademais, aproximar-se do indivíduo inserido em seu contexto social e entender como funciona sua dinâmica, como constrói seus sentidos, compartilhando significados, pensando subjetividade como um sistema complexo produzido, ao mesmo tempo no nível social e no individual, em que o indivíduo constitui e, simultaneamente, é constituído por inúmeras interferências, presentes no contexto em que se insere. Pretendeu-se focar os pós-graduandos negros das Universidades Públicas da Baixada Fluminense para analisar os temas de investigação, as produções e as pesquisas dos mestrandos e doutorandos negros que ingressaram em 2008, 2009 e 2010. Pretendeu-se ainda entender com o que eles se preocupavam como pesquisadores, os sentidos que davam às suas pesquisas e quais os temas que seus estudos envolviam. Buscou-se verificar quais desses pesquisadores são moradores da Baixada Fluminense e como eles se identificam a respeito de sua cor. Sabemos que as políticas de ação compensatória étnico-racialmente definidas não são potentes e nem capazes de eliminar as desigualdades sociais que foram construídas e acumuladas historicamente, mas, elas têm o papel de reparação na atualidade, promovendo a igualdade de oportunidades e uma democracia de resultados. No cenário obscuro de globalização da economia, as pesquisas sobre desigualdades revelam que, entre os pobres, os negros encontram-se, quase sempre, numa situação de maior pobreza que os brancos. Dessa forma, a partir do momento atual em que percebemos como é desastroso o mito da democracia racial no Brasil e a urgência da elaboração e implementação de políticas públicas que atinjam os membros desse grupo etnicorracial, analisamos as possíveis implicações sociais na formação de pesquisadores negros em nossa sociedade. Trata-se de uma investigação de caráter qualitativo, cuja pesquisa de campo é um plano aberto e flexível e a realidade, complexa e contextualizada. Cabe destacar que as entrevistas foram abertas e a análise do material coletado foi feita à luz do referencial teórico. Portanto, torna-se fundamental que se faça uma reflexão mais aprofundada sobre o campo dos negros e a educação, de maneira que possamos abrir espaços de reflexão sobre as especificidades negras.

Palavras-chave: Subjetividade. Educação Superior. Pós-Graduação. Negros. Desigualdades Étnicorraciais. Universidades Públicas da Baixada Fluminense.

ABSTRACT

NÓBREGA, Fernando Resende. **Education, blacks and subjectivity: productions and researches of the black postgraduands of the public universities of the Baixada Fluminense**. Dissertation (Master Science in Education, Contemporary Contexts and Popular Demands) – Instituto de Educação e Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica/Nova Iguaçu, RJ, 2011.

This research arose from the research's interest for diversities in an attempt to: understand the contemporary subject and not place it from stereotypes and frameworks; and, moreover, approach the individual inserted in its social context and understand how their dynamics function, how you build your senses, sharing meanings, thinking subjectivity as a complex system produced, at the same time the social and the individual level, that the individual constitute and, simultaneously, is constituted of numerous interferences present in the context in which it operates. It was intended to focus on black postgraduands from public universities in the Baixada Fluminense to analyse issues of research, productions and researches of black masters and doctoral students who enrolled in 2008, 2009 and 2010. It was still intended to understand what they cared about how researchers, the meanings they gave to their searches and the topics that their studies involved. We tried to see what these researchers are residents of the Baixada Fluminense and how they were called about his color. We know that the compensatory action policies, defined ethnically and racially, are not potent and not able to eliminate the social inequalities that were, historically, constructed and accumulated, nbut they have a role in repair in the news, promoting equality of opportunities and democracy of results. In the dark backdrop of economic globalization, the researches about inequality show that, among the poor, the blacks are in a situation of greater poverty than whites. Thus, from the present situation, we perceived how disastrous the myth of racial democracy in Brazil and the urgency of developing and implementing of public policies that meet the members of this ethnic/racial group group, we analyze the possible social implications in the formation of black researchers in our society. This is a qualitative research, whose research field is an open plan and the reality is complex and contextualized. We detach that the interviews were open and the data analysis was made in light of the theoretical. Therefore, it is imperative to make a deep reflection about the field of blacks and the education, so that we can open spaces for reflection about the black specificities.

Keywords: Subjectivity. Higher Education. Postgraduation. Blacks. Ethnic Racial Inequalities. Public Universities of the Baixada Fluminense.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1 MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES ETNICORRACIAIS	10
1.1 Brasil: Um País com Histórias	10
1.2 Movimentos Sociais Negros: Histórias, Tensões, Lutas e Desafios	15
1.3 Os Negros e as Universidades	20
2 SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES: CONTRIBUIÇÕES PARA UM DIÁLOGO DA ATUALIDADE	26
2.1 De que Lugar se Fala da Ciência?	26
2.2 Contribuições da Psicologia Sócio-Histórica	32
2.3 Dimensões da Subjetividade e Questões Identitárias	33
3 TEORIA E METODOLOGIA COMO PROCESSO	39
3.1 Contexto Histórico: Debates e Perspectivas	39
3.1.1 Analisar os processos e não os objetos	40
3.1.2 Explicação <i>versus</i> descrição	40
3.1.3 O problema do comportamento fossilizado	41
3.2 Representações Sociais e as Unidades de Sentido de Rey	42
4 PESQUISA DE CAMPO	46
4.1 Universidades Públicas da Baixada Fluminense	46
4.2 Revelações do Campo	47
4.3 Elenco das Configurações e Respectivas Unidades de Sentido	50
4.3.1 Configurações das entrevistas	50
4.3.2 Unidades de sentido	54
4.4 Análise dos Resultados	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	61
ANEXOS	66
I – Entrevistas	67
II – Tabelas Quantitativas por Curso	129
III – Gráficos: Mestrado e Doutorado por Universidade	137
IV – Gráficos: Total de Pós-Graduação	139
V – Gráficos das Entrevistas	140
VI – Gráficos das Desistências	142
VII – Gráfico de Moradia	144
VIII – Gráficos de Identificação X Autoidentificação	145
XIX – Dados Quantitativos	146

INTRODUÇÃO

*Nkosi sikelel' iAfrika
Nkosi sikelel' iAfrika
Maluphakanyisw' uphondo lwayo,
Yizwa imithandazo yethu,
Nkosi sikelela, thina lusapho lwayo!*

Inicialmente, é importante apresentar as motivações para a escolha do campo de pesquisa, no caso as universidades públicas da Baixada Fluminense, e descrever o processo percorrido para chegar aos sujeitos da mesma: os pós-graduandos negros das universidades públicas da Baixada Fluminense. Esses passos culminaram na dissertação: Educação, Negros e Subjetividade: Produções e Pesquisa dos Pós-Graduandos Negros das Universidades Públicas da Baixada Fluminense.

No decorrer do curso de Graduação, o autor deste trabalho manifestou interesse em estudar o campo da subjetividade e da cultura, acreditando na possibilidade de trabalhar em uma perspectiva dialógica, aberta e flexível. No começo desta pesquisa, identificava-se como psicólogo, branco e não morador da Baixada Fluminense. Formado em Psicologia no início de 2004, iniciou um percurso para ingressar no mestrado nesse mesmo ano, buscando orientadores, pesquisas e o amadurecimento acadêmico. Enquanto isso, a procura era também pelo encontro e alquimia entre o desejo, o projeto, o orientador e a universidade. Nesse percurso, participou como aluno ouvinte do programa de pós Graduação em Psicologia Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), do programa de pós Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), e ainda chegou a concorrer aos programas de pós Graduação em Serviço Social e em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

O autor experimentou preconceitos diversos, alguns velados e outros declarados, por exemplo, pelo fato de ter vindo de uma Graduação em universidade particular, ser psicólogo e querer estudar questões culturais e sociais. Tinha, inicialmente, dois projetos em mente e escritos: um abordava o processo do transe nas religiões de matriz afrobrasileira e o outro, a diversidade cultural nas escolas. Ao longo desse processo, estava ainda se procurando nos projetos, enquanto deixava se interferir por eles na construção do conhecimento e nas motivações para a pesquisa acadêmica.

Em um certo momento, quando participava de um seminário na UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro – e conversava com a professora Leila Dupret, reclamava do seu cansaço advindo deste percurso para ingressar no programa de mestrado, e ao mesmo tempo, reforçar o desejo de ser pesquisador. A professora retrucou com uma frase muito precisa (Olha que você é branco e quer entrar no mestrado! Imagina se fosse negro?) capaz de mobilizá-lo e motivá-lo ao ponto de sucitar que outro projeto fosse construído.

1 (Desde 1997 que o hino nacional da África do Sul é uma canção híbrida, combinando versos do hino nacional do governo do apartheid, "Die Stem van Suid-Afrika" e o hino popular do Congresso Nacional Africano e outras organizações negras: o "Nkosi Sikelel' iAfrika". Isto torna, talvez, o hino nacional sul-africano o único hino nacional com duas partes cantadas em tons diferentes. A sua letra inclui cinco das onze línguas oficiais da África do Sul.)

Hino Nacional da África do Sul

Deus abençoe a África
Deus abençoe a África
Que suas glórias sejam exaltadas
Ouça nossas preces
Deus nos abençoe porque somos seus filhos.

Ao ouvir a “mensagem”, percebeu que não tinha ideia do que seria o preconceito racial a respeito da cor da pele e que, se fosse negro, teria muito mais dificuldade nesse ingresso. Ao mesmo tempo, apresentava-se para ele uma questão: “Afinal qual é a minha cor?” Essa pergunta o calou, intigando-o para a pesquisa. Naquele momento, talvez não tivesse muitas respostas, nem pessoais e nem teóricas, para tanta mobilização, devido ao fato de não possuir nenhum registro de ter sofrido preconceito racial na sua história; afinal, não se identificava com as questões dos negros. Entretanto, sensibilizado pela causa, começou a lutar por ela, por acreditar que é uma saída para todos, independente de raça, etnia e origem, e compreender que numa sociedade desigual a busca da justiça e igualdade tem que ser de maneira equânime entre as suas diferenças históricas e sociais.

A aprovação no Curso de Mestrado e do programa em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro ocorreu em meio a todas essas sensações.

Devido a nunca ter sofrido preconceito etnicorracial e estar muito mobilizado a aprofundar seus estudos sobre as especificidades negras, logo no início do mestrado foi tomado por um desejo de ir ao encontro de seus pares acadêmicos - os pós-graduandos - e investigar as produções e pesquisas dos mestrados e doutorandos negros, com a sensação que, diferente da experiência pessoal do autor, acreditava que seus colegas negros deveriam ter experimentado ou experimentaram o preconceito etnicorracial em suas vidas e a conquista deles pelo espaço acadêmico. Historicamente falando, era uma vitória maior que a sua.

A identificação e sensibilização com seu tema de pesquisa passaram por um processo de construção. Deflagraram-se mais efetivamente quando participou da pesquisa sobre Cultura Afro-brasileira e o Jovem da Baixada Fluminense: aparato religioso na construção subjetiva que vem sendo desenvolvida no Instituto Multidisciplinar, no Campus de Nova Iguaçu da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Esta pesquisa nos terreiros de Umbanda e Candomblé de Nova Iguaçu foi fornecendo informações e subsídios importantes para uma mudança de paradigma sobre a mitologia afrobrasileira e as questões etnicorraciais, de suma importância para quem nasceu em berço judaico-cristão, de família católica e tradicional, e estava ainda iniciando-se no debate etnicorracial.

Essa experiência despertou o interesse em aprofundar o estudo da Educação e o aparato afrobrasileiro, sua diversidade cultural e o preconceito na sociedade. Nesta perspectiva, participou do primeiro curso de extensão Afro-Brasileiros, Desigualdades Etnicorraciais e Educação no Brasil na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, teve a oportunidade de entrar em contato, de maneira mais formal e aprofundada, com os estudos sobre as cotas para negros nas universidades públicas, as políticas de ações afirmativas, a história da África e dos negros em diversas perspectivas. Esse contato foi experienciado de uma nova forma e visto de outro prisma, diferente do que tinha recebido e ouvido no decorrer da sua história, e do seu próprio processo educativo primário e secundário, formal e informal.

O pensamento do autor, por exemplo, sobre as cotas nas universidades, conforme Siss (2003), cada perspectiva e motivo de não ser a favor das políticas de ações afirmativas, não tinha sustentação mas, ao mesmo tempo, o autor responde cada ponto contra-argumentando. Um dos argumentos mais defendidos pelo autor desta dissertação era que, ao se tentar instituir uma democracia de oportunidade, acaba se operando uma discriminação inversa, excluindo membros de grupo racial branco do processo de competição. Contudo, à proporção que sua vivência de campo e os estudos se estendiam, a todo os momentos seus comportamentos fossilizados iam se revelando e, juntamente com eles, surgiam motivações para aprofundar e compreender mais as questões etnicorraciais e suas especificidades. Por acreditar que o pesquisador é interferido pela pesquisa, foi se permitindo estar nesta relação complexa, tão importante para a academia na construção do conhecimento e, principalmente, para a própria vida pessoal e profissional do pesquisador.

Dessa maneira, este pesquisador teve a oportunidade de ampliar seus horizontes e ser afetado pela importância de estudar seus colegas negros nas universidades públicas da Baixada Fluminense, compreendendo como vitória este lugar conquistado por eles e vendo a importância da ascensão social dos negros de maneira específica na vida acadêmica para aquisição dos direitos equitativos em nosso país. Eram propósitos encontrar e dar visibilidade aos negros que já estão fazendo pesquisas de mestrado e doutorado em universidades públicas da Baixada Fluminense; saber com o que eles estão preocupados como pesquisadores; que temas, motivações, sentidos envolvem seus estudos e, desse modo, analisar, a partir deles, a implicação na formação de pesquisadores negros e, até mesmo, abrir espaços dialógicos onde futuramente possa-se discutir sobre cotas para a Pós-Graduação nas universidades públicas.

Os que pensam que a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica, e não racista, não fazem esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica. Ao separar raça e classe numa sociedade capitalista, comete-se um erro metodológico que dificulta as suas análises e os condena ao beco sem saída de uma explicação puramente economicista. (MUNANGA, 2009, p 19)

A sociedade brasileira é concomitantemente multicultural e racista. É interessante diferenciar as questões para que não se confundam as especificidades e, ao mesmo tempo, fortalecer os pontos de encontro possíveis desta rede diversificada da atualidade no que diz respeito às desigualdades sociais e às etnicorraciais.

De acordo com Munanga (2006), é difícil encontrar respostas a questionamentos como: Quem são os brasileiros? O que nos torna brasileiros e brasileiras? O que é o Brasil? Poder-se-ia responder sob uma perspectiva econômica, social, sócio-cultural, contudo, todas as respostas por definição estariam incompletas, posto que, cada uma delas considera apenas alguns aspectos da realidade. O autor ainda ressalta que é preciso conhecer a cultura e a história dos diversos povos que aqui estiveram e que fazem parte do nosso imaginário. Linhares (2009) pontua, por exemplo, que a Constituição do Brasil demanda outros olhares, percepções e configurações em que se ampliam os espaços de dignificação da vida e dos viventes. Ocorre uma mutilação quando esses espaços das diversidades são reduzidos pelas homogeneizações em diferentes aspectos.

A História do Brasil foi, muitas vezes, escrita e pensada pela teoria da hierarquização da humanidade e apresentada como científica, “verdade”, estando a população negra posicionada abaixo e a europeia, no topo. A hierarquia humana tem como base a apropriação da biologia em detrimento das diversidades. De acordo com Todorov (1993), o racismo é a maneira vertical de se pensar a cultura; é a base da ação de discriminar do racismo. O autor descreve o etnocentrismo como a base de uma pseudociência utilizada no processo de colonização dos povos colonizados que influenciaram os valores humanos universais. A discussão do que é particular e do que é universal foi um campo importante para se trabalhar com a diversidade humana, porém, no decorrer da história, foram impostas, inculcadas, impregnadas, a partir de teorias racistas, o universal em detrimento do que é particular e diferente. O racismo e o racismo se tornaram legítimos, transformando-se concretamente em desigualdades nas relações sociais.

A etnologia foi construída no processo de colonização, que faz parte do valor no descrever o outro, considerando o diferente como inferior à cultura europeia – colonizador. Já Oliveira (2007) relata como os teóricos brasileiros, influenciados pelos teóricos franceses, promovem o desaparecimento dos negros e dos indígenas entre as últimas décadas do século

XIX. Em suma, a construção da nação brasileira foi pensada de maneira homogênea e racista em uma época em que, a cada instante, foram se atualizando as assimetrias sociais e políticas. Oliveira (2007) afirma que:

(...) a apropriação de tais teorias por intelectuais brasileiros e as consequências dessa apropriação no Brasil contemporâneo, particularmente na educação, ao lado de fatores que se evidenciam na atualidade, contribui para manter as desigualdades raciais entre negros e brancos. (*ibidem*, 2007, p. 260)

A prática política de superioridade da denominada raça branca nesse momento histórico estava ligada à abordagem racial da população que, conforme discute Todorov (1993, p.26), “a brancura do rosto é uma prova de não barbárie. Eis uma ideia bárbara”. Esse lamento está presente no que diz respeito à identificação dos grupos étnicos, pois todos que não são parecidos com os colonizadores são chamados de bárbaros. Em outro momento, o pensamento de Todorov (*ibidem*, p.25) traz a seguinte reflexão: “Todos os homens são iguais, mas nem todos o sabem; alguns se crêem superiores aos outros, e é precisamente nisso que são inferiores; portanto nem todos os homens são iguais”.

Com o racialismo e o racismo surge o “universo dos fenótipos” definindo as raças em função da cor da pele (negros, brancos, e amarelos), como a textura do cabelo (lisos, anelados e crespos) ou mesmo tamanhos da caixa do crânio entre dolicocefalos ou braquicefalos, (re)criando variáveis e ideias questionáveis. Essa imposição começou no séc. XVI, quando os europeus conquistaram a América e consolidaram o tráfico de africanos, reduzidos à condição de escravizados no Novo Mundo. A partir daí, a combinação de escravidão, colonialismo e capitalismo marcou a imagem do homem branco ocidental como superior aos não brancos (que começaram a ver-se como não brancos) dos demais continentes.

Conforme Andrews (1998), as práticas formais e informais da República negaram a participação política da população. A tentativa para refazer o Brasil à imagem da Europa excluiu os afrobrasileiros desta sociedade. A naturalização dessas crenças racistas culminou em “perseguições” que infelizmente permanecem norteando atitudes e posicionamentos que não levam em conta a complexidade cultural de um país cuja matriz afrobrasileira está presente no processo de construção.

Siss (2008) demonstra a importância da formação continuada de professores, bem como dos espaços para estudos multidisciplinares e multiculturais sobre as especificidades negras em seus diversos aspectos. No campo da educação, no ensino médio e fundamental, a implementação da lei 10.639/03, de 09/01/2003, altera a LDB (Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional) 9394/1996 e estabelece a obrigatoriedade do estudo de história, cultura africana e afro-brasileira nos distintos níveis escolares, resgatando assim as contribuições dos negros para a História do Brasil.

Com o impacto da lei 10.639/03, emergem inquietações sobre o caminho tomado pelos estudos que vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores negros e negras. Quem são os negros e as negras que ascenderam dentro da vida acadêmica das universidades públicas? Quais os motivos da escolha profissional como atuantes na academia? Quais são os temas de suas investigações no mestrado e/ou no doutorado? O que despertou seus interesses e motivações para chegarem ao foco de estudo em suas pesquisas? Como se percebem em relação a sua cor? Quem são os pesquisadores negros e negras preocupados com as questões etnicorraciais?

A proposta desta dissertação de mestrado é analisar as produções e as pesquisas dos estudantes negros de cursos de mestrado e doutorado das universidades públicas na Baixada Fluminense: revelar o que os preocupa como pesquisadores, os sentidos que dão às suas pesquisas e que temas envolvem seus estudos; e ainda verificar quais desses pesquisadores

são moradores da Baixada Fluminense e como se denominam com relação à sua cor. O trabalho tem como referencial teórico-metodológico, Vygotsky (1991; 2002); e tem como referencial epistemológico, Morin (1983; 1995; 2002); além disso, utiliza as técnicas das unidades de sentido para operacionalização do campo de pesquisa com Rey (2003; 2005; 2007).

O interesse pelas diversidades etnicorraciais é o fio condutor desta pesquisa de mestrado, cuja tentativa traduz-se em compreender o sujeito contemporâneo e não simplesmente situá-lo a partir de estereótipos e enquadramentos. Ademais, compõe a perspectiva deste estudo, o aproximar-se do indivíduo inserido em seu contexto social e o entender como funciona sua dinâmica, como constrói seus sentidos, compartilhando significados, admitindo que a subjetividade se apresenta como um sistema complexo e é produzida, ao mesmo tempo, no nível social e individual, com vários interferentes. O que, segundo Dupret (2007), exige a utilização de uma metodologia de investigação que ajude a não usar os “comportamentos fossilizados” de referencial branco para análise do material coletado.

De acordo com Siss (2009), novas competências, estratégias e habilidades – não construídas no decorrer da formação inicial - são exigidas dos professores. Siss (2008) descreve que, até o fim dos anos 1980, a produção acadêmica envolvendo áreas como as relações etnicorraciais era pouco expressiva quantitativamente. Em contrapartida, a qualidade desses poucos trabalhos existentes era significativa.

A partir da primeira metade de 1990, o panorama dessa produção começa a se transformar quantitativa e qualitativamente. Essas transformações são propiciadas, por um lado, pelo aparecimento de novas pesquisas situadas na confluência das áreas entre educação brasileira e formação de professores inicial e continuada, pesquisas em que, em grande parte, se constituem como o resultado de discussões e análises elaboradas na segunda metade da década passada, tanto na academia quanto nos movimentos sociais, como o movimento negro nacional, o novo movimento sindical, o movimento feminista e os movimentos de mulheres negras para citar alguns. (*ibidem*, 2008, p.20)

No século XXI, na esfera do ensino superior, já se reconhece a importância das conquistas de espaços acadêmicos tendo como foco de discussão a temática etnicorracial e a necessidade de entender que a garantia da igualdade perante a lei, sem distinção de raça, de cor ou de origem nacional ou étnica no gozo dos direitos na prática, é dever de todos. Siss (2009, p 35) afirma que “a equidade como mecanismo promotor de justiça e não mais a igualdade, passa a ser a principal demanda dos afrobrasileiros e é na condição de diferentes, porém não desiguais, que eles vão demandar direitos frente ao Estado e a sociedade”.

É interessante se buscarem encontros possíveis em diversas perspectivas e teorias que fortaleçam o lidar e o tratar as diferenças de maneira mais justa. De acordo com Raws (2003), é necessária uma justiça que lance mão do conceito de equidade, já que, reconhecidamente, esse é um país de desigualdades sociais, culturais e econômicas. Em uma sociedade de justiça com equidade, os cidadãos se relacionam e se reconhecem como diferentes, entendendo de maneira equitativa a possível igualdade. Dessa maneira, a equidade é, na atualidade, a promotora da justiça.

Para Weis (2006), são raros os grupos humanos discriminados que se mantêm isolados, em silêncio, sofrendo as injustiças e demais violências, sem que haja uma denúncia em âmbito internacional e sem que alguma organização reivindique o respeito à dignidade humana e o estabelecimento da justiça social. Nesse sentido, poder-se-ia pensar que todo direito, por definição, seria direito humano. Contudo Weis (2006) esclarece que:

(...) tais direitos são denominados “humanos” não em razão da titularidade, mas de seu caráter fundamental para a vida digna, por terem em vista a proteção de valores e bens importantes para que cada ser humano tenha a possibilidade de desenvolver suas capacidades potenciais. (*ibidem*, 2006, p.20)

O autor também afirma que não basta saber quais e quantos são esses direitos (humanos), qual a sua origem e o seu fundamento, se são direitos naturais ou históricos, absolutos ou relativos, mas sim identificar o modo mais seguro para garanti-los e evitar que sejam continuamente violados.

Cada vez mais, ingressar na universidade, em específico na Graduação, ou ter o direito de sonhar com uma matrícula, apresenta-se como privilégio de poucos. A ideologia da meritocracia está no ambiente escolar e em toda a educação. Quando o assunto é Pós-Graduação, esse processo torna-se mais crítico e desigual. Além disso, agrava-se, pois é acrescido da massificação na busca da segurança, vinculada a concursos públicos, pelos sujeitos descontentes e desestimulados com seus baixos salários, e péssimas condições de trabalho. Ao mesmo tempo, a busca de qualificação profissional e a necessidade de não se tornar obsoleto para o mercado, é imperiosa. Em torno dessa situação, ocorre a multiplicação das desigualdades e a desvalorização da vida.

Os movimentos sociais e, de maneira específica, os movimentos sociais negros, o processo de construção de cidadania em nosso país e a educação estão diretamente interligados às conquistas de políticas públicas para as minorias políticas, seja dos negros, dos pobres, das mulheres, das mulheres negras, dos homossexuais e de todas as diversidades que podemos constatar em nossos tempos.

No passado, a falta de oportunidade já escreveu a história de muitos e, sem dúvida, ela se repete no Brasil no que diz respeito às discriminações sociais e etnicorraciais; mas foi a partir dos anos 80, que os movimentos sociais começaram a ganhar mais força e tamanho nas redes socioculturais e nas lutas sociais. Como se sabe, os movimentos sociais sempre existiram e continuarão a existir com possibilidade de organização e estruturação cada vez maiores para lidar com as diversidades e com os mecanismos de exclusão social e etnicorracial. Dos quilombos aos movimentos sociais negros contemporâneos, há histórias da existência e resistências dos negros no Brasil em diversos momentos, vistos de fora e de dentro do país, fazendo parte do imaginário do povo brasileiro, sendo ele consciente disto ou não.

Em três entrevistas com executivos negros transcritas em um artigo da revista *Raça Brasil* (2009), intitulado “No mundo executivo”, de Sonia Nascimento, cujo tema era a questão da ascensão social de trabalhadores negros no mercado executivo, pode-se observar os entraves na mobilidade ascendente dos negros nas empresas. O que chama atenção no artigo é que dois entrevistados, de maneira objetiva, eram contra as políticas de ações afirmativas etnicorraciais e localizavam o problema para os negros concorrerem ao mercado executivo na formação do nível básico e de currículo. Ao mesmo tempo, todos, de certa maneira, assumem que sofrem preconceito racial de algum modo, bem como assumem ter perdido oportunidades em razão da cor da pele. Um outro entrevistado não apresenta sua opinião sobre as questões negras propriamente ditas, mas fala do seu esforço pessoal para conseguir chegar aonde chegou, pontuando a maior exigência por conta da raça.

Os caça-talentos, *headhunters* e consultores afirmam ser rara a presença de negros concorrendo nesse campo, mas, apesar disso, uma consultora aponta nunca ter pensado no assunto racial e um outro consultor diz não se recordar de lutar para convencer a empresa a contratar um negro. Ele aponta que a deficiência é social e não acredita nas questões das cotas como solução para esse problema.

Sabe-se que a ascensão social dos negros está enraizada nas desigualdades etnicorraciais brasileiras e se relaciona com as lutas dos movimentos negros na conquista de políticas públicas e de reparação de injustiças cometidas, revertendo-os em favor de pleitos etnicorraciais. Ainda na revista supracitada, outro artigo traz uma entrevista com Abdias do Nascimento – que para parcela significativa de alguns pesquisadores é o maior ativista do movimento negro, atualmente com 95 anos, artista e intelectual - dizendo que quer ver o negro mandando neste país e que este é o sonho dele. Quando perguntado se deveria criar uma classe econômica e política negra forte, ele afirma: “Sim. Se o próprio negro não acreditar no negro, isso faz com que os negros que têm mais destaque na sociedade não dêem créditos aos que têm menos que eles” (PESTANA, 2009, p 15).

Dessa forma, a educação antirracista é fundamental e a sua importância sempre foi bandeira dos movimentos negros. É preocupante quando se vêem os negros e as negras que ascendem socialmente não se posicionarem em direção aos que não têm possibilidades, oportunidades ou chances como eles tiveram, ou ainda, o fato de os executivos não estarem, pelo menos nas entrevistas, a favor das ações afirmativas negras. Como sabemos, as políticas de ações afirmativas não nasceram espontaneamente, são conquistas, são resultados de lutas de vários anos por educação pública de qualidade para a população negra.

Portanto, torna-se fundamental que se faça uma reflexão mais aprofundada sobre o preconceito e a intolerância para com as manifestações da matriz afro-brasileira e, principalmente, no campo das relações que se estabelecem entre os negros e a universidade, abrindo espaço para referências científicas e modelos de pesquisa que dialoguem com o que é velado, misterioso e enigmático no corpo social, evitando o enquadramento e a cristalização de ações que se traduzem em *comportamentos fossilizados*, como diria Vygotsky (1988):

(...) formas fossilizadas de comportamentos são mais facilmente observadas nos assim chamados processos psicológicos automatizados ou mecanizados, os quais, dadas as suas origens remotas, estão agora sendo repetidas pela enésima vez e tornaram-se mecanizados. Eles perderam sua aparência original e sua aparência externa nada nos diz sobre a sua natureza interna. Seu caráter automático cria grandes dificuldades para análise psicológica. (*ibidem*, 1988, p. 84)

Para tanto, esta Dissertação apresentará a discussão do referencial teórico adotado, a pesquisa de campo e as considerações acerca de todo o estudo. Assim está organizada: inicialmente, na *Introdução*, são apresentados as motivações e o processo de contrução que ajudaram a chegar neste tema de pesquisa e as questões iniciais da temática abordada.

Em seguida, o primeiro capítulo, os *Movimentos sociais, educação e desigualdade e etnicorraciais* será dividido em três partes. Na primeira, o olhar será voltado para o *Brasil: um país com histórias* com a ajuda de intelectuais de fora do Brasil, os brasilianistas como são chamados, e os intelectuais de dentro do nosso país, na perspectiva de descortinar o imaginário social brasileiro no que diz respeito ao processo da busca da cidadania em uma sociedade estratificada, concomitantemente, com o papel dos negros e das negras na construção do Brasil. Pretende-se também oferecer visibilidade ao mecanismo de reprodução dos preconceitos raciais a partir de ideais eurocêntricos, nas relações familiares, nas instituições educacionais e comunitárias, tendo seu grande marco o mito da democracia racial no Brasil, quando se acreditava que esse país era exemplo de sociedade miscigenada sem preconceitos.

Na segunda, serão visitados os *Movimentos sociais negros: histórias, tensões, lutas e desafios* e levados ao palco os lugares dos movimentos sociais de fronteiras e os embates importantíssimos nas histórias de desigualdade do Brasil no que diz respeito à conquista da cidadania e da educação para todos. Serão utilizados, como atores principais, os movimentos

sociais negros e suas lutas por direitos igualitários de maneira equitativa, reconhecendo o Brasil como um país de origem colonial e escravocrata, motivo pelo qual os negros, através de suas ações coletivas, assumiram como bandeira importante a visibilidade das assimetrias sociais e etnicorraciais, a complexidade da reprodução do racismo e o reivindicar de *políticas públicas etnicamente enviesadas*.

Para finalizar, a terceira parte, *Os negros e as universidades*, vai refletir sobre o lugar dos negros no campo da educação no século XXI a partir da lei 10.639/03, tendo como desafio a necessidade de apresentar um imaginário escondido sobre existência, persistência e resistência dos negros e suas especificidades. Com esse cenário, será apresentado o lugar fundamental da Pós-Graduação - mestrado e doutorado - das universidades públicas na sociedade brasileira. Será discutida sobre a importância dos intelectuais negros que conseguiram e conquistaram mobilidade vertical acadêmica e também as dificuldades de abertura e de diálogo nesses espaços sociais no que diz respeito aos preconceitos raciais.

No segundo capítulo, será abordado *Subjetividades e identidades: contribuições para um diálogo da atualidade*, caracterizando, inicialmente, *De que lugar se fala da Ciência?:* a partir da teoria da complexidade de Morin (2002) e de outros referenciais mais flexíveis com possibilidade de uma razão aberta ao diálogo com outros saberes e produções de conhecimentos, acreditando que a flexibilidade é um critério que possibilita um estado de maior atenção aos comportamentos fossilizados, às ideologias eurocêntricas e aos preconceitos acadêmicos. Na segunda parte, sabendo que não é possível falar de realidade sem considerar o sujeito que a constitui e, ao mesmo tempo, é constituído por ela, será conduzida uma reflexão sobre o sujeito na contemporaneidade, a partir das *Contribuições da psicologia sócio-histórica*, ainda seguindo a direção da necessidade de outros referenciais teóricos e científicos para se pensar a complexidade das questões etnicorraciais, a sua importância e a contribuição para a construção do conhecimento científico. Dessa forma, na terceira parte, serão apresentadas outras maneiras de enxergar as *Dimensões da subjetividade e questões identitárias* na história, as quais possibilitam o afastamento de uma forma determinada de compreender os fenômenos psicológicos e sociais a qual parte de blocos deterministas de caráter social ou individual e, por outro lado, a uma aproximação de uma subjetividade individual e social, que se constitui ao mesmo tempo, e uma identidade hibridizada, fragmentada - não mais unificada - com diversas possibilidades de identificações, sendo ambas flexíveis a assumir várias posições de sujeitos na atualidade.

O terceiro capítulo, *Teoria e metodologia como processo*, entra definitivamente no campo de pesquisa, trazendo um debate inicialmente com *contexto histórico: debates e perspectivas*, em que contextualizamos o debate a respeito da metodologia para os fenômenos psicológicos e, ao mesmo tempo, haverá um aprofundamento a respeito da metodologia vygotskyana como uma outra possibilidade, apresentando os princípios metodológicos para os estudos dos fenômenos psicológicos, visto que esse autor é responsável por uma ruptura importante dentro da psicologia no que diz respeito tanto à maneira de olhar para os fenômenos quanto ao processo de analisá-los, contrapondo-se assim a uma pesquisa clássica dominante denominada de uma “ciência dura”. Para finalizar este capítulo, serão discutidas as *Representações sociais e as construções das unidades de sentido sugeridas por Rey*, apresentando o campo das representações sociais como uma importante conquista para o espaço da zona de sentido dos fenômenos, trazendo as divergências e a congruência dos trabalhos das representações sociais de maneira específica na psicologia social no que diz respeito ao lugar das emoções nas representações sociais e a dinâmica dos processos subjetivos. Assim, a partir de uma epistemologia qualitativa, chamar a atenção ao risco de legitimar o qualitativo por meio dos instrumentos da pesquisa e não pelo processo que caracteriza a produção do conhecimento.

O quarto e último capítulo, trata do campo em que foi realizada a pesquisa com os mestrandos e doutorandos negros das universidades públicas da Baixada Fluminense. No primeiro momento, trata-se das *Universidades públicas da Baixada Fluminense*. e questiona-se: *Quem são elas? Quais os cursos de mestrado e doutorado oferecidos?*. Depois, são feitas *Revelações do campo*. Esse tópico detalha o processo de campo, impressões, criatividade e interferências para contruir este trabalho de dissertação. Juntamente com esta visibilidade do processo, serão descortinadas as configurações das universidades públicas da Baixada Fluminense, especificamente dos programas de mestrado e doutorado dessas universidades no que tange a temática etnicorracial. Concluindo este capítulo, serão elencados as *configurações e as unidades de sentidos* construídos a partir das entrevistas dos alunos e será feita a análise dos resultados da pesquisa. Tecendo *as considerações finais*, encerra-se este trabalho de pesquisa de mestrado. Nos *Anexos* estão presentes: Tabelas Quantitativas por Cursos, Entrevistas, Gráficos Mestrado e Doutorado por Universidade, Gráficos Total Pós-Graduação, Gráficos das Entrevistas, Gráficos das Desistências, Gráficos de Moradia, Gráficos de Autoidentificação e Identificação e por fim os Dados Quantitativos.

1 MOVIMENTOS SOCIAIS, EDUCAÇÃO E DESIGUALDADES ETNICORACIAIS

1.1 Brasil: Um País com Histórias

(...) os negros e negras vivenciam experiências comuns ao longo do ciclo de suas vidas, derivadas do racismo, do preconceito e da discriminação... Esta disparidade não contribui para um país democrático... representa uma perda para toda nação, mesmo para integrantes do grupo discriminador, que se torna limitado no ponto de vista humanitário, cultural e até mesmo econômico. (PAIXÃO, 2006, p. 13-15)

A independência do Brasil foi, segundo Carvalho (2008a), pacífica. Tratou-se de uma negociação entre a elite nacional, a coroa portuguesa e a Inglaterra: mantendo-se um rei, seria possível, de acordo com a elite, manter a ordem social e a união das províncias. O papel do povo foi mais decisivo em 1831, quando o imperador foi forçado a renunciar. A independência constituía um avanço para os direitos políticos, porém a manutenção dos africanos reduzidos à condição de escravo era um fardo para os direitos civis.

Nessa época da independência, o Brasil era inspirado por direções opostas à América republicana e à Europa monárquica. A constituição de 1824 regeu o país até o final da monarquia estabelecendo três poderes, o executivo, o legislativo e o judiciário, e criou um quarto poder, o moderador, que era privativo do imperador. A constituição regulou os direitos políticos e, para a época, era bastante liberal sobre quem poderia votar. As mulheres e os escravizados não eram considerados cidadãos e não votavam, mas todos os homens de 25 anos ou mais que tivessem renda mínima de 100 mil réis tinham direito ao voto. Tal direito caía para 21 anos quando havia independência econômica como, por exemplo, os oficiais militares e os funcionários públicos, e ainda permitia-se que os analfabetos votassem. A Lei permaneceu quase sem mudanças até 1881, havendo eleições ininterruptas até 1930, exceto em escassos momentos como a guerra do Paraguai e a proclamação da república.

Conforme a análise de Carvalho (2008a), o fator mais prejudicial para o processo de cidadania era o escravizado, presente em todas as classes da sociedade. O Estado, funcionários públicos, padres e os próprios libertos adquiriam escravizados, que não eram cidadãos, mas sim propriedade, e, para os livres, faltavam direitos civis e educação. Não se pode dizer nem que os senhores eram cidadãos, uma vez que eram livres, visto que faltava também o próprio sentido de cidadania e de igualdade de todos perante a lei. As mulheres e os escravizados não tinham acesso à justiça para se defenderem. Assim, não existia um poder a que se poderia chamar de público. Os direitos civis eram de poucos, os direitos políticos de pouquíssimos e os sociais ficavam à mercê da “caridade” religiosa da igreja.

De acordo com Skidmore (2003), no Brasil de 1822, a escravidão era central na economia de todas as regiões. Em 1850, o país - sob a pressão externa, principalmente da Inglaterra e da França, juntamente com as revoluções internas do país - se afasta do cenário mundial no que diz respeito à escravidão e clama por abolição. Diferente dos EUA, os defensores da escravidão no Brasil diziam que esta era fundamental para economia e não usavam, num primeiro momento, os discursos e os argumentos racistas. Porém, a elite branca falava como se seu país não tivesse tal história racial, sendo que já crescia a maioria de escravos libertos e a sociedade brasileira livre sempre foi multirracial. Segundo Skidmore (2003, p. 83), “(...) o debate da abolição envolvia mais do que a instituição legal da escravidão (...) tornava-se cada vez mais claro, ela envolvia uma reavaliação da visão que os brasileiros tinham de si mesmos”.

Carvalho (1993; 2009) reflete sobre a construção do imaginário brasileiro a partir da República do Brasil e da Monarquia Brasileira e descreve como hoje, em nosso cotidiano democrático, estamos encharcados de memórias, leis, mitos, imagens, frases, conceitos, “verdades”, histórias inventadas e construídas em torno do processo de democratização que fica visível nos monumentos históricos espalhados em toda cidade, em nossas criações do cotidiano, na forma de pensar o nosso país e de nos relacionarmos. Carvalho (2008b) ainda escreve um artigo para Biblioteca Nacional intitulado “E D. João resolve... ficar!: um exercício imaginário sobre o destino do Brasil caso a corte não tivesse vindo.” Aliás, que Brasil? O autor mostra as nuances da relação entre Portugal, Inglaterra e França e como está presente em nós todo esse imaginário desde o início da monarquia no Brasil, e afirma que, nessa época, não havia pátria muito menos cidadãos brasileiros. Segundo Carvalho (2008b), de 1500 a 1822, três séculos de colonização, os portugueses encontraram um enorme país, deixaram população analfabeta, uma sociedade escravocrata, economia de monocultura e latifundiária e um estado absolutista.

Carvalho (2008a) arrisca uma divisão com relevância da História do Brasil a partir do processo da cidadania. O autor sublinha que a primeira parte desse processo vai da independência, em 1822, até o final da primeira república, em 1930, relatando que, do ponto de vista da cidadania, a única alteração importante foi a abolição da escravidão em 1888. Mesmo sendo uma farsa no sentido real, houve a incorporação dos escravizados aos direitos civis, porém em sentido meramente formal, pois, “(...) no imaginário social brasileiro, negros e mestiços são portadores de uma cidadania de segunda classe” (SISS, 2009, p. 24). Na segunda parte, que inicia em 1930 e encerra em 1964, podemos dizer que houve uma aceleração das mudanças sociais e políticas e, dessa maneira, pode-se pensar que a história começou a andar mais rápido. Criou-se o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e a legislação trabalhista e previdenciária, favorecendo um forte impulso aos direitos sociais. A dinâmica dos direitos políticos foi mais complexa, alternando-se entre ditaduras e regime democrático da Era Vargas. Na terceira parte (1964 a 1985), os direitos civis e políticos foram restringidos com violência. Nessa fase, os pobres ficaram mais pobres e os ricos ficaram muito mais ricos. O aumento da desigualdade não era evidente na época, entretanto o governo militar investia em alguns direitos sociais.

Andrews (1998), em seu livro sobre negros e brancos em São Paulo, inverte o título do livro e toda a argumentação de Florestan Fernandes (2007) “Brancos e negros em São Paulo na década de 50” e traz perspectivas comparadas sobre o trabalho de Gilberto Freire (2006) da década de 20, que recebeu mérito na época ao colocar o Brasil como um país onde está presente uma democracia racial, como se o Brasil, sem identidade, se identificasse com o espelho do mito narcísico chamando o mundo para nos olhar e aprender conosco sobre miscigenação, bem como se o Brasil se caracterizasse como uma sociedade sem preconceitos raciais. Ao mesmo tempo, Andrews (1998) ainda pontua em sua análise sobre Florestan Fernandes o fato de o mesmo ter sido responsável em verificar para a UNESCO a implementação das ideias políticas de Freire (2006) em terras brasileiras, ou melhor, constatar sua realidade, pois plainava no clima da época a convicção sobre democracia racial no Brasil. Fernandes (2007) fez um ótimo trabalho nos anos 50 mostrando, a partir de seus estudos, o mito da democracia racial no Brasil, quando afirma que “surgiu no Brasil uma espécie de preconceito reativo: o preconceito contra o preconceito ou o preconceito de ter preconceito” (*ibidem*, 2007, p. 61).

Para Andrews (1998), Freire, nas últimas décadas de sua vida, moveu-se para a direita, apoiando a ditadura militar e, juntamente com ela, não permitia a ninguém questionar a democracia racial brasileira. Skidmore (2001, p 12) afirmou “o pot-pourri étnico do Brasil de Freire era uma imensa vantagem. Ele estabeleceu um impressionante dispositivo de provas científicas em apoio a esse ponto de vista”. Seu grande crítico, Fernandes (1920-1995),

intelectual respeitado pela sociedade brasileira, produziu livros e artigos atacando o mito da democracia racial no Brasil. Cassado como professor da Universidade de São Paulo na época da ditadura, precisou se retirar para os Estados Unidos, voltando para seu país em 1986 quando teve participação ativa na Constituição de 1988.

Para Andrews (1998), as singularidades e similitudes entre os dois autores ilustram fatos importantes sobre as relações raciais no Brasil. Uma das singularidades era que Freire acreditava que a escravidão teve um caráter positivo para o desenvolvimento do país, enquanto Fernandes a percebia como uma barbárie, destrutiva para o desenvolvimento do país. Entretanto, os dois autores teriam uma visão otimista em relação às desigualdades etnicorraciais na atualidade. Ainda conforme Andrews (1998), para Fernandes, que tinha orientação marxista, apesar da escravidão ser uma ferida profunda para o Brasil, a dominação da raça branca iria se apagando pouco a pouco com o desenvolvimento do capitalismo e com a “revolução burguesa” do século XX. Dessa maneira, as desigualdades etnicorraciais - herança da escravidão - desapareceriam com o tempo e ficariam cada vez mais distantes do período da escravidão. Freire já acreditava que o Brasil estava trilhando o caminho do desenvolvimento positivo e progressivo. Andrews (1998, p 28) relata que “Freire argumentou que o Brasil proporcionou o ambiente ideal para a mistura racial entre os senhores europeus e os escravizados. A Ampla miscigenação “dissolveu” qualquer vestígio de preconceito racial...”.

Hasenbalg (2005) reflete sobre as diferenças entre as duas teorias que estudam as desigualdades sociais: a da estrutura de classe e a da estratificação social. A primeira é originária da tradição marxista, voltada para certo modo de produção em que a propriedade privada encontra-se presente e atuante; dessa forma, as relações sociais se organizam com base na exploração. As classes sociais para Marx são duas fundamentais: a burguesia, que é a dona dos meios de produção, e o proletariado, que fabrica mercadoria a partir da sua força de trabalho. Assim, existem duas classes sociais fundamentais e os indivíduos são suas posições nestas classes as quais já se encontram estruturadas no sistema.

A segunda, no caso o campo da estratificação social, já possui mais flexibilidade e complexidade, por se referir a funções, formas e consequências de um sistema de desigualdade social estruturante. Existem dois sentidos: um seria a distribuição de recompensas e privilégios, e outro, mais dinâmica, o processo individual de possuir status, bem como a transmissão das desigualdades sociais. A questão da raça é compreendida, na primeira abordagem, pela perspectiva da falta de mobilidade social devido às desigualdades sociais dos negros e, na segunda, como a existência de uma estratificação sociorracial que prevalece sobre a estratificação socioeconômica.

Consoante Hall (2006, p. 55), “(...) as sociedades da modernidade são caracterizadas pela “diferença”. Elas são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” - isto é, identidades - para os indivíduos”. Nesse caminho, essa pesquisa trabalha com o conceito de *negros*. Como identificar os negros num Brasil tão miscigenado? Essa é uma pergunta que sempre circula de diversas maneiras e em várias circunstâncias, tanto sociais como acadêmicas. De acordo com Santos (2007), não há uma diferença significativa na classificação de preto ou de pardo no Brasil em termos de obtenção de bônus ou ônus social. A categoria racial “negros”, no que tange a situação socioeconômica dos pretos e pardos, não apresenta diferença significativa, contudo, quando se compara ao grupo racial branco, as diferenças emergem bastante significativas, pois, neste momento, as diferenças se transformam em desigualdades.

O termo “raça” não deve ser entendido como conceito biológico, já que não é uma realidade natural, não estabelece hierarquias naturais entre os seres humanos da mesma forma que características biológicas de um ser humano não determinam características culturais, sociais, psicológicas. As pessoas passaram a crer que existem raças no plural, a branca, a

preta, a amarela, a indígena, as quais são utilizadas oficialmente pelo IBGE - órgão oficial do governo brasileiro – e assim, embora raças não existam cientificamente, elas existem socialmente. Nesse sentido, é possível dizer que existem raças. Por isso, pode-se inferir que “negros” é raça construída socialmente, não é herança genética, e inclui pardo, mestiço, afrodescendente, afro-brasileiro. Ao mesmo tempo, preto é cor de pele associada ao fenótipo. Nesse caso, os negros são identificados pelo fenótipo, pois o preconceito etnicorracial está associado a essa imagem.

Ao mesmo tempo, é seguida uma perspectiva que leva também em conta a compreensão das “diferenças dentro das diferenças” (SANTOS, 2001) e a compreensão do desafio acerca dos discursos que constroem visões estáticas, dicotômicas e homogêneas dos sujeitos. Os negros, especificamente os pesquisadores negros da Baixada Fluminense, possuem o direito de se identificar da forma que se enxergarem a partir de suas subjetividades.

Conforme Dupret (2007), é preciso atentar para o universo social brasileiro presente em cada um para que todos possam se desprender de pensar sobre o negro inferiorizando-o e limitando-o apenas aos comportamentos de resistência. É necessário começar a entender suas manifestações a partir da sua existência, expandindo seu poder de transformar a sociedade e os cidadãos que vivem nela. A partir da educação e da prática educacional, podemos deflagrar o imaginário social brasileiro? Como ajudamos a construção de posturas e espaços institucionais dialógicos em nossa sociedade, onde as presenças do existir e do resistir dos sujeitos negros na diáspora ganham visibilidade? Conforme Siss (2003, p. 113), “Johnson afirmou enfaticamente que não se pode pegar uma pessoa que, durante anos, permaneceu acorrentada, libertá-la e trazê-la a linha de partida de corrida e depois afirmar ‘você está livre para competir com os outros’ e ainda acreditar que está agindo com justiça”.

Para ajudar a compreender a complexidade que envolve as relações etnicorraciais no Brasil, refletir em como os preconceitos se reproduzem na sociedade, como eles foram e ainda são construídos no imaginário social e, principalmente, como estão presentes em nossos comportamentos fossilizados, será observada a instituição social escola. Mais especificamente, em um recorte nos anos 60 e 70, quando surge uma crítica à visão de escola ingênua que, em vez de democratizar, reproduz diferenças sociais, tornando-se uma instituição altamente discriminatória e repressiva. Bourdieu e Passeron (2008b) são os teóricos importantíssimos dessa corrente de pensamento. Sua teoria ajuda a compreender como os atos de racismos nas escolas e nas universidades são construídos e reproduzidos nas relações familiares e nas instituições escolares através da ação pedagógica violenta e não ingênua. A suposta neutralidade sobre o tema etnicorracial veste uma capa da ingenuidade homogêneoando as subjetividades:

(...) Toda ação pedagógica quer esta seja exercida por todos os membros educados de uma formação social ou de um grupo (educação difusa); quer pelos membros do grupo familiar aos quais a cultura de um grupo ou de uma classe confere essa tarefa (educação familiar); ou pelo sistema de agentes explicitamente convocado para esse fim por uma instituição com função direta ou indireta, exclusiva ou parcialmente educativa (educação institucionalizada). Ou ainda, salvo especificações expressa que essa ação pedagógica vise a reproduzir o arbitrário cultural das classes dominantes ou das classes dominadas. Dito de outra maneira... encontra-se definido que elas convêm de toda a formação social, entendida como sistema de relações de força e de sentido entre grupos e classes...a ação pedagógica escolar reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir as estruturas das relações de força, numa formação social onde o sistema de

ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência simbólica legítima. (BOURDIEU E PASSERON, 2008b, p. 27)

Há justificativas diversas para mostrar que atos racistas contra os negros não acontecem, como se existissem apenas enganos e mal entendidos. Muitas vezes, os próprios negros participam dessas práticas de reprodução sem se dar conta do que estão fazendo. Como essa construção cultural está presente em todos, independente de ser branco ou negro, a reprodução de comportamentos preconceituosos e racistas pode acontecer partindo de brancos e de negros contra os negros. Por exemplo: xingamentos, brincadeiras e apelidos no cotidiano da escola, muitas vezes interpretados somente como brincadeira de criança; apresentação de imagens caricatas de crianças negras em cartazes ou textos didáticos; métodos e currículos aplicados que parecem, em parte, atender ao padrão dominante em que não há espaços para as questões que dizem respeito às especificidades negras; posturas preconceituosas de professores que discriminam negativamente alunos negros nas relações que se estabelecem dentro das salas de aulas. Siss (2003) afirma que, destacando o fato da sub-representação dos negros nos lugares de poder no campo da educação, a situação de periculosidade educacional e emocional se intensifica para os negros no Brasil.

As imagens negativas, criminosas e violentas que a sociedade criou dos negros são muito fortes e protegidas nessa cultura racista. Diante dessas imagens, que apresentam somente ônus, há de se imaginar que esse mecanismo facilita a reprodução de comportamentos fossilizados e a construção de uma subjetividade negativa para os negros, evitando, assim, por exemplo, até mesmo que os negros possam se identificar com os negros, fato que leva ao enfraquecimento desse grupo étnico que é maioria no Brasil e fortalece os privilégios das minorias da população. Pode-se dizer que, fomentando esse enfraquecimento, o país desperdiça seu maior potencial criativo e de força social e cultural.

A visão das relações de poder de Bourdieu e Passeron (2008b) e como nessas relações se reproduzem preconceitos presentes no capital cultural combina com a visão de Foucault (2000) quando este diz que o poder produz realidade antes de reprimir e verdade antes de idealizar, antes de abstrair e de mascarar. A mecânica do poder define a forma de dominação do corpo dos outros não para que se faça o que se quer, mas para que opere como querem, fabricando assim corpos submissos e dóceis. O poder não tem essência, ele é operatório. Não é atributo, mas relação de forças, que passa tanto pelas forças dominadas quanto pelas dominantes, ambas constituindo singularidades. Foucault (2000) fala sobre técnicas sempre minuciosas, muitas vezes íntimas, mas que têm sua importância porque definem certo modo de investimento político e detalhado do corpo, uma nova “microfísica” do poder. Tais técnicas não cessaram de ganhar campos desde o século XVII, cada vez mais vastos como se tendessem a cobrir o corpo social inteiro.

De acordo com Bourdieu e Passeron (2008b), a cultura e os sistemas simbólicos impõem significados legítimos por meio das instituições totais e das relações familiares e comunitárias, assim o poder legitima a ordem vigente, torna homogêneo o comportamento social. O *ethos* refere-se a um sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados que contribuem para definir, entre outras coisas, a atitude face ao capital cultural e à instituição escolar. O *habitus* é inculcados desde a infância através de um trabalho pedagógico realizado pela família e depois pela escola, o qual perpetua as normas de condutas que a sociedade espera ser internalizada. Para Bourdieu e Passeron (*ibidem*), toda ação pedagógica, tanto familiar quanto escolar, é uma violência simbólica por exercer um poder encharcado de um arbitrário cultural. A educação difusa, escolar e institucional, trabalha para a reprodução das relações de força que são constitutivas das formações sociais.

É possível dizer que um dos mais importantes conceitos de Bourdieu e Passeron (2008) é o de violência simbólica. Um conceito que deflagra a autonomia e a dependência nas

relações simbólicas frente às relações de força. Sobre esse tema afirma Bourdieu e Passeron (2008, p. 25) que “Todo poder de violência simbólica, isto é, todo poder que chega a impor significações e a impô-las como legítimas, dissimulando as relações de força que estão na base de sua força, acrescenta sua própria força, isto é, propriamente simbólica, a essas relações de força”. A violência simbólica se expressa na interiorização da cultura dominante, reproduzindo as relações sociais. O dominado não se opõe ao seu opressor, já que não se percebe como vítima desse processo: ao contrário, o oprimido considera a situação natural e inevitável.

Segundo Bourdieu e Passeron (2008), a liberdade criadora dos sujeitos está dentro de princípios de ação simbólica. Quando se fala em violência, associa-se a agressões físicas como o espancamento, as prisões ou as ameaças de morte. Já na violência simbólica, as pessoas são levadas a agir e a pensar de uma determinada maneira imposta sem se dar conta que agem e pensam de forma coagida.

A maior crítica ao pensamento de Bourdieu e Passeron (2008) é o fato de eles possuírem uma visão pessimista das relações e do mundo. Ao mesmo tempo, os sociólogos franceses possuem o mérito de desfazer a ilusão da autonomia de um sistema de escola. Eles criticam a ação pedagógica passada como não violenta, com aparência de neutralidade. Sua teoria permite a análise das diferenças sociais além do aspecto econômico existente nas diferenças de classes, mas aponta outros tipos de diferenças culturais como, por exemplo, a observação de categorias sociais sob forma de representação social e não como realidades naturais em si mesmas. Para Irineu (2005), analisar classes sociais apenas sob o aspecto socioeconômico favorece uma percepção do fenômeno de maneira universalista. A fim de uma visão mais coerente, é preciso buscar subsídios no conceito de classe e de espaço social de Bourdieu e Passeron (2008), que, além de combinar com o estudo das diversidades, possibilita a análise das desigualdades de maneira particularizada. Pontua Paixão (2006, p. 19) que “(...) os conflitos étnicos, raciais e religiosos não são inerentes à natureza humana, sendo passíveis de serem evitados e superados mediante ações políticas e sociais”.

1.2 Movimentos Sociais Negros: Histórias, Tensões, Lutas e Desafios

(...) o pós-modernismo: sua total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico... ele responde de uma maneira bem particular, ele não tenta transcendê-lo, opor-se a ele e sequer definir elementos “eternos e imutáveis” que poderiam estar contidos nele. O pós-modernismo nada, e até espoja, nas fragmentárias e caóticas correntes de mudanças como se isso fosse tudo que existisse. (HARVEY, 1993, p 49)

A diversidade, a desordem e o múltiplo sempre estiveram presentes na trama histórica foucaultiana, mas o que se busca modificar com a pós-modernidade é o tratamento, o olhar, o espaço, a percepção, o cuidado e, principalmente, a abertura e a atenção às múltiplas vozes e timbres que por séculos foram silenciados, entretanto estão corporificados atualmente em sua existência e resistência nas mulheres, nos negros, nos gays e na luta dos povos colonizados por suas especificidades.

Harvey (1993) relata que o pós-modernismo tem seu essencial valor em reconhecer as “(...) múltiplas formas de alteridade que emergem das diferentes subjetividades, de gênero e de sexualidade, de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos, espaciais e temporais” (HUYSSSENS, 1984, p. 50 apud HARVEY, 1993, p.109). Também, em suas reflexões, descreve que há mais continuidade que diferenças entre a ampla história do modernismo e o movimento denominado pós-modernista. O movimento pós-moderno é visto pelo autor como uma crise

do modernismo que deflagra, desvela o lado fragmentário, desorganizado, e, a partir disso configura-se um profundo ceticismo com o eterno e o imutável. Hall (2008) também é enfático ao postular que

Mesmo que o pós-modernismo não seja uma nova era cultural, mas somente o modernismo nas ruas, isso, em si, representa uma importante mudança no terreno da cultura rumo ao popular – rumo às práticas populares, práticas cotidianas, narrativas locais descentramento de antigas hierarquias e de grandes narrativas. (HALL, 2008, p. 319)

O debate sobre a crise da modernidade traz as questões sobre a racionalidade científica como sendo a única legítima. Outras produções de conhecimentos vieram à tona nesse mar de diversidades trazendo temáticas sobre a realidade das mulheres, das religiões, das seitas, das culturas populares. Essas outras racionalidades estão presentes no campo da experiência da participação em lutas, movimentos sociais e culturais, esbarrando em questões importantes, complexas e delicadas na construção de nossa sociedade. Dessa forma, traz-se à superfície a relevância dos movimentos sociais e suas configurações de acordo com o momento histórico no que diz respeito à busca pela cidadania e pela educação no Brasil.

Gohn (2004) afirma que os movimentos sociais sempre existiram e sempre existirão, pois são forças sociais organizadas que unem pessoas para o campo da atividade e experimentação social e que possuem potencial de criatividade e ação socioculturais. De acordo com Andrews (1998), os movimentos sociais negros potencializam sua ação na vida social brasileira a partir da década de 80 do século XX.

Gohn (2009a) salienta que a união entre a educação e os movimentos sociais se configura em torno da questão da cidadania. No século XVII, a economia clássica propõe o cidadão passivo; já chegando ao século XIX, dirige-se a todos: as massas são feitas para serem disciplinadas e domesticadas; e no século XX, ascende o conceito de cidadania a partir da revolução francesa, quando os deveres do cidadão, isto é, do burguês, eram mais enfatizados do que seus direitos. Sobre o momento atual, afirma Gohn (2009c, p 70) que “(...) há uma pluralidade de movimentos que se diferenciam não apenas por suas causas, demandas e anos de existências, mas também por seus projetos e suas visões de mundo por seus objetivos e suas articulações – internas e externas - na busca de direitos e cidadania.”

Atualmente, já é possível dizer que os cidadãos coletivos nos movimentos sociais são os que reivindicam o interesse da coletividade de diversas naturezas, por exemplo, negros, mulheres, mulheres negras, homossexuais. A cidadania é vivida como processo nas sociedades contemporâneas. Com a ajuda dos movimentos sociais que sempre tiveram um caráter educativo, os direitos vão sendo reivindicados e conquistados; ao mesmo tempo, oferecem a transparência da complexidade da construção dos direitos civis, políticos, sociais, humanos e identitários em um país de desigualdades sociais e étnicorraciais.

Tourane (1988) apresenta as características gerais dos movimentos sociais na América Latina e as descreve em três sentidos muito importantes:

- O primeiro sentido seria o de que “movimento social é a defesa nacional de interesses coletivos” (*ibidem*, 1988, p 182), e que se posiciona, como se fosse possível, a partir de uma onipotência, a fim de definir os interesses em si mesmos e defendê-los. Acabasse, nesse caso, dando importância e focando posicionamentos macros de integração nacional e/ou de luta contra dependência externa.

- O segundo sentido seria o de que “movimentos sociais seriam reações à acomodação (...) quando as instituições políticas não têm capacidade de realizar os ajustes necessários” (TOURANE, 1988, p 182), sendo que a maior parte dos movimentos sociais nasce para derrubar muralhas, barreiras. Cabe destacar que, para Gohn (2009c), em sua análise sobre

Touraine, os movimentos sociais, na luta por educação, não propõem substituir o Estado em suas obrigações, mas exigir que ele cumpra seu dever. Essa segunda abordagem sublinha o caráter das lutas sociais e de todas as estratégias de lutas, radicais ou não, dos movimentos civis de cada época.

- O terceiro e último sentido é muito importante, pois concebe o movimento social enquanto “conflito social que opõe formas sociais de lutas contrárias de utilização dos recursos e dos valores culturais. Seja da ordem da economia, do conhecimento ou da ética” (TOURAINÉ, 1988, p. 182).

Gohn (2009c), refletindo sobre as novas teorias dos movimentos sociais e apresentando as contribuições de Touraine, questiona as compatibilidades de temas, tais como inclusão social, não se detendo apenas ao setor econômico, mas ampliando as questões para as diversidades culturais. Touraine (1988) ajuda a pensar a possibilidade desses movimentos coletivos não se restringirem às particularidades e especificidades somente, mas, para além disso, que possam intervir na formação das políticas gerais de transformação da vida social. Faz-se necessário encontrar, no momento presente, pontos de convergência entre os movimentos sociais contemporâneos, para que haja união e para não ficarmos apenas com o foco nas nossas diferenças e, dessa maneira, haver um fortalecimento das forças sociais em busca de justiça. Os direitos culturais, segundo esse autor, estão se colocando acima dos sociais e políticos sem eliminá-los.

Os movimentos sociais e o seu caráter educativo estão diretamente ligados à modificação da relação de assistência e de direitos sociais no Brasil. A partir da cultura política participativa e da construção de teias de organizações, os movimentos mobilizam-se em torno do resgate e da conquista dos direitos em oposição às mais diversas formas de discriminação, como as de gêneros e raça.

Como exemplo, pode-se fazer um pequeno recorte dos movimentos de mulheres e dos movimentos de mulheres negras para que sejam entendidas as complexas redes que se formam e a importância das especificidades e da ampliação dos direitos e das lutas contra a discriminação relacionada a gênero, raça e suas diversidades. Segundo o Boletim da ABONG (Associação Brasileira de ONGs), de 2006, dados empíricos sobre os movimentos sociais e as organizações associativas da sociedade civil têm demonstrado que as mulheres são contingente principal entre aqueles que se mobilizaram para a luta por questões coletivas, no âmbito público, embora elas sofram inúmeros constrangimentos no âmbito privado.

As mulheres são motivadas pelo desejo de transformação da sua realidade e, assim, as mulheres negras aderiram aos movimentos de mulheres. Ao longo de sua trajetória, o feminismo criou tanto novos valores nas relações sociais como também muitos mitos de origem, entre eles o que se traduzia no paradigma de que todas as mulheres eram iguais. O feminismo promoveu uma perspectiva universalista, num discurso voltado para uma irmandade entre as mulheres e, dessa forma, não dava ênfase às diferenças. É na década de 1980, no seio do movimento feminista, que as mulheres negras começam a levar para as discussões as suas especificidades, tremulando uma nova bandeira: eram mulheres, e eram negras, logo, com especificidades da raça.

O protagonismo das mulheres negras nos espaços preparatórios das conferências propiciou a criação da AMNB (Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras), rede nacional fundada em 2000, no pós-Durban, cuja declaração explicitou os efeitos perversos do racismo, do sexismo e do classismo sobre esse contingente social. As reflexões sobre os indicadores estatísticos e sobre as proposições contidas nesse documento foram publicadas e divulgadas sob a denominação de “Nós Mulheres Negras”, substancial documento sobre a situação das mulheres negras no Brasil.

Demarcar historicamente a inserção das mulheres negras nos movimentos feministas e negros demanda que, anteriormente a essa análise, situam-se os movimentos sociais. Esse

processo deve abranger a forma como os movimentos feministas e negros são contemplados e se relacionam com esse espaço de organização.

No século XX, alguns acontecimentos marcaram intensamente esse cenário como: surgimento do Teatro Experimental do Negro e da Frente Negra Brasileira; a realização de congressos e simpósios afro-brasileiros; a criação, em 1950, do Conselho Nacional de Mulheres Negras. Tais organizações vão desdobrar-se de forma crescente ao longo de todo século XX, vindo a constituir o que se convencionou chamar de Movimentos Negros e de Movimento de Mulheres Negras. Nesse sentido, Munanga (2006, p. 189) lembra que:

(...) existe um abismo que separa negros e brancos no nosso país. Uma das maneiras de superar este problema é o investimento sério em educação, saúde e emprego, beneficiando a população excluída destes direitos sociais. (...) pesquisas sobre desigualdades sociais revelam que mesmo dentro da camada mais pobre da população ainda existe um recorte étnico-racial. Entre os pobres, os negros se encontram em situação de maior pobreza e desigualdade. Por isto, para solucionar a consequência danosa do racismo na sociedade brasileira as políticas públicas precisam atingir não somente a população pobre, mas também, a população negra e pobre.

Sales (2007) aponta que, no período escravista, negro e escravizado eram sinônimos de acordo com a concepção do senhor. Na busca pela liberdade, vale ressaltar dois pontos de resistência dos negros: o primeiro era não trabalhar ou afrouxar no trabalho em meio aos castigos, torturas e outras perversidades; o segundo era a formação dos quilombos, colocada pelo autor como ponto de partida da construção de um imaginário social em que o medo de possíveis revoltas - entre a periferia (negros) e o sistema escravista (elite dirigente branca) - sobressai. Esse imaginário consolidado ajuda a influenciar a sociedade escravista/racista brasileira. Tal processo se acentua até o fim da escravidão brasileira (final do século XIX), principalmente nas províncias que tinham uma concentração maior de escravizados: São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Cabe ressaltar que, de acordo com Andrews (1998), a todo tempo, ocorriam as resistências por conta dos quilombos e de outras minúcias realizadas pelos escravizados nas fazendas do Brasil na época da escravidão. Além disso, a abolição, posteriormente, foi reconhecida como uma conquista dos negros livres e escravizados, quando, pela primeira vez, um movimento de massa, dos negros, triunfou sobre interesses oligárquicos. Apesar de os fazendeiros terem reivindicado o crédito da abolição e a sociedade branca ter conduzido a opinião pública em torno da princesa Isabel e ter construído o imaginário branco com o dia 13 de maio; sabemos que, conforme Oliveira (2007), na época da legalização da abolição, apenas 5% dos negros eram escravos. Por outro lado, às vésperas da abolição, 95% dos negros já eram livres. Segundo Muller (2008), no campo da educação, também já havia resistência, nessa época, de alunos e professores negros.

Segundo Andrews (1998), os afro-brasileiros, quando a república caiu em 1930, aproveitaram para se fortalecer fundando o partido Frente Negra Brasil. Conforme Andrews (1998, p. 367), “(...) quando Getúlio Vargas impôs o Estado Novo em 1937, a Frente Negra experimentou a mesma dissolução que outros partidos políticos da época”. Já na ditadura de Vargas, os negros eram chamados de brasileiros pobres e de classe trabalhadora. O fim desse período trouxe o retorno dos direitos civis e políticos que foram feridos, ao mesmo tempo, eram desejados, pensados e buscados por diferentes frentes e forças de resistência à ditadura, como por exemplo o Movimento Social Negro.

Como a maioria das principais entidades negras brasileiras, a Frente Negra também se preocupou com a educação formal dos negros. Desse modo, ela passou a ter a educação como um valor ou uma condição necessária para a ascensão moral e o progresso material dos

negros, que era um dos seus objetivos. Os integrantes/militantes escolarizados da Frente Negra Brasileira passaram a ministrar aulas gratuitas de forma voluntária para os negros analfabetos ou semialfabetizados. Todavia, não se limitavam a isso, havia também outros cursos preparatórios, entre os quais os de inglês e os de admissão em outros níveis educacionais.

Como ressalta Nascimento e Nascimento (2000) sobre o Teatro Experimental Negro (TEN), na época do seu surgimento em 1944, o negro não entrava nem para assistir ao espetáculo, muito menos para atuar. O TEN nasceu com a característica de contestação contra um imaginário, enfatizando que o lugar do negro não era o de limpar a sujeira do elenco e do público, mas um lugar de potencialidade artística e de expressão. Além disso, reivindicava o valor civilizatório da herança africana, não permitindo que a diferença se transformasse em desigualdade. Seu esteio de nascimento era a experiência da luta contra a discriminação racial.

Conforme Nascimento e Nascimento (2000), o Teatro Experimental Negro é herdeiro de uma luta já em movimento desde primórdios da constituição do Brasil. Afirma Nascimento e Nascimento (2000, p 209) que “Verdadeiros heróis eram os integrantes do TEN. Sem ter condições de vida para sustentar essa atividade dedicaram seus esforços, a sua energia, os seus talentos, enfim, seu axé ao empenho de possibilitar o nascimento do teatro negro”. A luta quilombola atravessa o período colonial até ruir a estrutura do sistema escravocrata e as militâncias abolicionistas mostram que neste século houve organização de clubes, irmandades religiosas e associações recreativas. Além disso, houve o surgimento da história original da revolta da chibata, da Imprensa negra e, em 1931, a fundação da Frente Negra Brasil. Esse forte movimento de massa contra o racismo se espalhava por vários cantos do Brasil, atacando primeiramente os espaços onde negros não entravam. A ditadura do Estado Novo e o fechamento da Frente Negra não conseguiram paralisar os protestos afro-brasileiros.

Ainda sobre o surgimento do Teatro Experimental Negro (TEN), Hanchard (2001) atribui a sua fundação a um pequeno grupo de profissionais liberais, artistas e ativistas negros no Rio de Janeiro. Esse grupo era liderado por Abdias Nascimento, que é uma das figuras mais dinâmicas e controvertidas dos movimentos negros do Brasil. Em 1950, ele comenta, de forma polêmica, sobre a primeira Conferência Negra no Brasil ter sido uma reunião elitista e deixa em seus registros a seguinte frase: “A mentalidade de nossa população de cor ainda é pré letrada e pré lógica”. Essa frase sublinha um dos mais fortes objetivos do TEN que é o de ajudar as massas negras a igualar o seu nível cultural com o das classes médias e altas da sociedade brasileira.

O principal objetivo do TEN era combater o racismo e reivindicar o reconhecimento de uma identidade negra, tendo o teatro, as aulas de alfabetização e a iniciação cultural, como veículos educativos e de construção identitária. No contexto das décadas de 1940 e 50, no qual o Brasil vivia um período de redemocratização da sociedade, observa-se que, ao mesmo tempo em que o TEN encontrou um terreno fértil para expor suas reivindicações, tornar pública a questão racial gerou certa polêmica, já que a ‘democracia racial’ fazia parte do imaginário da sociedade brasileira e o ‘mestiço’ representava o símbolo da brasilidade.

Anos mais tarde, na década de 70, a participação popular, representada pelos estudantes, intelectuais e profissionais, opositores do regime autoritário e da opressão sofrida pela população brasileira, foi fortemente reprimida. Segundo Salles (2007), ocorreu um refluxo dos movimentos sociais no período da ditadura militar. Apesar das organizações não desaparecerem, não se constituíam mais em um campo de luta política antirracista muito propenso. Já em 1977, os movimentos sociais iniciam uma série de atos públicos e, em 1978, atos em relação ao racismo, quando a conjuntura internacional também favorecia os movimentos sociais. Isso culminou na criação de um movimento negro de abrangência nacional. Conforme Nascimento e Nascimento (2000, p. 219):

Em julho de 1978, (Abdias do Nascimento) havia voltado rapidamente ao Brasil e participado da fundação do Movimento Negro Unificado contra o Racismo e a Discriminação Racial. Ato público nas escadarias do teatro municipal de São Paulo foi um momento inesquecível, ainda em pleno regime militar.

De acordo com Sales (2007), debates e discussões no Congresso Nacional foram uma constante na vida parlamentar de Abdias do Nascimento entre 1983 e 1987. Ele não recuava sob nenhuma hipótese de afirmar que o Brasil era e ainda é um país racista que discrimina os negros devido à pele negra e não por serem pobres.

Na primeira metade da década de 1990, talvez o evento mais importante organizado pelas entidades negras brasileiras tenha sido a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, realizada no dia 20 de novembro de 1995, em Brasília. Organizada para reafirmar a luta dos afro-brasileiros contra o racismo e contra as desigualdades raciais e exigir políticas públicas para os negros, essa marcha, simbolizada no herói negro Zumbi dos Palmares, contou com a presença de mais de trinta mil participantes.

Há vários tipos de movimentos sociais negros no Brasil espalhando diversos tipos de luta contra o racismo. O combate ao racismo chega ao século XXI de modo bastante forte e atuante. Os movimentos negros e os negros em movimentos são de extrema importância para a conquista de espaços na sociedade como mediatizadores em potencial a favor das questões negras no Brasil. Os Movimentos Sociais Negros não ficaram apenas nas e com as denúncias; a exemplo disso, na marcha do Zumbi dos Palmares, foi entregue ao chefe de Estado brasileiro o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial. Cada vez mais, essa temática também ganha o corpo social com brancos e negros em lugares diferentes, contudo na direção de ir contra desigualdades etnicorraciais e na busca de implementações étnicas de políticas públicas.

1.3 Os Negros e as Universidades

Pode-se constatar, de maneira geral, que o perfil mais comum, tanto de aluno como de professor negro ou mestiço que ingressam na universidade, é o de um indivíduo de origem social mais baixa, que frequentou escolas deficientes de primeiro e segundo grau de ensino e que, por alguma razão, consegue ascender ao ensino superior, considerado de bom nível. A maior parte faz escolha de cursos e carreiras menos valorizados no mercado de trabalho e menos concorridos no exame vestibular, muitas vezes determinados por atitudes, segundo eles, mais “realistas”, demonstrando “um nível mais “baixo” de aspiração condizente com as “limitações” impostas por uma origem nas classes sociais desfavorecidas e também marcadas por uma identidade negra com experiência de discriminação. (DE POLI, 2003, p 183).

Enfatizando a relação do negro com a educação, Oliveira (2006) relata que há uma predominância de brancos atuando nas últimas séries do Ensino Fundamental, e negros e mestiços, embora sejam minoritários na escola, estão presentes nas séries iniciais. Muller (2008) fala sobre o imaginário social brasileiro, o qual possuía a crença de que a população negra tinha tido acesso à escola nos idos dos anos 50 e 60 do século XX. Ela adverte que, de acordo com estudos recentes (FONSECA, 2007; SILVA, 2008), há presença de alunos negros nas escolas de Minas Gerais e Pernambuco, no final do século XVIII e todo o século XIX. Isto demonstra que esse fato é mito e, apesar do período escravista, existia o esforço e a marcação da existência dos africanos e seus descendentes com a construção de laços

familiares e cuidados com sua prole. Siss (2003) afirma que, no início do século XXI, a exclusão dos afro-brasileiros não é legalmente expressa. É atualizada através da inserção precária e subordinada no sistema de ensino, o qual é subalternizado ao grupo racial branco.

O Brasil possui uma longa evolução legislativa etnicorracial, culminando com a edição da lei federal 7.716 89, alterada pela lei federal 9.455 97, a qual prevê as condutas penais típicas resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. No entanto,

Não serão consideradas discriminação racial as medidas especiais tomadas como o único objetivo assegurar o progresso adequado de certos grupos raciais ou étnicos ou de indivíduos que necessitem de proteção que possa ser necessária para proporcionar a tais grupos ou indivíduo igual gozo ou exercício de direitos humanos e liberdades fundamentais, contando que, tais medida não conduzam, em conseqüência, a manutenção de direitos separados para diferentes grupos raciais e não prossigam após terem sido alcançados os seus objetivos. (BRASIL, 2008, p. 382)

No ensino superior, a questão de cotas para negros nas universidades vem sendo discutida a partir das ações afirmativas etnicorracialmente enviesadas numa perspectiva de democracia de acesso, de resultado e de oportunidade para esse grupo etnicorracial. A implementação de cotas para negros ainda faz parte das mesas de debates universitários: discute-se a respeito de essas cotas deixarem de ser uma conquista etnicorracial para se tornarem cotas para pobres por questão de classe ou serem para pobres e negros, entrelaçando as duas questões. Pode-se dizer, conforme Siss (2008), que a discriminação racial é mais que um legado do passado; constitui-se em um princípio racial classificatório que faz existirem barreiras etnicorraciais que obscurecem a implementação de cidadania para os negros, impedito a mobilidade social ascendente desse grupo.

(...) Alguns estudiosos das relações estabelecidas entre etnia, raça e educação brasileira, acreditando ser a discriminação de classe mais importante que a discriminação étnico-racial, opõem-se de forma veemente a qualquer tipo de modificação no processo de formação de professores que confira ênfase a dimensão étnico-racial da população brasileira. Em sentido diametralmente oposto a essa primeira perspectiva, outros tantos pesquisadores dessas mesmas relações postulam ser o preconceito e a discriminação étnico-raciais mais importantes que a discriminação de classe. Afirma também, que ambos concorrem para produzir e reproduzir as condições de subalternização dos afro-brasileiros frente ao grupo étnico-racial branco, político e social dominante. Por isso os processos de formação de professores não podem prescindir de formar profissionais aptos a desenvolver sua prática docente no âmbito de sociedades multiculturais (...). (SISS, 2008, p 18)

No triênio 2001-2003, foram computados pela CAPES, no Brasil, 1.819 programas de Pós-Graduação, nível *stricto sensu*, isto é, programas voltados à formação científica e acadêmica ligada à pesquisa – mestrado e doutorado. Dentre eles: 1020 doutorados, 1726 mestrados acadêmicos, 115 mestrados profissionais (CAPES, 2004). No período de 2004 a 2006, já existiam 1182 doutorados, 2070 mestrados acadêmicos, 157 mestrados profissionais (CAPES, 2007). Dos pouco mais de 254 mil professores do ensino superior no Brasil, apenas 21% têm doutorado e 35%, mestrado (CAPES, 2004).

A Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Rio de Janeiro apresenta os primeiros resultados da pesquisa do Diagnóstico Institucional dos Programas de Pós-Graduação do Estado do Rio de Janeiro (2008) realizada em parceria com a Escola Nacional

de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz. De acordo com a Fundação, no final da década de 1960, a Pós-Graduação tinha apenas 100 cursos com não mais de 2000 alunos em todo país. Hoje são 2410 programas entre mestrado acadêmico e profissional e doutorados com mais de 130 mil alunos matriculados. O Rio de Janeiro possui 334 programas, oferecidos por 41 instituições de ensino superior, centros de pesquisa distribuídos em 12 municípios do Estado. Ao todo são 283 cursos de mestrado acadêmico, 193 cursos de doutorado e 50 cursos de mestrado profissionalizante (FAPERJ, 2008).

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), um órgão do governo federal, concluiu em 2002 que realmente há uma grande defasagem na escolaridade dos negros nas universidades brasileiras. O fundamental é aumentar o contingente negro no ensino superior de boa qualidade, descobrindo os caminhos para que isso aconteça enquanto se descortina a possibilidade de construir *ethos* afro-brasileiros na sociedade e, mais especificamente, no campo da educação no Brasil.

Em 1995, no governo do então presidente da república Fernando Henrique Cardoso, o Estado Brasileiro se reconhece oficialmente como um país racista, rompendo o pacto hegemônico de que “todos somos iguais e tratados de maneira igualitária, e de que vivemos harmoniosamente em meio às nossas diferenças étnico-raciais”. No ano seguinte, esse governo organizou um seminário com intelectuais brasileiros e do exterior objetivando refletir sobre as desigualdades entre brancos e negros no Brasil. Porém, em 2001, assumiu publicamente esse compromisso quando o Brasil participou da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e formas Concretas de Intolerância, em Durban, na África do Sul, possibilitando a localização do ponto em que o país se encontra, a fim de progredir a partir de políticas públicas, no caminhar para outros espaços com mobilidade vertical na construção e alteração desse imaginário que, se por algum lado reproduz comportamentos fossilizados, por outro é dinâmico e possível de ser alterado.

Outra forma de olhar para o negro, no que se refere ao preconceito racial está sendo conquistada em nossa sociedade a partir das políticas de ações afirmativas. Esse novo olhar traz para a discussão e reflexão detalhes importantes sobre as diversidades etnicorraciais na formação de professores em tempos de lei 10.639/03 e das cotas etnicorraciais nas universidades públicas. No processo de criação desses espaços de debates, questionamentos e conquistas, é necessário incluir no cotidiano das pessoas uma perspectiva que desmascare assimetrias sociais e posicionamentos que foram construídos ao longo da história brasileira.

Na compreensão de Paixão (2006), o movimento negro tem razão de qualificar a Lei Áurea como uma farsa. A abolição não trouxe a perspectiva da incorporação do negro ao mercado de trabalho, sistema educativo, moradia digna e posse de terra. Os negros têm menos acesso à educação, à renda e à moradia do que os brancos; possuem os piores empregos e são a maioria entre os desempregados; estão nas altas taxas de mortalidade infantil; têm menor acesso à universidade e pouca mobilidade social; além de serem discriminados na justiça penal e nos livros didáticos.

(...) políticas de ação compensatória racialmente definidas ainda que não se constituam como intervenções governamentais suficientemente potentes para eliminar as desigualdades historicamente acumuladas, desempenham o significativo papel de corrigi-las na atualidade, ao promoverem as igualdades de oportunidades e de tratamento, o que certamente concorre para uma democracia de resultados, além de trazerem efeitos imediatos e conseqüentes. (SISS, 2003, p 111)

Conforme Santos (2005), em nome da ciência moderna, houve investimento para o desaparecimento dos saberes locais, leigos, indígenas, negros, populares. Devido a essa

construção histórica, no Brasil, a resistência ainda é maior para a justiça como equidade, sendo que a elite universitária se deixou facilmente iludir pela ideia de um país novo sem histórias e eliminou as contribuições e a ancestralidade dos indígenas e dos negros.

O projeto das universidades brasileiras foi eurocêntrico. Era um orgulho o saber europeu. As universidades federais mais antigas do país tiveram um perfil completamente branco e contrário à discussão de cotas raciais. Um dos maiores cientistas sociais brasileiros do século XX foi Guerreiro Ramos, sociólogo negro, egresso da primeira turma de filosofia da Universidade do Rio de Janeiro. Guerreiro, por sua vez, esteve junto com Abdias no Teatro Experimental do Negro a partir de 1944. Contudo, apesar do seu brilho intelectual, ele não se tornou professor da UFRJ, tendo sido impedido no concurso para professor. Uma questão importante que precisa ser enfrentada no contexto atual pós-cotas é como aumentar o número de professores negros nas universidades públicas brasileiras, já que sabemos que não se faz multiculturalismo numa universidade onde o corpo docente tem uma composição racial tão distante da população (FIGUEREDO e GROSGOUEL, 2010).

Uma das maiores universidades do país, por exemplo, a Universidade de São Paulo, prestigiada e competitiva, tem resistido à pressão social em prol das ações afirmativas na forma de política de cotas para negros. Um estudo revelou que apenas a Rua Bela Cintra, localizada na região afluyente dos Jardins, concentra mais ingressantes no vestibular da USP de 2004 do que 74 bairros periféricos da zona sul. Jardins, bairro da elite de São Paulo, que corresponde 19,5% da população total do município, responde a 70,3 % dos ingressantes da USP, enquanto os bairros periféricos que correspondem a 80,5% da população ocupam apenas 29,7% das vagas das universidades. (CAPRIGLIONE e MENA, 2009)

De acordo com Santos (2005), nas sociedades multinacionais, onde há o racismo, assumido ou não, e as discriminações raciais ou étnicas, devem ser propostos programas de ações afirmativas visando ao acesso e ao acompanhamento desses sujeitos às universidades públicas. O autor relata que a discriminação etnicorracial ocorre em conjunção com a discriminação de classes, mas não pode jamais ser reduzida a esta e deve ter medidas específicas. O governo atual lança o programa “Universidades para Todos” (PROUNI) que preconiza ações afirmativas em critérios raciais e socioeconômicos. Entretanto, a partir da autonomia universitária, cada instituição determina os critérios de distribuição e seleção de estudantes de baixa renda e de grupos raciais sub-representados no ensino superior.

Conforme Gonçalves (2006), o multiculturalismo é visto como um antídoto contra o eurocentrismo, voltando o foco de estudos para os povos e para as culturas dominadas e produzindo novos conhecimentos e assim novas subjetividades descentradas dos valores supostamente superiores. O multiculturalismo e suas várias formas de expressão vêm tomando espaços nas produções e debates no campo da educação nas últimas décadas. Ele tem se transformado em um fenômeno globalizado, porém sua atuação vem ocorrendo em países em que a diversidade cultural é vista como problema para unidade nacional. Desde sua origem, surge dentro de princípios éticos a orientação para que grupos culturalmente dominados preservem suas tradições no resgate dos seus direitos. Hoje, na busca de parcerias com as diversidades de grupos culturalmente dominados para conquistas de políticas, esses grupos atendem suas especificidades para serem reconhecidos e respeitados seus direitos civis.

De acordo com Siss (2003), o multiculturalismo é de extrema importância para as sociedades estratificadas, nas quais as diversidades podem ser percebidas como tensão na formação da unidade nacional. De acordo com Munanga (2000, p. 28), “O multiculturalismo é uma faca de dois gumes”. Essa frase ilustra a experiência sobre os perigos que estão embutidos nas ações em nome do multiculturalismo em que podemos realizar a objetivação do outro, folclorização cultural do outro e, de maneira ingênua, não questionarmos a cultura dominante reproduzindo o racismo e o eurocentrismo historicamente enraizados. Dessa

forma, políticas de integração social podem ser mascaradas com a homogeneização cultural de políticas de assimilação social. Para Gonçalves (2006, p. 76), “(...) o Estado Brasileiro conseguiu consolidar seus três grandes pilares ideológicos no que concerne a construção nacional: a unidade lingüística, a hegemonia do catolicismo e a submissão de diversidade e das desigualdades étnico-raciais a um modelo cultural dominante”.

Numa sociedade racialmente excludente, continua Siss (2003), implementar políticas sociais, homogêneas e universalistas, por não atacarem os mecanismos geradores dessas desigualdades, aumenta o abismo entre os que são considerados cidadãos e aqueles percebidos como não cidadãos. Descreve que Mc Laren (1997), teórico do multiculturalismo, identifica no contexto americano quatro vertentes do multiculturalismo: a conservadora, que adota o darwinismo social como forma de assimilação cultural; a humanista liberal, que possui uma visão ontológica de igualdade dos seres humanos; a liberal de esquerda, que se posiciona parecidamente com os marxistas no sentido de que vêem todos como iguais sem as suas especificidades; e a crítica e de resistência, que seria a forma como as desigualdades e as diversidades são tratadas da maneira histórica das lutas sociais e culturais, em que ocorre a construção de identidades de raça, gênero, classe e que, mais recentemente, nas últimas décadas, recebe o desafio de lidar com as diferenças em meio as diferenças. Siss (2003) afirma:

(...) uma das formas pelas quais o multiculturalismo vem apresentando no Brasil pode ser caracterizada pelo “processo de ascensão social de grupos culturalmente dominados” e pelas lutas dos membros deste grupo contra todas as formas de exclusão, cuja face mais visível é a discriminação racial ou étnica em um país que, por mais de 350 anos foi escravista e que há mais de um século nega ser racista (aspas no original). (SISS, 2003, p. 98)

Gomes (1995; 2002), ao analisar a história de vida de professoras negras, relata que essas mulheres possuem um processo difícil de autorreconhecimento da sua identidade étnica: possuem um percurso de vida com bastante vivência de práticas racistas e discriminatórias na infância, na adolescência, na juventude e na vida adulta nos mais variados espaços sociais. As escolas e as universidades também fazem parte dessa instituição que exerce o peso das práticas racistas. Uma das questões trazidas por Gomes (1995; 2002) é que refletir sobre a formação de professores e as diversidades étnico-culturais é uma necessidade urgente encharcada de complexidades, contradições, desafios e tensões.

Gonzaga (2009), em seu artigo “Homem Negro, Professor Universitário na UFMG: memória e desafios”, traz à tona a presença do negro no ensino superior enquanto docente e, ainda, traz as vozes silenciadas pela discriminação racial, às vezes mascaradas nas universidades, a temática dos negros e a educação no Brasil. Em 2003, a população branca de acordo com o IBGE, era de 52% dos brasileiros enquanto a população branca do ensino superior era de 72,9%. “A população preta ou parda com ensino superior concluído mais que dobrou entre 1998 e 2008, mas ainda continua muito abaixo da média verificada entre a população de cor branca” (JUNIOR, 2010). A pesquisadora indaga quantos conseguem, com essa sub-representação de negros nesse nível de ensino, romper as barreiras, graduarem-se e pós-graduarem-se se tornando professores universitários. Diz a partir de entrevistas com esses poucos professores, que são histórias singulares que tornam dimensão coletiva por reproduzirem a história de sobrevivência, repetir fatos e relatos que vão desde a vida simples até a dificuldade de permanência nos espaços acadêmicos permeando questões financeiras e de discriminações etnicorraciais.

A população brasileira foi estimada em 184,4 milhões de habitantes, em 2005, segundo Plano Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), sendo que 91 milhões de

peças se declararam de cor/raça parda ou preta, aproximando-se bastante da população branca, estimada em 92 milhões. Assim, os negros (pardos e pretos) correspondem, hoje, praticamente à metade da população do país. Destes, 35,8 milhões residem na Região Nordeste e 32 milhões, Sudeste. Já em 18 de setembro de 2009, foi divulgada pela PNAD de 2008, a estatística de cerca de 188 milhões de brasileiros residentes no país, a maioria negros (pretos e pardos), justamente quando se comemoraram os 120 anos da abolição da escravidão. De acordo com o levantamento, permanece a desigualdade em relação ao acesso aos bens, aos serviços e aos direitos fundamentais, como a educação.

2 SUBJETIVIDADES E IDENTIDADES: CONTRIBUIÇÕES PARA UM DIÁLOGO DA ATUALIDADE

2.1 De que Lugar se Fala da Ciência?

(...) a ambição da complexidade é prestar contas das articulações despedaçadas pelos cortes entre disciplinas, entre categorias cognitivas e entre tipos de conhecimento. De fato, a aspiração à complexidade tende para o conhecimento multidimensional. Ela não quer dar todas as informações sobre um fenômeno estudado, mas respeitar suas diversas dimensões (...). (MORIN, 2002, p. 176)

A ideia do sujeito da complexidade, trazida por Morin (2002), deflagra a perspectiva de um sujeito construído através de constituintes psicológicos, antropológicos, e orgânicos, enfim, existenciais humanos (consciente, inconsciente, culturais, sociais, históricos, políticos, econômicos, biológicos, neurológicos e fisiológicos), que se configuram como uma teia de interações. Em resumo, é o entrelaçamento das instâncias que constituem o ser humano, que, ao se apresentarem como uma rede interativa, não mais admite priorizar origens causais, porque se referem à interação endoexocausalidade.

O pensamento complexo não tem o propósito de definir um modelo padrão de pensar. Dessa forma, para Morin (2002), a unidade do pensamento complexo é unamúltipla, onde a unidade comporta em si a multiplicidade, assim como a multiplicidade comporta a unidade. Nesse sentido, a educação, tanto familiar quanto escolar, ensina a separar, dividir e isolar as coisas: separa-se o objeto de seus contextos e a realidade em disciplinas compartimentadas uma das outras; olha-se e lida-se com os fatos de maneira isolada como se não existissem interferências e interdependências das partes. A crença no determinismo universal do século XX, de acordo com Morin (2002), desmoronou. A consciência da complexidade leva a uma tomada de consciência da indispensável mudança de paradigma nas ciências, partindo de uma visão simplificadora, unidimensional, parcelada, para um conhecimento multidimensional, integrador, complexo e dialógico.

A palavra "complexidade" não foi descoberta por Morin. A ideia da complexidade e sua teoria avançam transversalmente perpassando os domínios da Biologia, da Física, da Teoria da Informação, da Filosofia, das Ciências da Cognição, entre outros, estabelecendo uma contribuição na proposta de um conhecimento transdisciplinar. A teoria da complexidade localiza Morin (2002) no cenário atual, como um grande artesão do pensamento dialógico.

À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas disperso ao acaso. Mas ao olhar mais atento, parece a ordem cósmica, imperturbável – cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem. (ibidem, 2002, p. 177)

Conforme Morin (2002), pode-se pensar em alguns princípios para nortear a compreensão do pensamento complexo. Primeiramente, no princípio dialógico, está subentendido que se deve assumir e utilizar nas explicações duas lógicas concorrentes,

contraditórias e não apenas uma. O princípio dialógico permite manter a dualidade no seio da unidade ao associar dois termos, ao mesmo tempo, complementares, antagônicos e concorrentes.

O segundo princípio é o da recursão organizacional. Em um processo recursivo, os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causadores e produtores daquilo que os produziu, levando para uma dinâmica causal e possibilitando a retirada da retroalimentação de causa e efeito, apresentando o espaço para o que vem do imprevisível, no modo de refletir, pensar e compor a ciência no século XXI. Será vista posteriormente, na dinâmica da ordem e da desordem, organização e interação, essa interdependência presente nas relações.

O terceiro e último princípio é o holográfico ou hologramático. Em um holograma, o menor ponto da imagem contém a informação da totalidade do objeto representado, sendo que dois exemplos servem para ilustrar o ponto: no mundo biológico, cada célula tem a informação genética de todo o indivíduo; no mundo material, todas as substâncias são obtidas por repetição de padrões. A água em um copo não é H₂O, mas cada ínfima porção de água do copo contém H₂O. A água do copo é uma repetição em que cada parte contém informação e é idêntica ao todo. O próprio vidro do copo se repete em cada uma de suas partes. A parte do cristal, na perspectiva de sua constituição, é igual a ele todo, antes de ter se quebrado. Como última ilustração, pode-se trazer um recorte na Matemática dos Fractais.

Dupret (1999) descreve a importância de se refletir sobre os Fractais para discutir como, dentro da Matemática, houve uma outra possibilidade de se pensar a ciência diferente da ciência tradicional.

O termo Fractal foi criado por Benoit Mandelbrot a partir do verbo *frangere* em latim que significa fraturar ou quebrar. A dimensão fraturada sugere que a constituição do todo é feita em pedaços dele mesmo que, em última instância apresentam estruturas semelhantes, apenas em escalas diferentes, cada vez menores... A dinâmica do fractal aborda estrutura que apontam para uma dinâmica não linear, não inteira mas que mantém em sua constituição, a característica de serem auto – semelhantes. (*ibidem*, 1999, p. 59)

Esses três princípios – dialógico, recursivo e holográfico – são três expressões de uma mesma ideia, que é o fundamento da complexidade. É a ideia de que a totalidade não é apenas justaposição de localidades separadas. A dialógica nos diz que nem a totalidade nem a localidade são preponderantes uma sobre a outra. Há um diálogo, ou seja, escolher apenas um dos focos é limitador. A recursão nos mostra que, nos processos, ocorrem retroações, onde partes, efeitos e consequências se voltam para o todo, alimentando suas próprias causas. Essa mistura, juntamente com o imprevisível que acontece no universo e nas dinâmicas, leva à ideia do tetragrama, que será visto posteriormente, e a pensar numa razão aberta na qual se vêem as redes interdependentes. O princípio holográfico sustenta que o todo formal (árvore), material (moléculas) e informacional (DNA) está em cada uma de suas partes.

Esse complexo não pode ser esquartejado por áreas, o que muitas vezes é feito para didaticamente se estudarem os fenômenos e os processos psicológicos e sociais, por exemplo. Cada parte do sujeito é igual a ele todo, isto é, a parte está no todo e o todo, na parte. O sujeito tem histórias individuais, significações pessoais e vivências únicas e exclusivas, pois o ser humano está sempre construindo e em movimento:

Ao entendermos o homem e a sociedade, a psicologia e a política como territórios produzidos historicamente que não se opõem, mas que se atravessam e se constituem, estamos afirmando uma relação como tempo-acontecimento, sempre provisória e múltipla, produção de devires, de-vir-a-ser, de fluxos mutantes (COIMBRA e LEITÃO, 2003, p. 14).

Na atualidade, as sociedades construíram formas de apreensão das ideias de modo que o conhecimento científico ou os saberes são utilizados como ferramentas de poder e, conforme afirma Coimbra e Nascimento (2001, p. 246), “(...) todo saber é político” e acrescentam “Não há saber neutro (...)”. Essas concepções são pautadas nas crenças em verdades absolutas, fortalecendo o *status quo* e impedindo que novas relações sejam estabelecidas. Aqueles que possuem o saber, o conhecimento, o poder, estarão sempre dominando os que não os possuem.

A “verdade” como o estatuto de cientificidade é uma construção histórica que muda de acordo com o pensamento filosófico vigente. É baseada nas crenças sobre verdade pautada na sua essência, que estaria ligada à natureza humana, algo inato e imutável. Assim como a “verdade”, a essência é uma atribuição relacionada a uma “metarrealidade” ou a uma realidade ideal. As ciências e os saberes são passíveis de mudanças, como tudo o que acontece na vida. Porém, em um determinado momento, ciência, política, psicologia e sociedade atribuem valores a seus saberes. Valores estes que se apresentam como estatutos de cientificismo e, como tal, passíveis de comprovação e refutação. Por conseguinte, negar a verdade absoluta e a essência é acreditar na mudança, acreditar na construção de novos saberes.

Coimbra e Nascimento (2001), lembrando Foucault, refletem sobre o quanto os pensamentos são influenciados pela construção da crença em verdades absolutas:

A potência do pensamento de Foucault em nossas práticas diz respeito à desconstrução de todas essas crenças ao apontá-las enquanto produções histórico-sociais, indicando a multiplicidade presente nos diferentes objetos que estão no mundo, negando com isso a possibilidade de apreendê-los de forma objetiva e neutra e colocando em questão nossos conhecimentos baseados em verdades. (*ibidem*, 2001, p. 247)

As disciplinas e as redes de vigilância estabelecidas no decorrer da história da sociedade tinham, portanto, diversos rostos. Existe, por parte de Foucault (1984), uma nova concepção de poder que é menos uma propriedade de uma classe e mais estratégia. Ela mais se exerce do que se possui, não é um efeito adquirido e sim o conjunto de ação de suas posições estratégicas. Essa concepção não nega a existência de classe e de suas lutas, mas insere num quadro diferente, numa diversidade de especificações, pinturas e perspectivas que não é encontrada na história tradicional nem nos modelos de pensamento tradicional.

Certeau (2003), enquanto adverte sobre a veracidade da expansão por toda parte da rede de vigilância, ainda acrescenta ser mais urgente descobrir como é que uma sociedade não se reduz a ela. O autor aprofunda essa advertência quando questiona sobre quais os procedimentos minúsculos e cotidianos que jogam com os mecanismos da disciplina e não se conformam com ela, a não ser para alterá-los. A partir desse aspecto, o autor fala da rede da antidisiplina, uma perspectiva contrária e que coexiste com as abordadas na obra de Foucault (2000). As “maneiras de fazer” constituem as práticas com que os sujeitos, apesar do espaço já organizado, atuam com operações “microbianas” que proliferam e alteram o funcionamento institucional por “táticas” articuladas nos “detalhes” do cotidiano. Não se trata agora da violência da ordem e da disciplina, mas da criatividade dispersa, tática dos grupos e dos indivíduos presos na rede de vigilância. Em meio às disciplinas e ao panoptismo, existe potencial de criação ocorrendo e o imprevisível acontecendo.

A vida do cotidiano, segundo Santos (2008), abrange várias temporalidades em um mesmo momento. Na atualidade, existe uma busca por uma homogeneização empobrecedora e limitada dos sujeitos, enquanto o universo do cotidiano é o mundo da heterogeneidade

criadora. Giddens (1999) apresenta o tempo de agora como uma época de rápidas mudanças que impossibilita o controle do mundo, dos sentimentos, das ações e até mesmo dos pensamentos. O impacto da globalização está por toda parte e sua percepção torna-se difusa por ela não ser um processo singular, mas um conjunto complexo de processos.

A ciência atual não busca mais uma visão do mundo totalmente explicativa, o que produz é parcial e provisório. A ciência confronta-se com uma realidade incerta, de fronteiras imprecisas e mutáveis, estuda o “jogo dos possíveis” explora o complexo, o imprevisível e o inédito. (BALANDIER, 1997, p. 10)

Conforme Balandier (1997), a humanidade vai se desenvolvendo e a vida vai se organizando sobre a Terra, pelas divisões de regiões cultiváveis, pela instituição do casamento, pela invasão e pelo desenvolvimento das técnicas. O lugar, a regra e a ferramenta fundam uma ordem dos homens, mas dentro desta a desordem progride. Na história da humanidade, as concepções de ordem e de desordem sempre estiveram presentes em diferentes tempos e espaços e, até mesmo no “não tempo” e no “não espaço”, quando, por exemplo, se pensa na mitologia da origem da criação, na cultura judaico-cristã e em seus símbolos de harmonia. O autor exemplifica esse processo com o que ele chama de “o grande erro de Deus”: fazer um paraíso “perfeito”, expulsar Adão e Eva desse paraíso e ainda, como a Criação, a partir de um caos inicial, impor incessantemente o jogo duplo das forças ordem e desordem. O tempo do começo está fora do tempo, o nada era tudo que estava para ser criado.

Atualmente, tudo o que penso pode exprimir-se de forma paradoxal ou antinômica sem deixar de se explicitar de forma racional. Por exemplo a civilização contém também a barbárie; a razão contém também o contra-senso; um contém também o outro; o perfeito é monstruoso; a ordem contém também a desordem; os intelectuais criticam os mitos e produzem mitos; o progresso do conhecimento faz progredir o mistério, etc. (MORIN, 1995, p. 57)

Essa dança entre ordem e desordem leva-nos a pensar o Caos. De acordo Balandier (1997), a caoslogia nasceu há cerca de uma década e já é apontada como uma das maiores invenções da história das civilizações. Nessa corrente de pensamento, a banalidade se transforma em mistério. O movimento de reflexão está sendo causado por diferentes situações, desde uma torneira pingando até a água que cai por uma cascata; do movimento da bolsa de valores a uma interpretação do infarto ou da crise epiléptica. A caoslogia não propõe uma apologia à desordem como muitos pensam, mas mostra que se os acontecimentos e as turbulências da natureza dão a impressão de confusão, estes, na verdade, são atraídos para certos estados. A ação dessa atração é reconhecida, mas sua identidade não. De acordo com o senso comum, desordem é sinônimo de bagunça, porém sob essa perspectiva, percebe-se que a desordem e a bagunça não se confundem.

Os conspiradores do caos. James Crutchfield, Doyne Farmer, Norman Packard e Robert Shaw compunham este grupo que, manipulando computadores analógicos, conseguiu mostrar a não linearidade presente nos padrões de crescimento dos cristais, nos pingos de água de uma torneira, jogo de roleta...Eles se inspiraram na filosofia de Poincaré em contraposição a corrente Laplaciana que é o sustentáculo da ciência dita tradicional. Esta perspectiva que admite o não linear, o fortuito, o imprevisível como um elemento que pertence a dinâmica do sistema científico, oferece outras bases epistemológicas para analisar os fenômenos...

Coloca em questão princípios e métodos arraigados por vários séculos, o que torna árdua a tarefa do profissional de qualquer ciência que pretende utilizar perspectivas diferentes das tradicionais para embasar suas pesquisas e estudos. (DUPRET, 1999, p. 57)

Balandier (1997) define a modernidade pela fórmula “movimento mais a incerteza”. No começo da ciência, houve uma supressão do irracional dando início a uma guerra contra o que não é conhecido, validado, identificado, provado. O autor chama de mito aquilo que deixa de ser, por ser pouco preciso. Surgem então os ritos que, ao contrário dos mitos, servem a qualquer finalidade de ordem social e se encontram no interior de um sistema. O rito trabalha para a ordem.

É necessária uma outra forma de enxergar essa dinâmica da ordem, da organização, da interação e da desordem, sem que seja uma visão retroalimentar e dicotomizada, pois já se constata a sua permeabilidade. Necessário se faz entrar em contato com um sujeito que nem é dividido, nem inteiro, todavia múltiplo e complexo (Figura 1). Morin (2002) define muito bem a necessidade de se seguir por diversas avenidas as quais conduzem ao desafio da complexidade. Ele mostra a diferença entre o paradigma de simplificação - os princípios de inteligibilidade da ciência clássica - e os paradigmas de complexidade. Mostra também a importância da crença no imprevisível e numa outra forma de se fazer ciência, premissas fundamentais para a atual realidade. A complexidade é um problema, um desafio e não uma resposta.

Ordem



Desordem

Figura 1 – Ordem e Desordem

Fonte: Morin (2002)

Quando se fala em retroalimentação, toma-se como referência um modelo linear, claro e de fácil entendimento, no qual o conceito de ordem e de desordem é dicotômico. Essa divisão está presente na sociedade de diversas maneiras. Advém de uma cultura judaico-cristã do bem em oposição ao mal e fundamenta essa visão enquadrada, determinista e positivista. É um sistema fechado que apresenta uma desconsideração do sujeito no que diz respeito à sua complexidade. O sistema se alimenta por si próprio sem a possibilidade de existir algo que viesse do imprevisível. Esse raciocínio aristotélico, tradicional, em que o todo é igual à soma das partes, entende a noção de tempo como o que refletem os ponteiros do relógio.

De acordo com Morin (2002), o primeiro olhar não foi o da ordem na história humana, mas o da desordem: a história foi concebida como uma sucessão de guerras, atentados, assassinatos, batalhas e conspirações. O segundo olhar, sobretudo a partir do século passado, procura as leis da história, esforça-se por reduzir a aleatoriedade e a desordem julgando estabelecer controles econômicos, demográficos e sociológicos. O autor mostra que é impossível, tanto no conhecimento do mundo natural como no conhecimento do mundo histórico ou social, olhar o mundo reduzindo-o a uma luneta da ordem ou da desordem. Um universo “totalmente ordem” é incapaz de evoluir e um universo “totalmente desordem” é incapaz de nascer.

A ordem, de acordo com Morin (2002), está ligada à ideia de interação, ou seja, não pode operar se não houver corpos que interatuem. As grandes leis da natureza dependem dessa interação a qual, por sua vez, depende dessas leis. A ideia de ordem com a noção de estrutura (meio do caminho da ordem e da organização) demanda a ideia de organização. Ela não é reduzida à ordem, contudo, comporta e produz essa mesma ordem. As organizações

produzem ordem sendo co-produzidas pelo princípio de ordem, e isto é verdadeiro para tudo aquilo que é organizado no universo: núcleos, átomos, estrelas e seres vivos. São organizações específicas que produzem sua constância, regularidade e qualidades.

Conforme Morin (2002), a ideia de desordem é mais rica porque nela está presente um Polo Objetivo e um Polo Subjetivo. No Polo Objetivo, estão as agitações, as dispersões e as colisões ligadas ao processo calorífico, às irregularidades e às instabilidades, aos desvios, aos choques, aos encontros aleatórios, aos acidentes e aos ruídos. Já o Polo Subjetivo é o da indeterminabilidade. A desordem traduz-se pela incerteza. Ela é inseparável da evolução do universo e, não só se opõe à ordem, como também coopera com ela na criação de organizações físicas.

Sobre a desordem, é possível dizer que existe uma riqueza e uma complexidade maiores do que simplesmente uma concepção simplista, por isso a ideia de desordem é mais rica do que a ideia de acaso, embora sempre a comporte. Não se sabe se o acaso é uma desordem objetiva ou fruto de nossa ignorância, entretanto introduz a ideia do observador com a realidade. O determinismo se impôs de forma absoluta na ciência clássica, na visão experimental, que isola o objeto de seu meio, a fim de isolar sua natureza, as causas e as leis. Para Morin (2002), é necessário aprender a pensar conjuntamente ordem e desordem. Para estabelecer o diálogo entre ordem e desordem, é preciso algo mais do que duas noções. Surge, então, a ideia do tetragrama:

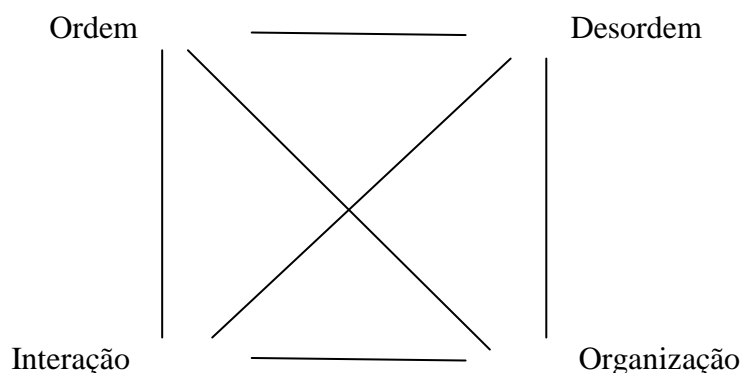


Figura 2 – Tetragrama
Fonte: Morin (2002)

É necessário conceber o universo a partir de uma dialógica entre esses termos, cada um deles chamando o outro, cada um complementando o outro, mesmo sendo antagônicos. Dessa forma, é possível perceber, com o auxílio do tetragrama, que a ordem no universo se auto-produz ao mesmo tempo que o universo também se auto-produz através de interações físicas que produzem organização e, concomitantemente, a desordem. É preciso internalizar sempre a ideia de movimento, a fim de se evitar ficar numa posição ingênua diante dos acontecimentos. Esse tetragrama não é dogmático, é simplesmente uma referência paradigmática, o jogo de transformação e formação. Apresenta-se como uma possibilidade eficaz para jamais ser esquecida a complexidade do universo e dos sujeitos.

Não faz muito tempo – e até mesmo hoje, em diversas partes do mundo, os jovens aprendiam habilidades que poderiam utilizar pelo resto de suas vidas em seu trabalho. Hoje em dia...a maioria das pessoas tem empregos que não existiam quando elas nasceram. A habilidade mais importante na determinação do padrão de vida de uma pessoa já se tornou a capacidade de aprender novas habilidades, de assimilar novos conceitos, de avaliar novas situações, de lidar com o inesperado. Isso será crescentemente verdadeiro no

futuro: habilidade competitiva será a habilidade de aprender. (PAPERT, 1994, p. 5)

O grande desafio para os estudantes e cientistas contemporâneos é encontrar outra maneira de efetivar a prática da pesquisa e outra postura como profissionais, a proporção que se percebe a necessidade de outros parâmetros que não sejam cartesianos, newtonianos e euclidianos, para conduzir o trabalho na pós-modernidade. Bachelard (2002), em sua filosofia artística, relata que quando alguém se torna sensível aos dramas da pequena luz, como uma imagem exagerada, escapa dos privilégios das imagens visuais. “Os poetas, ainda aí, vão nos ensinar a escutar” (*ibidem*, 2002, 46). É esse olhar diferenciado, perpassado pelo viés da sensibilidade, assim como estas outras posturas profissionais, o que possibilitará descortinar o imaginário para as culturas e diversidades e a possibilidade de configurar espaços dialógicos na sociedade; lutando, tensionando e deflagrando as especificidades em meio às diversidades.

2.2 Contribuições da Psicologia Sócio-Histórica

Trabalhar sob a perspectiva de Vygotsky (1991) permite compreender sujeito e sociedade como construções constantes. Para a psicologia, essa percepção traz uma implicação à sua prática ao ampliar possibilidades de trabalho e incluir questões sociais e históricas na compreensão e concepção do sujeito. A teoria sócio-histórica tem contribuído com debates importantes sobre os processos psicológicos superiores. Tem-se, como exemplo, a busca de um método de análise psicológica levando em consideração a experiência e a construção de sentidos, bem como a necessidade de outro lugar da ciência, que considere a complexidade do sujeito, o qual na sua época, era discutido apenas a partir da não separação do intelecto e do afeto, do pensamento e da linguagem, das dimensões do papel das culturas na construção subjetiva, e ainda a importância da configuração do lugar das relações e das diversidades dentro da ciência.

Vygotsky (1991) aponta para dois becos fechados no que se refere à forma de pensar da maioria dos pesquisadores: o de relacionar de maneira mecânica os elementos do pensamento, separando e estudando isoladamente cada elemento. Em alguns casos, até admite-se que um elemento interfira no outro, entretanto, essa construção relacional é feita muitas vezes de maneira estanque. A outra situação é estabelecer um determinante, por exemplo, do pensamento sobre a linguagem. O autor considera que o erro está nos métodos de análises adotados pelos pesquisadores anteriores.

Vygotsky (1991) traz, à guisa de analogia, o fato de um estudante que utiliza como método para explicar as propriedades da água o raciocínio de que ela apaga o fogo, e esbarra na seguinte questão: seguindo a perspectiva da divisão dos elementos da água, o estudante verificará que o hidrogênio queima e o oxigênio alimenta o fogo. Assim, a análise a partir da separação dos elementos da molécula H₂O, em hidrogênio e oxigênio, conclui que nenhum deles apresenta as propriedades do todo e que cada um tem propriedades que não estão presente no todo. A psicologia, quando tenta analisar algumas estruturas isoladamente como pensamento e fala ou ainda pensamento e palavra, chega a um beco sem saída, ou seja, a conclusões semelhantes à analogia descrita acima. Contudo, finaliza suas respostas, definições e conceitos rendendo-se às associações mecânicas para a compreensão do todo.

Como sugestão para essa questão, o autor sugere a análise das unidades em vez de elementos. O termo unidade, ao contrário de elementos, conserva todas as propriedades básicas do todo, visto que não se pode dividi-lo sem que ocorram perdas. A chave para compreensão das propriedades da água são as suas moléculas e seu comportamento, e não seus elementos químicos. Verifica-se, por exemplo, que na relação entre intelecto e afeto, a sua separação é uma das principais lacunas da psicologia clássica ainda presente na sociedade.

Existe um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem, e o método utilizado para a leitura recebe importância especial na localização do campo de análise em que o pesquisador está debruçado: o campo dos elementos ou das unidades. É importante diferenciar a maneira de compreender a pesquisa científica a partir do lugar que o pesquisador assume metodologicamente no que tange os processos psicológicos superiores.

Para Vygotsky (1991), as funções psicológicas superiores pertencentes à condição humana são construídas através da cultura e desenvolvidas a partir de várias interferências e interferentes nas relações intersubjetivas e com objetos disponíveis socialmente. Sua preocupação está voltada para o desenvolvimento humano e não para o desenvolvimento cognitivo e/ou comportamental, para o sujeito em suas interações e não para o sujeito dividido e desconectado, para os princípios metodológicos que não tendem ao fechamento a uma “racionalidade iluminista”, positivista. Por fim, acredita no despertar de potencialidades advindas das relações e de uma busca constante de priorizar as dinâmicas do sujeito.

Vygotsky (2002) propõe um olhar diferenciado para o sujeito e suas relações e pressupõe um rompimento na forma de olhar para a subjetividade como um processo apenas individual, portanto um rompimento com uma ciência tradicional que tinha como modelo de explicações a relação sujeito-objeto. O autor acredita que o desenvolvimento e o aprendizado interferem um no outro. Além disso, ele esclarece ainda mais esse processo através do conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal, a qual define como a distância entre o nível de desenvolvimento real, que se costuma determinar através da solução independente de problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da solução de problemas a partir da interferência de outro sujeito. Segundo Freire (2005, p. 15), “(...) a consciência do mundo e a consciência de si crescem juntas, e em razão direta, uma é a luz interior para a outra, uma comprometida com a outra”. Essa interferência remete ao fato de que ninguém se conscientiza separado dos demais e isso leva para uma educação como prática da liberdade e como respeito pelas diferenças.

Segundo Vygotsky (2002), as potencialidades são estimuladas nas relações com outros sujeitos, o que amplia as possibilidades de se buscarem estratégias para resolver situações-problema. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal permite visualizar o “lugar” em que é possível ocorrer a interferência do outro e, por extensão, o “lugar” da cultura no processo de desenvolvimento humano. Esse conceito traz à tona a importância da relação sujeito-sujeito como um outro modo de pesquisar e compor análises científicas. No que tange a relação dos sujeitos com os objetos, o autor acrescenta que os objetos estão disponíveis na cultura e podem ser transformados pelos próprios sujeitos em instrumentos quando modificados; em suas funções iniciais, apresentam a propriedade de influenciar no funcionamento psicológico da pessoa que o transformou.

2.3 Dimensões da Subjetividade e Questões Identitárias

O fenômeno psicológico deve ser entendido como construção no nível individual do mundo simbólico que é social. O fenômeno deve ser visto como subjetividade, concebida como algo que se constitui na relação com o mundo material e social, mundo este que só existe pela atividade humana. Subjetividade e objetividade se constituem uma à outra sem se confundir. A linguagem é mediação para a internalização da objetividade, permitindo a construção de sentidos pessoais que constituem a subjetividade. (BOCK, 2001, p. 22)

Com a intenção de romper com a ideia de que subjetividade é um fenômeno apenas individual, Rey (2003) introduz a categoria de subjetividade social. Dessa forma, apresenta a

subjetividade como um sistema complexo, produzida ao mesmo tempo no nível social e individual. Assim, o sujeito é simultaneamente constituinte e constituído e os processos sociais também deixam de ser vistos como externos em relação ao indivíduo ou como blocos determinantes consolidados.

A introdução desse conceito provoca um questionamento no conceito de subjetividade, que tende a ser entendida como um aspecto psicológico homogêneo, absoluto, inerente ao sujeito e fruto de sua experiência individual. Ademais, esta seria uma característica própria de cada indivíduo, não podendo ser modificada ou reconstruída. A concepção de subjetividade sob esse aspecto foi criada com o advento do mundo moderno, do capitalismo e das teorias liberais, que compreendem o ser humano como um indivíduo livre e produtor de sua própria existência. Tal pensamento promove uma supervalorização das experiências individuais, garantindo o caráter da subjetividade como algo pessoal e singular somente, o que combina, dessa maneira, com uma identidade unificada, estruturada, rígida, sem diferentes possibilidades camaleônicas de posições a serem assumidas:

(...) mesmo que conheço muito bem os riscos das categorias que vão adquirindo valor heurístico universal, não tenho hoje uma alternativa melhor para me referir as formas de organização da subjetividade social que a de configuração, categoria que tenho utilizado para definir a personalidade como forma de organização da subjetividade individual. Diferentes de outras categorias que têm surgido como universal dentro do pensamento psicológico, a categoria de configuração não se define por conteúdos universais, nem por processos únicos de caráter universal, sendo que constitui um núcleo dinâmico de organização que se nutre de sentidos subjetivos muito diversos procedentes de diferentes zonas de experiência social e individual. (REY, 2003, p. 203)

Para Rey (2003), o valor heurístico dessa categoria está na sua enorme flexibilidade. Conceber a relação entre psicologia e política é pensar o sujeito como um ator político e a psicologia como uma “práxis” política e social. Os processos de subjetivação individual estão sempre articulados com os sistemas de relações sociais, portanto têm um momento de expressão no nível individual e um outro no nível social, ambos gerando consequências diferentes, as quais se integram em dois sistemas de tensão recíproca em que coexistem: a subjetividade social e a individual.

O conceito de subjetividade social diferencia-se, por exemplo, do conceito de representações sociais especificamente no caráter subjetivo delas, porque, de acordo com Rey (2005), elas são entidades puramente linguísticas e discursivas e não privilegiam o reconhecimento da perspectiva subjetiva. É preciso buscar a ruptura da dicotomia do social e individual sem enfatizar nenhum bloco determinante, além de buscar também a integração dialética do interno com o externo. Para o autor, as representações não são espaços sociais rígidos, estáticos, que se encaixam nos sujeitos subjetivados; elas representam elementos inteligíveis através dos quais os sujeitos representam, significam e experimentam o sentido subjetivo de suas relações e, por essa razão, expressam elementos subjetivos.

É necessário fazer uma relação constante entre as representações sociais e as subjetividades, bem como, reconhecer e olhar para as configurações subjetivas dos espaços sociais e para a subjetividade individual de seus protagonistas. A realidade não somente pressiona o processo de construção teórica, como também é um elemento ativo desse processo. Segundo Rey (2005), a representação social possibilitou compreender como o conhecimento social tem natureza simbólica e social, porém a própria representação social vem sendo construída, questionada e refutada em alguns aspectos.

Em tempos de desigualdades cada vez maiores, é uma necessidade emergencial despertar valores humanos na sociedade e derreter os conceitos rígidos, congelados, endurecidos nas pesquisas científicas e na maneira de olhar para o sujeito e para suas especificidades. A concepção de homem histórico e multidimensional precisa fazer parte da atuação do profissional. Ações individuais não darão conta da complexidade que envolve o processo, por exemplo, de desigualdades etnicorraciais. Estas são concepções construídas historicamente: o sujeito é, ao mesmo tempo, produto e produtor dessas questões que envolvem o social, o político e o subjetivo.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos tinham fornecido sólidas localizações. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nos próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização dos indivíduos tanto no seu lugar do mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma crise de identidade para o indivíduo. (HALL, 2006, p. 9)

Berger e Luckmann (2003), em seu trabalho sobre a construção social subjetiva da realidade objetiva, relatam sobre como processos sociais participam dos tipos de identidades, por exemplo, como um brasileiro tem um tipo de identidade diferente de um americano ou como um diretor de empresa não se confunde com um morador de rua e assim por diante. Então, segundo esses autores, as identidades podem ser reconhecidas nas experiências do cotidiano. As teorias de identidades estão sempre dentro de teorias mais amplas de olhar a realidade. Por exemplo, a “Psicanálise não é adequada à interpretação de problemas de identidade na região do Haiti... os haitianos rurais são possessos e os intelectuais nova-iorquinos são neuróticos. A possessão e a neurose são assim constituintes de realidade objetiva e subjetivas deste contexto” (*ibidem*, 2003, p. 233).

A socialização primária, segundo Berger e Luckmann (2003), é a primeira e mais forte socialização presente em sua constituição. O indivíduo a experimenta na infância em virtude de estar num mundo que existe antes dele. Já a socialização secundária é qualquer processo posterior que introduz indivíduo nos setores do mundo. Pode-se dizer que, para os autores, o homem é produtor e produto da relação com o meio, mas, ao mesmo tempo, ainda possui uma identidade unificada em certo aspecto, visto que, o sujeito não poderia ser brasileiro e americano, ou judeu e católico, num mesmo momento ou em momentos diferentes.

Cuche (1999), quando descreve a noção de cultura nas ciências sociais, reserva um capítulo para mostrar a interdependência dos conceitos de cultura e identidade. Ele relata que, a partir dos anos 70, ocorre uma exaltação das diferenças que promoveu tendências ideológicas muito diversas e opostas em uma sociedade multicultural que tinha a ideia de cada um por si para manter sua identidade. A cultura existe mesmo sem consciência de identidade e não se deve confundir os conceitos, apesar das aproximações, afinal. “Identidade Cultural se caracteriza hoje por sua polissemia e fluidez” (*ibidem*, 1999, p.176).

Fluidez é a qualidade dos líquidos e gases. O que os distingue dos sólidos, como a Enciclopédia britânica, como a autoridade que tem nos informa, é que eles “não podem suportar um força tangencial ou deformante quando imóveis” e assim “sofrem uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão”... Essa contínua e irreversível mudança de posição de uma parte do material em relação à outra parte quando sob pressão

deformante constitui o fluxo, propriedade característica dos fluidos. Em contraste, as forças deformantes num sólido torcido ou flexionado se mantêm, o sólido não sofre o fluxo e pode voltar a sua posição original. (BAUMAN, 2001, p. 7)

Bauman (2005) reflete que o movimento da identidade está em processo de transformações constantes e que não é mais uma questão de escolha à identidade unificada. Qualquer tentativa de solidificar a identidade é inútil. A sociedade se tornou incerta e transitória, então, dessa maneira, a política de identidade cede seu espaço para a diversidade cultural, que é o destino do mundo moderno. Nesse mundo, não existe mais espaço para o aprisionamento dos conceitos de cultura e de identidade, já que é preciso, na atualidade, lidar com as questões que surgem no conviver e viver com as diferenças. Seria o “(...) construir uma mudança de uma política de classes para uma política da diferença” (HALL, 2006, p. 21), para pensar no sujeito e em suas possibilidades de identificações em tempo de uma modernidade líquida: por isso fluida, dinâmica e desinstaladora.

Segundo Cuche (1999), a identidade social permite que o sujeito se localize em um sistema social e, ao mesmo tempo, seja localizado por ele. Identidade não é somente do sujeito, mas do grupo situado em um conjunto social. Existe uma relação próxima de cultura e identidade, entretanto, muitas vezes, há uma confusão sobre identidade cultural e identidade social a partir das definições de cultura, de sociedade, de identidade e de sujeito que foram estabelecidas em determinadas épocas e coexistem na atualidade.

Há aqueles que integram a cultura como segunda natureza, apresentando uma identidade quase genética da qual não teria como os sujeitos escaparem como uma marca pré-existente a ele. Os culturalistas já caminham para outro polo, o da herança cultural, em que a determinação está numa socialização do indivíduo no interior dos grupos culturais. Existe ainda outro extremo, os objetivistas, que tentam juntar as duas teorias anteriores e descrevem a identidade a partir de certos critérios determinantes como a origem em comum. Para finalizar, para os subjetivistas, a identidade cultural é um sentimento de identificação e uma coletividade imaginária, contudo olhando por essa perspectiva a identidade estaria de certa maneira sob a escolha do sujeito. Conforme Cuche (1999, p 181) “Cada um seria livre para escolher a identidade que quisesse”.

Os extremos sempre estão em impasses. Por isso, identidade, cultura e alteridade estão ligadas profundamente. Nesse sentido, a unicidade, juntamente à ideia de estrutura, subjetividade singular somente, e identidade unificada dentre outras vão ficando, cada vez mais, em xeque no momento histórico atual.

Refletindo sobre os conceitos de identidade multidimensional, estratégias de identidade e fronteiras de identidade, Cuche (1999) apresenta, respectivamente, a primeira como a possibilidade de um sincretismo na identidade e traz a questão de se possuir uma identidade com múltiplas dimensões, porém não aceitando a dupla identidade, porque, nesse caso, estaria em um mesmo nível e ao mesmo tempo. No segundo conceito, ele afirma que a identidade é vista como um meio para atingir um objetivo, por exemplo, ocultando a identidade para escapar de uma discriminação. Quanto ao terceiro, explica que aquilo que separa dois grupos não é a diferença cultural e afirma que toda identificação é ao mesmo tempo diferenciação. Esse limite estabelecido entre o ele e o nós é o que ele chama de fronteiras.

Os embates de fronteiras acerca da diferença cultural tem tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos, podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar fronteiras habituais ante o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas do desenvolvimento e progresso (BHABHA, 2007, p. 21).

Bhabha (2007), ao conceituar hibridismo cultural (culturas), relata que o “inter” são fios que estão no entre-lugar, o qual traz o significado da cultura. Esse espaço de diversidade cultural nos constitui. “Somos esse intercâmbio cultural em que podemos pensar a diferença cultural já sendo a enunciação da cultura conhecível, possível de identificação.” (BHABHA, 2007, p. 33). Todo problema na interação cultural - seja ele classe, gênero, raça e/ou outros no cotidiano - emerge nas fronteiras das culturas nesse contato em meio às identidades diáspóricas.

No que se refere à identidade, existem questões presentes no imaginário social como os pares dicotômicos: é unificada ou fluida, móvel ou imóvel, objetiva ou subjetiva, construída socialmente ou definida por uma suposta essência da identidade. A cultura não produz uma identidade diferenciada e sim um constante processo de interações entre os grupos e os vários procedimentos de diferenciação dos quais eles se utilizam em suas relações. Assim, a identidade se constrói constantemente no interior das trocas sociais: não existe uma identidade apenas singular, ela existe sempre em relação à outra identidade.

Somente mobilizando e hibridizando o conceito de identidade, por exemplo, na possibilidade do indivíduo se identificar em um momento com uma forma de ser no mundo, uma maneira de vestir, um tipo de movimento social ou uma religião e, em outro momento, de outra forma, ou ainda das duas formas ao mesmo tempo; consegue-se percebê-la combinando com a fluidez do mundo atual. Para Hall (2006, p. 8), “as identidades modernas estão sendo ”descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas”. Não se dá conta hoje de pensar o sujeito unificado, coerente, autêntico e com determinantes. Precisa-se pluralizar e hibridizar o conceito de identidade e desestruturar os mitos enrijecidos pelo endurecimento científico e pelas concepções de verdades ainda presentes na atmosfera e nas estruturas institucionais e relacionais.

(...) o valor estratégico dos discursos de identidade negra diante do racismo, com suas múltiplas raízes dos diversos níveis da formação social: político, econômico, social, cultural. Ao mesmo tempo, em um movimento que parece paradoxal enfoca sempre o jogo da diferença, a *difféance*, a natureza intrinsecamente hibridizada de toda identidade e das identidades diaspóricas em especial. O paradoxo se desfaz quando se entende que identidade é um lugar que se assume, uma costura de posição e contexto, e não uma essência ou substância a ser examinada. (HALL, 2006, p. 15)

O sujeito é confrontado com uma identidade hibridizada, por isso fragmentada, além de diversas possibilidades de identificação, pois a sociedade é caracterizada pelas diferenças. Hall (2001), no artigo “Quem precisa de uma identidade?”, critica uma subjetividade com base nas meta-narrativas e em perspectivas discursivas. Ele caminha, nesse artigo, refletindo em torno do conceito de identificação nos campos analíticos e discursivos e questionando a subjetividade individual somente e a-histórica.

Hall (2001) descreve como certos conceitos são incapazes de pensar determinadas circunstâncias. Todavia, uma vez que eles não foram substituídos, continuam sendo usados e pensados para a produção de conhecimento. O autor chama a observar a irredutibilidade do conceito de identidade e a observar as relações em torno desse conceito e suas redes complexas. Assim, ajuda a trazer para a centralidade a questão da agência, que seria o elemento ativo da ação individual e da política e, dessa forma, rearticular a relação entre o sujeito e o processo de subjetivação (práticas discursivas):

As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação... As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o

qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde nos viemos”, mas muito mais com as questões quem nós podemos nos tornar. (HALL, 2001, p 109)

3 TEORIA E METODOLOGIA COMO PROCESSO

3.1 Contextos Históricos: Debate e Perspectivas

Vygotsky se diferencia criticamente de correntes naturalistas, essencialistas, comportamentais e cognitivistas e, ao mesmo tempo, na determinação dos fenômenos do campo analítico, pois esta era a atmosfera intelectual de sua época. Na Rússia, no início do século XIX, a psicologia estava voltada aos experimentos de Pavlov que, juntamente com os Estados Unidos formavam uma corrente behaviorista bastante forte. Na Suíça, na França e em outras partes da Europa, a fenomenologia seguia adiante buscando na filosofia suas bases científicas, enquanto a psicanálise de Freud, segundo o próprio Freud, inaugurava uma nova ciência.

Vygotsky (2002), entretanto, estava chamando e propondo aos pesquisadores um reexame nos métodos de pesquisa. Em sua época, grande parte dos estudos baseava-se em estímulo-resposta, e o corte na construção do homem era pelo racional ou pela composição biológica. O autor se interessava pelo viés da cultura, já que considerava que os processos psicológicos superiores não eram independentes uns dos outros, mas aconteciam simultaneamente entrelaçando-se o tempo todo. Repetidamente, refletia e discriminava sobre as capacidades dos animais e dos homens, apoiando-se nas dimensões historicamente criadas e elaboradas da vida humana.

Segundo Rey (2005), na Alemanha surgem os primeiros estudos em psicologia, mas nos EUA ela se tornou profissão. O estudo da consciência começava a ceder espaço para o estudo comportamental, primeiramente no início da primeira guerra mundial.

Wundt propôs explicitamente, que as funções mentais complexas, ou como eram então conhecidas, “os processos psicológicos superiores” (lembrança voluntária e o raciocínio dedutivo, por exemplo) não poderiam em princípio, ser estudadas pelos métodos experimentais. Na sua opinião, so poderiam ser pesquisadas através de estudos históricos dos produtos culturais tais como as lendas, costumes e linguagem. (VYGOTSKY, 1999, p 4)

Rey (2002) relata que a psicologia européia se distingue da psicologia americana exatamente na divisão do trabalho de Wundt entre os estudos sociais e os estudos experimentais, respectivamente. Ao mesmo tempo, ocorria o surgimento do conceito de campo psicológico com Lewin, isto é, o ser humano visto dentro do campo de suas experiências, o que foi bastante enriquecedor para a produção de conhecimento. Segundo Vygotsky (1999), frente a esse cenário, os psicólogos concordavam que havia a necessidade de se analisarem os processos psicológicos e suas constituintes básicas. E ainda afirmava que “qualquer abordagem fundamentalmente nova de um problema científico leva, inevitavelmente a novos métodos de investigação e análise” (VYGOTSKY, 2002, p75).

Nesse sentido, o autor sugere três princípios metodológicos para nortear a investigação e sua análise. São eles:

- A – Analisar os processos e não o objeto
- B – Explicação *Versus* descrição
- C – O problema do comportamento fossilizado

3.1.1 Analisar os processos e não o objeto

Se substituirmos a análise do objeto pela análise do processo, então a tarefa básica da pesquisa obviamente se torna uma reconstrução de cada estágio do desenvolvimento do processo. (VYGOTSKY, 2002, p 83)

Em contraponto a uma ciência dominante clássica, influenciada do positivismo, uma “ciência dura”, que trabalhava com coletar, medir fenômenos observáveis e replicáveis, herdada das ciências ditas naturais, são apresentados alguns pontos chave que diferem o pensamento de Vygotsky de correntes importantes de sua época e que continuam presentes em nossa sociedade como, por exemplo, as comportamentalistas e suas ramificações e os cognitivistas e respectivas variações

O primeiro ponto chave centra-se em como o comportamento humano difere do comportamento dos animais de maneira qualitativa, em relação à adaptabilidade e ao desenvolvimento, a partir do seu conceito de zona de desenvolvimento proximal - interferência mútua do desenvolvimento e do aprendizado, e que precisam ser pensada conjuntamente.

O segundo ponto é que, a partir dessas rede de interferência dos fenômenos psicológicos e das relações sujeito com outro sujeito, é necessário abraçar o desafio de encontrar uma outra metodologia para a experimentação psicológica. É trazida para compor a investigação científica a dimensão do movimento, da dinâmica da história, que é buscar os constituintes da trajetória dos processos. Para ilustrar o que se diz, tomamos como exemplo uma criança e um adulto quando dizem a palavra “mar”. Na realidade, o mar é o mesmo, mas o sentido é diferente para cada um deles, devido à bagagem de experiência de cada um. Dessa maneira, apresenta a pesquisa que não tem objeto de estudo, pois ela se volta para os processos dos sujeitos. No caso de uma pesquisa específica com humanos, então, investigamos os sujeitos que se encontram na dinâmica do movimento de suas interferências.

3.1.2 Explicação versus descrição

É preciso mostrar a dinâmica dos fenômenos psicológicos ao contrário de somente apontar suas características perceptíveis. Sobre isso, afirma Vygotsky (2002):

(...) são necessários meios especiais de análise científica para pôr a nu as diferenças internas escondidas pelas similaridades externas. A tarefa da análise é revelar estas relações. Neste sentido, a análise científica real diferencialmente da análise introspectiva subjetiva, que pela sua natureza não pode esperar ir além da pura descrição. (ibidem, 2002, p 83)

Nesse momento, o autor utiliza o método da interpretação diferenciado do campo analítico visto que este compreende a realidade pelo viés do sujeito sócio-histórico. Apesar de se reconhecerem os discursos como legítimos, busca-se o aprofundamento do processo do desenvolvimento psicológico e, devido a esse interesse, abrem-se espaços para outra metodologia. Por exemplo, dois tipos de atividades podem ter a mesma manifestação externa, entretanto, podem se diferenciar no processo de construção e em seus sentidos, apresentando as diferenças internas escondidas pela similaridade externa. Com o mesmo exemplo usado acima, porém agora com dois adultos olhando para o mar, pode-se observar que cada um, devido ao sentido subjetivo, tem concepções diferentes de mar, apesar de que, na realidade, o mar é o mesmo. Na descrição, se busca-se o sentido compartilhado ao descrever de forma fiel. Na explicação, busca-se o sentido para o próprio sujeito, pois se acredita que esse sujeito é individual e social ao mesmo tempo.

3.1.3 O problema do comportamento fossilizado

É aqui que o passado e o presente se fundem e o presente é visto a luz da história. Aqui nos encontramos simultaneamente em dois planos: aquele que é e aquele que foi. A forma fossilizada é o final de uma linha que une o passado e o presente, os estágios superiores do desenvolvimento e os estágios primários. (VYGOTSKY, 2002, p 84).

Como sujeito complexo, o ser humano também possui processos psicológicos automatizados e mecanizados os quais se repetem no cotidiano, pois estão presentes na visão de mundo, por isso atuando nas relações. Sua aparência externa, reproduzida repetitivamente, não revela sua dinâmica interna, o que torna difícil, por exemplo, sua análise.

Os comportamentos fossilizados, último princípio norteador, são os processos que cristalizaram com o tempo, isto é, passaram por através de um estágio longo do desenvolvimento histórico e se fossilizaram. Tais comportamentos, muitas vezes, se localizam no ponto cego do pesquisador em relação a seus pré-conceitos, pré-formulações e hipóteses a respeito de sua pesquisa e do seu olhar para o mundo.

O processo de pesquisar também coloca o pesquisador diante de si mesmo, com seus próprios comportamentos fossilizados, conhecidos e desconhecidos em interação, isto é, interferindo nos sujeitos e sendo interferidos pelos sujeitos da pesquisa. Assim, nesse princípio norteador, é importante que o pesquisador foque a atenção em si mesmo, reconhecendo a existência desses comportamentos para, assim, utilizarmos recursos de pesquisa que nos auxiliem em não reproduzir e repetir ações.

Logo, o pesquisador abre espaços para os sujeitos das pesquisas aparecerem e não apenas levanta hipóteses para serem confirmadas por ele (ou não). É necessária atenção e cuidado com as interpretações preconcebidas, contudo, não se deve abrir mão da interpretação e da explicação dos fenômenos, sendo que, obrigatoriamente, para sair dessa armadilha, necessita-se de um viés de pesquisa com referencial teórico, metodológico e princípios abertos e não determinantes.

Este trabalho propõe uma investigação de abordagem qualitativa, baseada nos pressupostos teóricos de Vygotsky (1988; 1996), e nos epistemológicos de Morin (2002), e a técnica utilizada para operacionalização da pesquisa e a das unidades de sentido sugerida por Rey (2005) para ação em campo e para análise dos conteúdos das falas dos entrevistados.

Nessa perspectiva, em que a realidade é vista de forma contextualizada, entende-se que a metodologia escolhida se apresenta como um recurso para se debater e analisar especificidades negras, oferecendo visibilidade às diversidades presentes nos espaços acadêmicos em que dinâmicas de poder ocorrem nas instituições e nos sujeitos que as dinamizam.

Cabe destacar que as entrevistas abertas, seguindo o modelo de uma conversa entre iguais, e não um intercâmbio formal de perguntas e respostas, estão compostas por duas perguntas deflagradoras: 1) O que você está estudando na pesquisa de mestrado e/ou doutorado? 2) Como foi que voce chegou neste tema de pesquisa? E duas perguntas objetivas: 1) Qual a sua cor? 2) Voce é morador da Baixada Fluminense?

Deste modo, é possível observar diferentes formas de expressão dos sujeitos e suas subjetividades, as quais revelam sentidos para formação de categorias (indicadores) e de núcleos de sentidos advindos de tal interpretação (unidades). A análise das expressões dos sujeitos entrevistados integra o conjunto de indicadores revelados no decorrer da própria investigação.

A escolha da pergunta deflagradora é fundamental para a pesquisa pretendida, pois é construída a partir de debates que minimizem sua expressão mecanizada e fossilizada. A escolha de entrevista aberta combina com a ideia de situarmos o sujeito como autor principal, abrindo espaço para a liberdade da expressão de suas emoções e sentidos.

De acordo com Dupret (2007, p. 3):

É fundamental uma metodologia que tenha como referência o aprender a olhar, a ler indícios e o aleatório; que entenda a ciência como exercício de criatividade e atividade que permite integrar a arte e os diferentes conhecimentos: científicos e populares.

Ademais, a categoria de configuração definida por Rey (2002) é apresentada de forma que seja possível acessar os sentidos para a construção das unidades como categorias flexíveis e, dessa forma, ter possibilidades de apreendê-las na sua totalidade e complexidade, em suas singularidades e multiplicidades (caráter uno-múltiplo) presentes nas falas dos sujeitos entrevistados.

3.2 As Representações Sociais e as Unidades de Sentido Sugeridas por Rey

Nos últimos anos, o conceito de representação social tem aparecido com grande frequência em trabalhos de diversas áreas. Com efeito, esse conceito atravessa as ciências humanas e não é patrimônio de uma área em particular. Ele tem raízes na sociologia, uma presença marcante na antropologia, na história e na psicologia social. Mas, é a teoria desenvolvida por Serge Moscovici (2010) sobre o tema e aprofundada por Denise Jodelet (2002) que passa a servir de ferramenta para outros campos, como a saúde, a educação, a didática, o meio ambiente, o cotidiano da escola, apresentando inclusive propostas teóricas diversificadas.

Moscovici (2010) descreve que uma das temáticas que sua geração discutia era o problema da ciência e, por extensão, o modelo da modernidade. Relata que o interesse era de como a ciência teve um impacto nas mudanças históricas, no nosso pensamento, e em nossas perspectivas sociais. Não se tinha o interesse de saber como a ciência afeta a cultura, ou as ideias de cada um na vida do cotidiano, ou ainda como essas ideias poderiam tomar conta das crenças das pessoas, e assim por diante.

Moscovici relata que os conceitos que operam com grande profundidade parecem necessitar de cinquenta anos para germinar na camada mais baixa da comunidade científica. Por isso, que muitos de nós estamos apenas agora começando a perceber o sentido de ideias que estavam geminando na sociologia, antropologia e psicologia desde o limiar deste século. Em um caráter mais conceitual, Denise Jodelet (2001) afirma que a Representação Social designa um fenômeno de produção dinâmica, cotidiana e informal de conhecimento, um saber de senso comum de caráter eminentemente prático e orientado para a comunicação, a compreensão ou o domínio do ambiente social, material e ideal de um determinado grupo.

Moscovici (2010) descreve a representação social como:

Um sistema de valores, idéias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitara as pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhe um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social. (*ibidem*, 2010, p.21)

O trabalho de Moscovici é parte de uma perspectiva europeia em psicologia social que emergiu nos anos 60 e 70. Na década de 50, os marxistas guerreavam com os psicanalistas, o que enriqueceu o trabalho de Moscovici: *La Psychanalyse, son image et son public*. Essa foi uma ocasião para mostrar que, quando surge uma ideia nova, ou quando um novo conhecimento científico penetra na esfera pública, na vida cultural de uma sociedade, surgem verdadeiras lutas culturais, polêmicas intelectuais e oposições em diferentes modo de pensar.

Morin (1983) afirma que as múltiplas dimensões do campo de estudo das representações sociais, a interdisciplinaridade que lhe é intrínseca, as contradições e os paradoxos com que se depara o pesquisador e as inúmeras dualidades (campo estruturado/núcleo estruturante; conteúdo/processo; contexto histórico "aqui-e-agora"), que, a exemplo das unidades subatômicas estudadas pela Física Quântica em seu aspecto dual (apresentando-se ora como partículas, ora como ondas), as representações sociais situam-se no seio do debate mais atual sobre a ciência, não só pelo questionamento que suscita sobre a natureza do conhecimento e sobre a relação indivíduo-sociedade, mas, sobretudo, por inserir-se no paradigma da complexidade.

O conceito de representação social significou sem dúvida, a criação de uma zona de sentido dentro da psicologia social, orientada em um dos processos mais importantes da subjetividade social, que foi totalmente ignorado pela psicologia social anterior: o processo de gênese e desenvolvimento de conhecimento social. A categoria de representação social permitiu compreender como o conhecimento social tem uma natureza simbólica e social, que produz significação mais além de qualquer objeto concreto que apareça como conteúdo de uma representação. Precisamente este é uma das diferenças centrais entre a teoria das representações sociais e as teorias de cognição sociais. Contudo, essa distinção foi vista, com frequência, obscurecida pelo conceito de objeto, e as diferentes formas em que se tem apresentado dentro do desenvolvimento dessa teoria, assim como também pelo que denominaria uma certa tendência objetual-descritiva em muitas investigações empíricas orientada para o estudo da Representação Social. O conceito de Objeto é conflitivo por sua própria história dentro de uma psicologia dominada pela dicotomia sujeito e objeto, que encontrou expressão até nos primeiros seguidores de Vygotsky no enfoque histórico cultural. A análise sobre a questão do objeto das representações sociais tem implicado, de uma forma ou outra, praticamente todos os representantes dessa teoria, incluindo o próprio Moscovici. (REY, 2003, p. 124)

Conforme Rey (2005a), a epistemologia qualitativa representa um modo totalmente novo de conceber os princípios gerais de uma perspectiva metodológica apropriada ao estudo dos processos psicológicos. Relata que alguns investigadores aderem à pesquisa qualitativa, mas sem posicionamento epistemológico. A revitalização do epistemológico é uma necessidade diante da tentativa de monopolizar o científico a partir das relações de dados com a validade e a confiabilidade dos instrumentos que a produzem. Esse instrumentalismo corrompeu o objetivo da ciência, levando a reificação do empírico e provocando profundas deformações ao usar a teoria. Devido a isso, falar em metodologia qualitativa é falar em debate teórico epistemológico.

De acordo com Rey (2005b), dessa maneira, com uma visão do sujeito não dicotomizada e de princípios científicos não duros, a relação Representação Social-Realidade, e não apenas na busca de um objeto da representação social no externo é importante para o valor heurístico do conceito, pois a RS está contida por uma multiplicidade de elementos de sentido e de significado que circulam na sociedade.

Segundo Vygotsky (2002), significado, no campo semântico, corresponde às relações que a palavra pode conter, já no campo psicológico é um conceito. Os significados são produções históricas sociais, compartilhadas, permitem a comunicação dos homens, e são fundamentais para a constituição do psiquismo. Essa atividade difere os homens dos animais, e a dimensão semântica da palavra não da conta de expressar as possibilidades de registro da realidade contida nelas. Desse modo, vislumbra-se a complexidade existente no movimento de constituição do sujeito e a categoria de sentido ajuda a ter a compreensão sem descolar os sujeitos de sua singularidade e dos processos sociais e históricos e, principalmente, sem descolar o sujeito e sua subjetividade ao mesmo tempo individual e coletiva.

Definimos como sentidos subjetivos, a unidade inseparável dos processos simbólicos e as emoções num mesmo sistema, no qual a presença de um desses elementos evoca o outro, sem que seja absorvido pelo outro. O qual o sentido subjetivo representa uma definição antológica diferente para a compreensão da psique como produção cultural. “A integração de elementos de sentidos, que emergem ante o desenvolvimento de uma atividade em diferentes áreas da vida, denominamos configuração subjetivas” (REY, 2002, p. 55)

De acordo com Rey (2002), nem Moscovici, nem nenhum dos autores mais importantes da RS, compreendeu as RS como reflexo de um objeto da mente que se situa dentro de uma concepção representacional do conhecimento. Mesmo assim tem recebido críticas de alguns representantes do construtivismo social tais como Gergen, Ibanez e Potter a este respeito. Existe o respeito da análise do discurso representacional, mas diferenciando teoricamente e epistemologicamente do lugar que se fala e trabalha a ciência.

Para Vygotsky (1991) o sentido de uma palavra é agregado de todos os fatores psicológicos que surgem como resultado da palavra. Sentido é a formação dinâmica, fluida e complexa que tem inúmeras zonas de sentido. O significado é apenas uma dessas zonas de sentido que a palavra adquire no contexto da fala. Nesse momento, o autor nos oferece a possibilidade de olhar para o sentido com a ontologia da psiquê que não se reduz aos processos de linguagem e nem às instâncias discursivas. Assim, o tema das emoções se configura a partir da constituição subjetiva. No campo das representações sociais, seriam importantes, segundo Rey (2002), dois pontos: o primeiro, definir o caráter subjetivo das representações sociais e suas diferenças com as entidades puramente linguísticas e discursivas; e a segunda o reconhecimento dessa constituição subjetiva das representações sociais.

A representação social devido à falta de uma epistemologia, por exemplo, da pesquisa qualitativa, utiliza-se de metodologias ou de formas duras ou “inocentes” que têm como resultado, às vezes, a visão de um conhecimento cognitivo e social determinante, sem espaço para o subjetivo. A representação social significa um processo de produção de sentido que integra formas explícitas e implícitas das histórias sociais subjetivadas nos grupos. A RS, mais do que um interesse descritivo para a psicologia social, tem valor heurístico para entrar de forma indireta nas zonas de sentido da realidade social, não sendo mero reflexo do representado.

Segundo Moscovici (2010), a formação da representação social é dada por dois processos principais: a objetivação e a ancoragem. A objetivação dá realidade material a um objeto abstrato, fortalecendo o aspecto icônico de uma ideia imprecisa, o que se associa a um conceito de imagem. Em um segundo momento, sucede-se uma naturalização desse objeto, atuando no sentido da construção social da realidade. Pela ancoragem, o objeto é classificado entre as redes de categorização da sociedade, adequado à hierarquia existente das normas e valores sociais. Segundo Rey (2002), esses mecanismos são uma manifestação dos processos

subjetivos que caracterizam o processo de formação e desenvolvimento da RS. A ancoragem não é somente um processo cognitivo como é assumido pela maioria dos autores que trabalham com RS, pois nele influem os sentidos subjetivos que são os facilitadores do processo. A representação não é um reflexo, é uma formação de sentido que se expressa em nível simbólico. Portanto, a introdução da subjetividade social não é para explicar os processos concretos e pontuais que aparecem em nível social, mas gerar uma zona de sentido para a psicologia social que abra espaço para a produção de novos conhecimentos sobre diferentes aspectos da vida social.

A busca da explicação dos fenômenos, tendo com ponto de partida uma epistemologia da pesquisa qualitativa, ajuda-nos a não cair em armadilhas, no que diz respeito a atermo-nos aos aspectos discursivos ou explicações, não deixarmos as RS se converterem em entidades estáticas e pré-configuradas. Para Rey (2002, p 136):

O sujeito individual esta constituido pela subjetividade social e por sua vez, é um dos momentos constituintes daquela , por meio das consequencias de suas ações criativas dentro do tecido social em que atua. O sujeito representa a singularização de uma história irrepitível, capaz de “captar” elementos de subjetividade social que somente serão inteligiveis ao conhecimento por meio de contrução de indicadores singulares presentes nas expressões individuais. Neste sentido, as entrevistas abertas os sistemas conversacionais e dialogicos que caracterizam o momento de um investigação, representarão a unica fonte de acesso a esse material que aparece nos interstícios das produções do sujeito, os quais tem um lugar nas expressões de sua representações. As representaçoe sociais não são espaços sociais rigidios, estatico ou pre formado que se encaixam de forma padronizada a expressão dos sujeitos ou que estão prontas na subjetividade dos sujeitos individuais . Elas representam elementos de inteligibilidade por meio dos quais os sujeitos significam e experimentam os sentidos subjetivos de suas relações de comunicações é por esta razão expressam neste processo um conjuntos de elementos de sentido que jutifiquem por que são estas representações e nao outras, as que caracterizam um certo fenômeno de uma realidade social concreta.

4 PESQUISA DE CAMPO

4.1 As Universidades Públicas da Baixada Fluminense

A Baixada Fluminense, o campo desta pesquisa, possui duas universidades públicas: a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) em Duque de Caxias e a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), esta com dois campi nessa região: um em Nova Iguaçu e outro em Seropédica (sede da UFRRJ). A Baixada tem uma população aproximadamente de 3,5 milhões de habitantes, com 14 municípios e agrega cerca de 30% da população do Estado do Rio de Janeiro, em sua maioria descendentes de imigrantes, afro-brasileiros e pessoas pertencentes à classe trabalhadora.

A Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Seropédica e Nova Iguaçu) possui os seguintes programas de mestrado:

- Agronomia – Ciências do Solo
- Biologia Animal
- Ciência e Tecnologia de Alimentos
- Ciências Ambientais e Florestais
- Ciências Fisiológicas
- Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
- Ciências Veterinárias
- Educação Agrícola
- Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares
- Engenharia Química
- Fitossanidade e Biotecnologia Aplicada
- Fitotecnia
- Gestão e Estratégia em Negócios
- História
- Medicina Veterinária – Patologia e Ciências Clínicas
- Química

Quanto aos programas de doutorado, a Universidade possui:

- Agronomia e Ciências do Solo
- Biologia Animal
- Ciência e Tecnologia de Alimentos
- Ciências Ambientais e Florestais
- Ciências Fisiológicas
- Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade
- Ciências Veterinárias
- Ciência, Tecnologia e Inovação Agropecuária
- Química

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), campus de Duque de Caxias, possui, até o momento desta investigação, apenas um curso de mestrado na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense:

- Educação, Cultura e Comunicação em periferias urbanas

4.2 Revelações do Campo

Deu-se início ao trabalho de campo no começo de 2010, no programa de origem do pesquisador, por vez que as pessoas os coordenadores já são conhecidos, e seria mais fácil o acesso para as entrevistas. De início, no universo de 10 alunos totais da turma de 2009 e 19 alunos totais da turma de 2010, foram escolhidos quatro alunos da turma de 2009 e dois alunos da turma de 2010. A busca foi pelos alunos negros (pardos e negros) do programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares para a realização das entrevistas. Foi um projeto piloto já no campo, podendo perceber o efeito da pergunta deflagradora. Neste momento foi identificado fenotipicamente os negros pelo pesquisador e não incluindo os pardos nesta amostra. Estas turmas foram revisitadas no final da pesquisa em outubro de 2010 para as entrevistas com os pardos, incluindo o critério da dúvida na escolha dos sujeitos que explicarei posteriormente.

O início das entrevistas nos outros cursos foi adiado para o final de 2010, já que outros alunos poderiam entrar no segundo semestre de 2010 e, ademais, alguns programas têm editais de doutorado até outubro de 2010. As entrevistas ocorreram em outubro, mês em que os editais de doutorado já estariam fechados em todos os programas e os alunos de 2010, matriculados. As primeiras entrevistas foram feitas na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, por ser a universidade com o maior número de programas de mestrado e doutorado na Baixada Fluminense e, depois, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, de Duque de Caxias, já que teria apenas um programa de mestrado.

O primeiro curso pesquisado foi o Mestrado Profissionalizante de Gestão de Negócios. Encontrar o coordenador do curso e pedir autorização era a primeira etapa do processo. Na secretaria desse programa foi conversado sobre o tema da pesquisa, os horários das disciplinas e da coordenação para posterior organização das entrevistas.

Na própria secretaria, começaram dizer quem era e quem não era negro e, ao mesmo tempo, diziam: “Tem negros aqui, mas é muito pouco, muito pouco mesmo, a minoria”. Foi explicado para a secretária, a qual me atendeu muito bem, que seria preciso estar em sala de aula nas disciplinas para identificação dos negros e realização das entrevistas. A secretária perguntou se não era preferível olhar as fotos dos alunos? “Temos fotos com as fichas de todo mundo”. Essa opção se apresentou como uma ótima estratégia para o reconhecimento dos entrevistados.

Foram analisadas sessenta e uma fichas de inscrição com fotos de alunos, o que possibilitou obter o contato dos alunos e poder marcar as entrevistas. Ela, sem saber, ajudou a agilizar e organizar a pesquisa. Então, além das disciplinas que poderiam ser utilizadas como ponto de encontro dos alunos, as fichas de inscrição seriam utilizadas para fazer o contato e marcar entrevistas. No caso dos alunos, principalmente quando se tratava dos alunos de 2008 e 2009, que já tinham cursado as disciplinas obrigatórias, até esse momento ainda não se tinha a forma de realização do processo de identificação e o campo ofereceu essa resposta.

Porém, as fotografias trouxeram uma questão: Como identificar os pardos? Eram muitas fotos e a confusão, a dúvida se instalaram nesse sentido de quem seriam os pardos a serem entrevistados. A identificação fenotípica dos negros não gerava dúvida para o pesquisador, entretanto, a identificação dos pardos era mais difícil. Quanto mais claro, mais difícil de identificar, até mesmo a secretária teve dúvida. Nesse momento, foi criado o critério, ou seja, o critério da dúvida para a entrevista: se, ao olhar uma fotografia, se surgisse a dúvida, a pessoa era chamada para a entrevista. Caso a dúvida não surgisse, o aluno não era chamado. Esse critério foi utilizado durante toda a pesquisa de campo.

Esse primeiro programa, em Seropédica, foi de suma importância para definir a estratégia no campo, por exemplo como os sujeitos seriam selecionados na prática. Esse processo de contato com as secretárias e com os coordenadores abriram inúmeras questões e situações que ajudavam o desenvolvimento processo.

Segue, nesse momento, a descrição de algumas situações importantes que ocorreram nesta trajetória. O tema era debatido logo de início quando era dito que o estudo era sobre os negros e que os mesmos seriam escolhidos. Essa discriminação, no sentido de separar/identificar para a pesquisa, já era um incômodo para alguns programas. Alguns coordenadores diziam: “Como assim você quer entrevistar somente os negros?”, “Como você vai identificar?”, “Quem é negro no Brasil?” ou “Difícil esse critério de quem é negro. Por que você quer os negros? O que você acha que é negro? Eu posso não achar e ainda a aluna pode não se considerar-se negra”. Nesses momentos, houve o cuidado de não discutir questões etnicorraciais, apenas ouvir o que aparecia nos debates. Era preciso muita contenção em alguns momentos tensos do processo.

Algumas percepções foram consideradas importantes no processo com as secretárias e com os coordenadores, visto que essa temática estava chegando no programa, e em sua maioria pela primeira vez. Foi verificado que o debate observado nas secretarias e com os coordenadores dos programas era sobre “Quem era negro no Brasil?”. Tanto positiva quanto negativamente, o assunto não passava despercebido. Não era deixado passar quando era dito que a pesquisa era com pós-graduandos negros e que a identificação de cor seria feita pelo pesquisador, não por eles, por isso a necessidade do acesso às fichas de inscrições. Por exemplo houve casos em que o coordenador queria selecionar ou queria que a secretária olhasse as fichas sem permitir o acesso às fotos dos alunos.

Interessante era, por exemplo, quando uma ficha não tinha fotografia. A maioria das fichas tinha fotos, mas às vezes uma ou outra faltava. Assim, só tinha a fotocópia em preto e branco dos documentos de identidade, o que não possibilitava a identificação em parda ou negra, mas apenas em fenótipos, sem a cor da pele. Foi verificada a importância da cor: muitos que foram inicialmente identificados como brancos, eram negros, e vice-versa. As secretárias eram acionadas em momentos de dúvida e, como geralmente conheciam todos os alunos, nesse momento, surgiam frases, formas de falar, dúvidas e questionamentos muito pertinentes. Os coordenadores que estavam na sala também colaboraram com mais observações sobre esta temática.

Tais momentos de polêmica foram de suma importância para o exercício do critério da dúvida e esses alunos “duvidosos” eram chamados para entrevista, quando era feita a verificação da cor. Foi interessante observar que apareciam frases como: “Esta é preta pra valer!”, “Branca igual leite!”, “Ela é da minha cor. Se me acho preta, ela também é preta”, “Não sei. Tem traços negros, mas ela é clara. Só você vendo mesmo”, “Tem uns moreninhos. Não sei se você vai querer eles”, “Tem uns aqui que são negros, mas no Brasil eu não sei se eles se identificariam dessa maneira”, “Porque você não escolheu aquela menina da minha cor se eu me acho negra e ela também é negra?” (Essa frase foi dita por uma secretária branca, fenotipicamente), “Aquela se não for preta, mudo meu nome”, “Nunca me toquei nessa questão de cor” (Secretária negra), “Aquela, é branca, com certeza”, “Aquela é preta, com certeza”, “Não sei, olhando o nariz e a boca, tem traços africanos, mas o cabelo não tem. Cor? Tenho dúvida. Parte dos olhos são da Europa, mãos e pés grandes. Você precisa olhar”. Estas foram algumas frases ouvidas das secretárias dos programas, dentre várias outras.

Quando aparecia uma ficha sem foto, era um debate ou uma certeza entra a cor preta e branca. Assim, se fosse percebida alguma dúvida em algumas das secretárias, tais alunos eram chamados para a entrevista. Às vezes, na secretaria, estiveram presentes alunos do programa que também contribuíram nos questionamentos que apareciam. Foram observados: dúvidas, interesses, desprezo e, até mesmo, ironia pela temática etnicorracial. A maioria das

secretárias era negra. Apenas uma minoria, branca. Quanto aos coordenadores de curso, a minoria era negro.

Em alguns momentos, a recepção não foi boa pelas secretárias ou pelo coordenador, mas sempre aparecia alguma das secretárias para viabilizar o processo. Houve momento em que pessoas na secretaria foram surpreendidas falando mal da pesquisa e sobre “Essa história de negros”, identificar negros, cotas e, ao serem surpreendidas, instalava-se um silêncio. Foi um silêncio constrangedor que provocou sensações como a vibração “no sangue” pela temática, apesar de “ainda não me sentir negro naquele momento”. Muitas coordenações e secretarias proporcionaram bom atendimento, abrindo o espaço do programa para a pesquisa.

Um fato muito interessante ocorreu logo no início das pesquisas com dois coordenadores. Percebeu-se suas disponibilidades, quando não era falado o tema da pesquisa. Havia uma diferença gritante em termos de disponibilidade ao dizer que a pesquisa era com os pós-graduandos das universidades, em comparação com o momento em que era dito que se tratava de um público-alvo composto por negros e que seria necessário ver as fotos dos alunos. Nesse instante, a disponibilidade diminuía significativamente.

Foi decidido, depois disso, dizer aos coordenadores que o estudo era com os pós-graduandos negros, logo de início. O atendimento dos coordenadores ocorreu na sua maioria pessoalmente e alguns, pelo telefone. Algumas frases de coordenadores sobre o que seria raça no Brasil também chamaram atenção. Houve alguns questionamentos e preconceitos sobre ser negro no Brasil e como identificá-los. Algumas frases: “Não acredito em sua pesquisa, acho uma bobagem essa história de negros no Brasil. Por exemplo, se você me identificar como negro, eu digo que não sou. Sou brasileiro.” Ou “Você pode fazer sua pesquisa, mas eu não concordo com ela. Fica à vontade”, outros diziam “Sempre fui ovelha branca da minha família. Eu não entraria na sua pesquisa, mas se você ver meu irmão, com certeza ele entraria. O Brasil é assim.”, “Fique à vontade para realizar sua pesquisa, super importante esta questão no Brasil”, “Você não pode ver as fotos e anotar os telefones dos alunos, pede para as secretárias identificarem para você quem é negro”, “Fenotipicamente fulano é negro” ou “O que seria raça no Brasil?”. Foi observado que, quanto mais elitizado(2) o curso, mais dificuldade se encontrava nesse processo inicial de autorização para a pesquisa, liberação para olhar as fichas de inscrição e anotar os telefones e os e-mails dos alunos. Pode não ter sido regra, mas os cursos que criaram problema para dar acesso às fichas, geravam a necessidade de retorno duas ou três vezes, levando quase à desistência pelo cansaço, eram cursos mais elitizados. Logicamente, também houve experiências com coordenadores que, além de ajudar, colocaram-se disponíveis para o andamento da pesquisa.

Esta panorâmica inicial se faz importante, pois ajuda a configurar o campo de trabalho da pesquisa: o das pós-graduações, os negros, e as dificuldades, aberturas e fechamentos para a temática etnicorracial. Outro ponto importante, era encontrar pessoalmente com os alunos que não tinham foto. Era a primeira vez que o aluno (ou a aluna) estava sendo visto, após a ligação e explicação sobre a entrevista, um momento de verificação e confirmação. A marcação por telefone facilitou o encontro com os alunos, pois, além de as entrevistas ocorrerem nas universidades dos alunos, algumas foram marcadas no centro do Rio de Janeiro; outras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com alunos que faziam disciplina eletiva nestes *campus*; outras em locais de trabalho, como em Copacabana e Centro; algumas ainda foram feitas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, *campus* Maracanã; mas a grande maioria foi nos *campi* respectivos dos alunos: Seropédica, Nova Iguaçu e Duque de Caxias.

2 – São os cursos das universidades públicas que são considerados no senso comum, no sentido da dificuldade de ingresso e permanência, maior competitividade.

Geralmente, o critério da dúvida para os pardos, até mesmo quando faltava a foto, mas havia a dúvida das secretárias e do coordenador, estava de acordo, pois o encontro com a pessoa proporcionava a dúvida ou a certeza. Somente uma única vez houve um encontro com uma aluna branca, loira e de olhos claros. Ela foi informada do engano devido à ausência da sua foto na ficha, posto que a pesquisa era com os negros. Com um sorriso, a aluna questionou: “Por que não me perguntou se eu era negra pelo telefone, pois estava difícil de a gente se encontrar para a entrevista, quando depois de um mês de contato conseguimos em Seropédica?” Definitivamente, essa questão não é nada simples.

A disponibilidade dos alunos variava para a entrevista, contudo ninguém colocou empecilhos ou disse não querendo realizá-la. Encontrar e realizar a entrevista com as turmas de 2008 e 2009 foi bastante difícil no que diz respeito ao fato de que não precisavam mais comparecer às aulas, estando na fase da escrita dos seus respectivos trabalhos. Alguns alunos iam a Seropédica somente para a realização da entrevista e outros não compareciam aos encontros marcados devido a esquecimento e outros motivos. O encontro ocorria às vezes nos momentos em que estavam com os seus orientadores. Todavia, todos colocaram-se disponíveis para o encontro durante o contato telefônico e não demonstraram qualquer resistência sobre o tema ou desejo de fazer a entrevista para a pesquisa.

Em campo, após a aquisição da listagem dos alunos obtida através das fichas de inscrição na secretaria, era necessário ir às salas de aula para a realização das entrevistas. Algumas vezes, ocorreu abordagem de alunos querendo fazer a entrevista: uma aluna parda que ainda não tinha sido contactada pelo telefone para marcação e algumas alunas brancas que estavam num círculo disseram, em tom de brincadeira, que a pesquisa discriminava os brancos, porque eles queriam participar. Nesse momento da pesquisa de campo, muitas situações foram vivenciadas a respeito da discussão do ser ou não negro no Brasil.

Os alunos falavam de suas pesquisas como se a temática fosse entendida por qualquer um, contudo, eram temas específicos e complexos. Esse processo favoreceu conhecer melhor os alunos de Pós-Graduação que interagiam cumprimentando e perguntando sobre a pesquisa.

O final das entrevistas do *campus* da UFRRJ coincidiu com o início das entrevistas na UERJ de Duque de Caxias, um *campus* menor e localizado em um outro município. Como o recorte da pesquisa foi as universidades públicas na Baixada Fluminense, não foram realizadas entrevistas em outros *campi* da UERJ e nem da UFRRJ fora da Baixada. A oportunidade de conhecer melhor a Baixada Fluminense, durante as inúmeras idas para lá, foi um outro ganho nesse processo.

Na Faculdade de Educação da Baixada – no programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Periferias Urbanas da UERJ de Duque de Caxias – foi preciso fazer um recorte, considerando apenas as turmas de 2009 e 2010, devido ao fato de não haver fotografia nas fichas de inscrição da turma de 2008. Além disso, tais alunos haviam encerrado o curso, o que impossibilitou a realização das entrevistas pela impossibilidade de identificação. A pesquisa foi feita apenas com os alunos negros da turma de 2009 e 2010 usando o mesmo critério da dúvida para os pardos.

4.3 Elenco das Configurações e Respectivas Unidades de Sentido

4.3.1 Configurações das entrevistas

A) Temas atualizados

Significa que os temas são pertinentes às demandas contemporâneas, traduzindo-se em uma contribuição direta e nova quanto ao seu impacto social. O adjetivo atualizado, nesse estudo, engloba, tanto temas extremamente recentes, que estão no foco das discussões do

momento atual, como também os que, além da sua relevância social, suscitam debates na atualidade em nível nacional e/ou internacional.

B) Importância da iniciação científica

Observa-se, em diversas entrevistas, como o processo da iniciação científica para os entrevistados cumpre a função primordial de inciar o aluno na pesquisa acadêmica e no aprofundamento em uma determinada temática, proporcionando uma vivência que pertence ao cotidiano da universidade; além de viabilizar a obtenção de bolsa de estudo para sua permanência na instituição, visto que auxilia em suas necessidades básicas de manutenção acadêmica. Ademais, interfere no interesse de ingressar em um mestrado ou doutorado, e ainda no despertar de potencialidades, experimentando a oportunidade de se desenvolver em apresentações de trabalhos em congressos e afins. Em síntese, torna-se um espaço privilegiado no período da Graduação, fundamental na construção de habilidades e motivações para o aluno no processo de formação.

C) O trabalho de conclusão de curso na graduação

Diferente da iniciação científica - na qual o aluno faz um percurso em que se privilegia a pesquisa, os trabalhos para congressos, os cursos e, principalmente, por ser lugar de encontro temático e de grupo -, o TCC é visto por alguns entrevistados como o primeiro contato com um trabalho de cunho acadêmico. Mesmo o aluno que não participou da iniciação científica, a partir da relação com o orientador do TCC, levanta questões e discute seu tema de estudo. Ele pode servir como deflagrador do processo de construção de um projeto de pesquisa, além de ser uma possibilidade de maior aproximação com o professor com quem possui afinidade e essa relação algumas vezes desperta no aluno a vontade de dar continuidade à vida acadêmica.

D) Relação professor-aluno em sala de aula

Nesse indicador, é feito um recorte no cotidiano da sala de aula e a influência do professor na vida do aluno. Às vezes, a maneira que o professor se relaciona com os alunos e a didática estabelecida pelo professor em trabalhos acadêmicos gera uma admiração por parte do aluno, a qual fomenta o desejo de se ver como acadêmico, de acreditar que é possível estar dando aula um dia, por exemplo. Essa condição de estar presente na sala de aula é outra característica indicada pelos entrevistados sobre a interferência em suas subjetividades, a partir do acolhimento, reconhecimento e investimento do professor, e as mudanças ocorridas na vida deles depois desse encontro.

E) Importância da pós-graduação lato sensu

Esse indicador traz a Pós-Graduação lato sensu como uma primeira possibilidade de entrar em contato com alguma temática não muito discutida na Graduação, ou não muito bem trabalhada durante esse período. Esse aprofundamento de estudo pode levar o aluno a se interessar em cursar o mestrado e o doutorado, proporcionando a chance de aprimorar seu conhecimento acerca da temática escolhida.

F) Monitoria em disciplina específica e estágio acadêmico

Possibilita ao aluno o acesso à bolsa de estudo e, ao mesmo tempo, experimentar o lugar do professor, o que leva a uma obrigatoriedade no aprofundamento do conteúdo da disciplina.

G) Atividade profissional

A prática laboral leva o profissional a reflexões importantes e ao desejo de estudar para contribuir de maneira mais eficaz no seu cotidiano, seja ele escolar, empresarial ou em comunidades.

H) Perspectiva de doutorado

Alguns alunos ingressos no mestrado desejam cotinuar a vida acadêmica com o doutorado, outros não falam sobre isso. Contudo, o percurso do mestrado, as relações com o programa, o orientador e a temática escolhida despertam o desejo da continuidade no aluno. Em alguns cursos, o processo de transição é quase que direto do mestrado para o doutorado.

I) Estudar em escola pública

Observa-se, em alguns relatos de alunos que fizeram todo o percurso escolar em instituições públicas, o sentimento de orgulho pela conquista devido às dificuldades inerentes à nossa educação e, ao mesmo tempo, inerentes ao fato de ser negro e pobre em um país de desigualdades sociais e etnicorraciais. Ter conseguido ingressar e concluir todo o processo é sentido como uma grande vitória.

J) Persistência na prova de mestrado

Entrevistados relatam sobre a insistência necessária para ingressar no mestrado. Nem sempre esse ingresso é realizado de uma forma tranquila devido, não somente às defasagens acadêmicas, mas ao fato de não terem desistido quando não foram aprovados inicialmente no concurso.

K) Importância de cotas de raça e classe

Esse indicador refere-se à necessidade do debate sobre as políticas de ações afirmativas tanto social, quanto de raça, na atualidade. Ser cotista e estar na Pós-Graduação, tendo recebido bolsa, sem dúvida faz a diferença na história dos sujeitos, pois eles não teriam a possibilidade de concluir seus estudos se não fosse essa oportunidade.

L) Relação entre universidade e empresa

Empresas como Petrobras, Light e Furnas geram, a partir de parcerias com universidades, incentivo para alunos na possibilidade de bolsas na Graduação, na Pós-Graduação e no mercado de trabalho. A instituição faz o pedido de um projeto de pesquisa e a universidade o realiza. Essa parceria vai se construindo com benefícios para ambos os lados.

M) Demanda do aluno de fora do Rio de Janeiro

O aluno de fora, além de saber da relevância de seu tema de estudo para seu país ou estado, traz uma contextualização histórica a respeito de tal condição, independente do programa em que se encontra. Essa consciência da situação sócio-político-econômica é, muitas vezes, a mola propulsora para motivar a delimitação do seu foco de investigação, levando em consideração o desejo de contribuir com o local a que pertence.

N) Escola como lugar de formação

A escola é citada em alguns trabalhos como um local importante para a formação da personalidade, do caráter e do desenvolvimento do aluno e, ao mesmo tempo, como um lugar de reprodução de modelos. Entretanto, mesmo neste lugar, ela é vista como “a possibilidade de”: despertar potencialidade, formar cidadãos, aprender com os professores e com os alunos sobre modos de sentir, pensar e agir em contextos específicos.

O) Estudo sobre as questões negras

Alguns estudos são diretamente ligados às desigualdades etnicorraciais e à temática do racismo nas escolas e na sociedade, discutindo as ações afirmativas e a busca de direitos equitativos. Outros, de uma maneira indireta, estabelecem uma aproximação entre as culturas negras e indígenas envolvendo investigações sobre plantas, atividades ambientais e sociais.

P) Negros na academia

Esse indicador foi revelado pelo processo de tomada de consciência e questionamentos a respeito de ser negro no Brasil e da relação negro e universidade; a problematização, tanto com relação à Graduação como à Pós-Graduação, sobre quantidade de negros na academia. Considerando que, no Brasil, mais de 50 % da população é negra e, proporcionalmente, um número inferior participa da vida acadêmica, quando comparado aos estudantes brancos, esse fato transforma a diferença em desigualdade.

Q) Inserção no mercado de trabalho

Esse indicador aponta o elenco de temas que, além de serem interessantes e compatíveis com o desejo do aluno em termos acadêmicos, possuem uma aplicabilidade prática proporcionando chances de êxito na competitividade do mercado, ao fim dos cursos de mestrado e doutorado.

R) Envolvimento na pesquisa

Muitos entrevistados têm paixão pelo que estudam, falando com emoção sobre temas com que estão envolvidos e que contribuições pretendem oferecer a partir de suas pesquisas, sem dúvida aproximando do espaço acadêmico teórico-metodológico considerações de suas histórias pessoais.

S) Interfaces nos temas de trabalho

Apesar da escolha de um programa e um orientador, proximidades temáticas que foram importantes no decorrer do processo educativo e de construção do projeto de pesquisa

para o mestrado e/ou doutorado permanecem como fundamentais e convergem para o foco principal de investigação.

T) Escolha institucional

Esse indicador simboliza a busca da Instituição mais adequada para cursar o doutorado e o mestrado, considerando os avanços das universidades, seu corpo docente, condições oferecidas para a pesquisa e demais recursos oferecidos aos alunos.

4.3.2 Unidade de sentido

A) Potencializadores da carreira acadêmica

Essa unidade de sentido se define pelo conjunto de espaços de produções e relações que despertam o melhor dos alunos em suas especificidades. Essa unidade compreende os seguintes configurações:

- Importância da iniciação científica
- O Trabalho de Conclusão de Curso na Graduação
- Relação professor-aluno em sala de aula
- Monitoria em disciplina específica e estágio acadêmico
- Importância da Pós-Graduação lato sensu
- Escola como lugar de formação

B) Conquistas e desafios

Essa unidade se constitui pela necessidade do reconhecimento do percurso de lutas e vitórias educacionais dos alunos até a entrada no mestrado e no doutorado. Tal unidade compreende os seguintes configurações:

- Perspectiva de doutorado
- Estudar em escola pública
- Inserção no mercado de trabalho

C) Democratização de ingresso e permanência

Apresenta o debate sobre as ações afirmativas como importante e complexa. Essa unidade traz o sentido da determinação e perseverança dos alunos negros para ingressar no mestrado e no doutorado. Tal unidade compreende os seguintes configurações:

- Persistência na prova de mestrado
- Importância de cotas de raça e classe
- Negros na Academia

D) Investimentos institucionais

Essa unidade de sentido se refere à relação estreita das instituições educacionais com a abertura de oportunidades para seus alunos e o desejo deles por espaços acadêmicos com mais recursos para manter-se em suas pesquisas. Essa unidade compreende os seguintes configurações:

- Relação entre universidades e empresas
- Escolha institucional

E) Investigação e atuação

Essa unidade de sentido diz respeito à importância dos pesquisadores negros no que diz respeito às contribuições e atualizações em suas pesquisas e, principalmente, à postura ativa em sua prática como pesquisador e compreensão do seu contexto. Essa unidade compreende as seguintes configurações:

- Temas atuais
- Atividade profissional
- Demanda do aluno de fora do Rio de Janeiro
- Estudo sobre as questões negras
- Envolvimento na pesquisa
- Interfaces nos temas de trabalho

4.4 Análise dos Resultados

Os dados quantitativos relacionados à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro foram retirados das fichas de matrícula dos alunos de mestrado e doutorado nas secretarias dos programas e confirmados com os dados totais da secretaria de Pós-Graduação do *campus*. Os números referentes às turmas de 2008 e 2009 estavam atualizados e os da turma de 2010 ainda não, pois a Secretaria de Pós-Graduação aguarda o final do ano para receber os relatórios dos respectivos cursos.

Foi quantificado, então: número total de alunos total do curso de Pós-Graduação; número total de alunos negros dos cursos de Pós-Graduação, identificados e quantificados por sexo: sendo homens negros e mulheres negras, através das fichas de inscrição nas secretarias dos respectivos programas; número de desistência informado pelo responsável da secretaria, separando os alunos que tinham as fichas, os quais não completaram o curso com seus diferentes motivos. Dessa maneira, também foram quantificados os alunos negros desistentes em 2008 e 2009 em número total, e de 2010 com números até aquele momento da pesquisa. Depois foi identificada a quantidade de alunos negros entrevistados, homens e mulheres, dentro do grupo acessível para a entrevista, por meio da ficha de inscrição e do contato pessoal.

O mesmo procedimento foi realizado na UERJ, diferindo na identificação do número total de alunos, já que se pode analisar apenas as fichas de matrícula e, por ausência de fotografia em todas as fichas de 2008, não foi possível a quantificação e a realização da entrevista com esses alunos nesta pesquisa.

Os dados quantitativos dão visibilidade da minoria de negros existentes nos cursos de Pós-Graduação nas universidades públicas da Baixada Fluminense, conforme ANEXO III e ANEXO IV desse trabalho. Dentre um número total de 1123 alunos matriculados nos cursos pesquisados, foram identificados como negros (pardos e negros) pelo autor dessa pesquisa um total de 146 alunos, considerando os anos de 2008, 2009 e 2010, com a ressalva para o ano de 2008 na UERJ, cujos dados não foram incluídos.

Observando os anos de 2009 e 2010 na Pós-Graduação das universidades públicas da Baixada Fluminense, percebe-se que, os 821 alunos matriculados, 116 são negros (47 homens e 69 mulheres). Assim, dos 146 alunos negros da Pós-Graduação da UFRJ e da UERJ

(2008,2009,2010), temos 64 alunos negros e 82 alunas negras, o que leva constatar que a maioria é do gênero feminino.(ANEXO IV)

Participaram das entrevistas e da construção das configurações e das *unidades de sentido* 82 alunos negros, sendo 30 homens e 52 mulheres (ANEXO V). Observa-se um número mínimo de abandono de curso: dos 1123 alunos matriculados, 46 alunos desistiram. Dentre eles, 21 são negros, sendo a minoria quando comparados ao número de desistentes não negros. Apesar do número de alunos negros que desistiram ser menor que o de não negros, no que se refere aos números totais, constata-se a enorme desigualdade nessas diferenças. (ANEXO VI)

Em relação à diferença entre o número de homens e o de mulheres negras matriculados, verifica-se que o número de homens negros só é superior no mestrado da UFRRJ nos anos de 2008 e 2009; entretanto, na relação total de alunos de mestrado negros da UFRRJ, as mulheres negras são a maioria, bem como nos outros cursos de mestrado e doutorado, o número de mulheres negras prevalece sobre o número de homens negros (ANEXO V).

Observa-se nesses números da UERJ que a quantidade de alunos negros supera os de não negros quando comparados com os cursos da UFRRJ nos anos de 2009 e 2010. O fato de a UERJ possuir apenas um curso de Pós-Graduação e este ser em educação já estabelece uma diferença significativa, visto que a UFRRJ não possui nenhum curso cuja a maioria dos alunos seja negros. Esse número aumentou de 2009 para 2010 na UERJ. Em 2009, do total de 19 alunos da Pós-Graduação, 12 eram negros e, em 2010, dos 22 alunos, havia 16 negros. Isto perfaz um total, entre 2009 e 2010, de 41 alunos da Pós-Graduação, dentre os quais, 28 negros.

Esses dados foram obtidos a partir da identificação dos alunos negros (pardos e negros) pelo autor deste trabalho através do critério da análise do fenótipo e, no caso dos pardos, foi utilizada a dúvida como norteadora, devido à complexidade desse processo de identificação.

Na metodologia, foram utilizadas duas perguntas deflagradoras como objetivo da construção das configurações e das unidades de sentido: “Qual o seu tema de estudo e pesquisa?” e “Como você chegou a este tema de pesquisa?”. Além dessas, mais duas perguntas objetivas relativas à complexidade da discussão de cor no Brasil: “Qual a sua cor?” e “Você é morador da Baixada Fluminense?” Esta última questão é relativa à importância de se fazer um recorte da Baixada Fluminense e saber se as universidades públicas da localizadas na Baixada Fluminense atendem aos seus moradores no que diz respeito à Pós-Graduação.

Com relação à terceira pergunta, sobre como o aluno se define em relação a sua cor – autoidentificação – (ANEXO V e ANEXO VIII) -, foi observado que 82 alunos foram reconhecidos pelo autor desta pesquisa como negros (pardos e negros). Do total de 82 alunos, 40 foram identificados pelo autor deste trabalho como pardos e 42 como negros. Desses 40 identificados como pardos, 25 se reconhecem como tal, 8 deles se reconhecem como negros, 6 se identificaram como brancos e 1 como amarelo. Dos 42 alunos identificados como negros, 37 se veem como negros e 5 como pardos. Verifica-se, com esses dados, que entre a identificação e a autoidentificação não existe uma diferença significativa. Nesse processo quantitativo, foram considerados pardos todos os que traziam os questionamentos de cor, mestiços, morenos, misturados, miscigenados ou que na dúvida, traziam o sentido de serem pardos.

Vale ressaltar que essa exposição de dados numéricos comparativos não contempla nenhum julgamento de valor em termos de ser positivo ou negativo o fato do reconhecimento ou não de ser negro ou pardo; ou ainda, de quem descreve sua cor com orgulho ou ressalva. No caso, apenas apresenta que, no quesito identificação e autoidentificação, quando se

trabalha com negros (pardos e negros), não existe muita diferença entre elas. Já refletindo sobre pardo, diferentemente de negro, existe uma quantidade de negros que se definiu como pardos e de pardos que se definiu como negros. Mesmo assim, ainda a maioria se autoidentificou da maneira que foi identificada inicialmente. Esse ponto apenas constata as dificuldades de identificação de cor e que o estabelecimento do critério da dúvida para os pardos, de certa maneira, foi confirmada no campo pelos entrevistados. Devido ao interesse de pesquisa serem as produções e as pesquisas e seus sentidos, não foi aprofundada essa questão sobre os alunos que assumem sua negritude e os que não a reconhecem (ANEXO VIII).

Pode-se constatar que, apesar da minoria de alunos ser negra quando comparado com os não negros nas pós-graduações da Baixada Fluminense, tem-se quase 50% deles identificados pelo pesquisador ou autoidentificado como pardos. Esse fato reforça a importância de se trabalhar com o conceito de negros, incluindo pardos e negros, tal como foi escolhido nessa pesquisa. Se essa categorização não fosse utilizada no trabalho, perder-se-ia um grande número de alunos no cômputo geral e estatístico.

No recorte feito nas universidades públicas da Baixada Fluminense, trabalhando com as duas únicas Universidades – UERJ e UFRRJ – no âmbito da Pós-Graduação: mestrado e doutorado, foi constatado que dos 82 alunos negros entrevistados, 55 não eram moradores da Baixada Fluminense e 27 alunos eram moradores, ou seja, a minoria. Nessa última pergunta, não foram considerados os alunos que moram nos alojamentos das universidades como moradores da Baixada, apenas aqueles que além de morarem na universidade, residem na Baixada Fluminense (ANEXO VII).

A avaliação qualitativa das produções e das pesquisas dos estudantes negros de cursos de mestrado e doutorado das universidades públicas na Baixada Fluminense revela suas preocupações enquanto pesquisadores, os sentidos que dão às suas pesquisas e aos temas que envolvem seus estudos. Esse viés analítico é ancorado na análise dos indicadores e das unidades de sentido encontrados nas entrevistas.

Pode-se verificar que os pesquisadores – pós-graduandos negros – apresentam um potencial de trabalho de grande contribuição acadêmica. Seus estudos abarcam temas pertinentes, contextualizados, que atravessam diversas áreas de estudos específicos e por todos os cursos. Esses temas são muito importantes e impactantes no sentido de desvelar uma outra forma de enxergar o fenômeno e sua pesquisa, e de olhar para a própria temática que está incluída, escapando de modelos repetitivos e fossilizados. Existe uma preocupação em contribuir e ajudar a sociedade presente em suas falas, juntamente, a um envolvimento visceral com os temas, o que fornece mais qualidade de vida ao trabalho e mais vitalidade à Academia. Muitos dos estudos apresentam um viés reflexivo e atualizado para o tema, que os retira do lugar comum de alguns estudos acadêmicos.

Outro dado observado nas entrevistas abertas com pergunta deflagradora é a diversidade dos alunos negros. Pode-se perceber que estão em distintos níveis sociais, diferentes cursos e formações. Os sentidos dos temas de pesquisas dos pós-graduandos negros estão ancorados em sua trajetória de vida de maneira específica, na sua vida acadêmica e nas oportunidades oferecidas que foram agarradas por eles. A temática pode, às vezes, não estar diretamente ligada às questões etnicorraciais, mas os autores, independente de se assumirem como negros ou não, possuem as questões negras em suas motivações de perseverança e persistência, e de crescerem profissional e academicamente.

Os sentidos observados através dos indicadores e das unidades de sentido estão no campo da relação dos negros com a educação e configuram a importância da academia para esses alunos de Pós-Graduação, como também deles para academia e para a sociedade. Sabe-se que, a partir de suas trajetórias pessoais até chegarem a ser alunos de Pós-Graduação, vivenciaram um percurso de muita luta e dificuldade, e que muitos desistiram no caminho,

outros, desistiram do curso; ainda outros desistiram do sonho da Graduação e, até mesmo, há os que nem entram na Graduação e nem conseguem sonhar com ela, como sinalizam os dados das PNADs 2005 e 2008. Logicamente, isso pode ocorrer pela falta de incentivo financeiro, mas também pela descrença na possibilidade por parte dos seus pares e grupos. Nesses alunos envolvidos nesta pesquisa, suas motivações, estímulos e percepções ocorreram nas relações acadêmicas e nos possíveis investimentos recebidos em meio à falta dos espaços reparativos que os ajudem em seus percursos. A força dessas motivações é marcante em alguns alunos particularmente, pois transparece em suas emoções sobre o seu tema de estudo e sobre o envolvimento com a pesquisa; em certo sentido, é como se, naquele momento, estivesse historicamente presentificada neles, a força da existência dos negros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com PNAD de 2008, ano da comemoração dos 120 anos da abolição da escravidão, os negros (pardos e pretos) correspondem, hoje, à maioria da população do país. De acordo com o levantamento, permanece a desigualdade em relação ao acesso aos bens, aos serviços e aos direitos fundamentais, como a educação. Tal pesquisa reflete os dados da PNAD de 2008 e possibilita uma reflexão, dentro de um microuniverso, no caso a Pós-Graduação universitária, sobre essa desigualdade que ainda permanece e convida, ou melhor, intima, exige, requer a busca de soluções imediatas e concretas. Além de mostrar o número reduzido de alunos negros na Pós-Graduação se comparado ao de não negros, também apresenta como são mínimas as possibilidades de mobilidade ascendente dos negros nas academias públicas da Baixada Fluminense.

Dentre os variados temas estudados pelos sujeitos desta pesquisa, muitos apresentam um viés reflexivo e atualizado que os retira do lugar comum de alguns estudos acadêmicos, fato que dá visibilidade, segundo um dos objetivos deste trabalho, à excelente qualidade da contribuição para a sociedade, demonstrando, dessa forma, que os alunos negros, quando conseguem chegar a uma Pós-Graduação, de mestrado e doutorado, sem dúvida assumem o seu lugar, que lhes é historicamente negado. Alguns estudos estão diretamente envolvidos com a temática negra e outros não, todavia, todos estão envolvidos em temáticas de relevância social e, diante desse painel racista que a Pós-Graduação apresenta, esses trabalhos estão sendo construídos por negros que já fazem a diferença. Nesse sentido, urge a necessidade de aumentar o contingente negro no ensino superior de boa qualidade e a construção de um *ethos* de pesquisa afrobrasileiro, sendo o campo da educação como importantíssimo neste processo.

Dessa maneira, traz-se não somente a importância de oferecer oportunidade de ingresso aos alunos negros na Pós-Graduação, mas procura-se mostrar que é necessário oferecer condições para a permanência dos mesmos nos programas e para conclusão dos seus estudos. Refletir sobre a possibilidade de cotas para Pós-Graduação pode ser o início de ações concretas para o aumento desse contingente de negros nesse universo, posto que a trajetória da maioria desses sujeitos até chegar a uma Pós-Graduação foi árdua, com obstáculos de jornada e outros específicos para negros neste país, tendo em vista a histórica desigualdade de acesso ao ensino superior e a pós graduação entre brancos e negros no Brasil, sempre em detrimento desses últimos. Some-se a isso o fato de que o mestrado e o doutorado formam professores e pesquisadores que estão possivelmente nas universidades contribuindo para a construção de profissionais liberais, cidadãos e outros professores que, provalvemente, estarão no ensino médio e nas séries iniciais com crianças, adolescentes e jovens, exercendo o papel importantíssimo no despertar de potenciais em seus alunos, afetando espaços e sujeitos. Além disso, contribuir para o aumento da presença de negros em lugares de poder e cargos importantes socialmente.

Com a constatação de que apenas uma aluna negra, do grupo entrevistado, foi oriunda de sistema de cotas de raça e classe na PUC-RJ, apresenta-se uma pergunta: “Onde estão os cotistas das universidades públicas que seguiram a carreira acadêmica?” A falta deles na Graduação representa um espelho também da mínima representação deles na Pós-Graduação. Apesar das cotas serem uma oportunidade debatida e polêmica, tem seguido a direção de uma democracia de resultado. Faz-se, então, necessário o surgimento de mais ações nessa direção, pois o abismo que transforma diferença em desigualdade na Graduação, ocorre também no mestrado e no doutorado.

Assim, os espaços acadêmicos tornam-se fundamentais para esses alunos. Esses locais transformam-se em grupos de existência, fortalecendo o gosto por viver através da possibilidade de despertar potenciais e de troca de valores nos grupos de alunos, bem como entre professores e alunos. A carreira acadêmica é uma escolha de alguns que chegam neste patamar profissional e o orgulho da conquista também está presente em seus olhos e fala, tanto no que diz respeito à própria situação de serem alunos de Pós-Graduação, quanto por todas as conquistas realizadas no seu caminho como: cargos que ocupam no trabalho, grupos de pesquisa que participaram na Graduação, bolsas que conseguiram e escolas públicas para onde entraram. Essas são constatações foram evidenciadas no processo de coleta de dados dessa pesquisa.

O desejo de ser professor de universidade pública aparece, juntamente com a preocupação na qualidade da instituição e da pesquisa. Sem dúvida, todas as experiências de pesquisa são relacionais como grupo de estudo, monografia, monitoria, e trabalho de conclusão de curso, tornam-se espaços privilegiados dentro da Graduação, o que é fundamental na construção de habilidades e motivações para o aluno em seu processo de formação, sua vida profissional e no despertar do desejo para a docência. Ao mesmo tempo, as pós-graduações *Lato Sensu*, que servem como pontes eficazes para o *Stricto Sensu*, aparecem no caso desses alunos, não apenas no sentido do aprofundamento da temática, mas como um espaço de grupo com diversos subsídios para o crescimento profissional.

Os pós-graduandos negros têm uma real importância em todos os programas e cursos devido, principalmente, a sua presença e existência na academia, e não necessariamente por sua pesquisa estar ligada à temática negra. Logicamente, devido à desigualdade etnicorracial, ter alunos negros e não negros estudando essa temática é de extrema importância; todavia, a presença de negros na universidade tem um impacto acadêmico e social ímpar, uma vez que, o acesso à educação, em todos os seus níveis deveria ser direito de todos ou, dito de outra forma, esse fato apontaria na direção da existência de uma efetiva democracia de acesso ao ensino superior e a Pós-Graduação *Stricto Sensu*.

No que diz respeito às ações afirmativas, o autor deste trabalho não se limita somente às cotas para alunos negros nas graduações, mas avança para a Pós-Graduação e de outros espaços especiais privilegiados dentro da academia, como, por exemplo, em grupos de pesquisa, monitorias, estágios, bolsas de pesquisa etnicamente envezadas. Trata-se de espaços que potencializam os alunos e os ajudam a permanecer na academia.

Discutir os temas, as motivações e os sentidos das produções e pesquisas dos alunos negros da Pós-Graduação das universidades públicas da Baixada Fluminense é assumir a complexidade e importância desse assunto, porque, apesar dos diferentes níveis sociais, temos uma direção comum apontada por eles que é a persistência e a busca de parcerias. Sua implicação social é de extrema importância, pois, através de sua existência acadêmica e seus respectivos temas atuais de estudo, apresentam compromisso, ética, perseverança e envolvimento nas suas pesquisas.

Em uma sociedade racista, a presença cada vez maior de negros nas universidades é sumamente importante, independente de seus temas versarem sobre a temática negra ou não, se esses negros estão envolvidos com as temáticas etnicorraciais ou não, se possuem uma visão política do assunto ou não. Precisamos de mais negros nas universidades e das demais diversidades coexistentes. Esse movimento já demonstraria uma mudança ocorrendo o que é a de democracia de resultado e de oportunidade, visando o oferecimento de mais oportunidades para a competitividade no mercado de trabalho.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, G. R. **Negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: EDUSC, 1998.
- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BALANDIER, G. **A desordem: elogio do movimento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- _____. **Identidade**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2005.
- BACHELARD, G. **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2002.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- BOCK, A. M. B. A psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Orgs.). **Psicologia sócio-histórica**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 15-35.
- BOLETIM DA ABONG. Disponível em http://www2.abong.org.br/final/cadernos_abong.php. Acesso em: 12 dez. 2009.
- BOURDIEU, P. **Escrito da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008a.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Reprodução**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.
- BRASIL. Lei n°. 11. 645, de 10 de março de 2008. **Que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura afro-brasileira e indígena**. República Federativa do Brasil. Brasília, DF. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 10 maio 2008.
- BRASIL. Decreto 65.810, de 8 de dezembro de 1969. **Legislação de Direito Internacional**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- BRASIL. Art. 5º, VI da CF/88. **Códigos Civil, Comercial, Processual Civil Constituição Federal**. São Paulo: Saraiva, 2008.
- CADERNOS NEPRE. **Revista de Estudos e Pesquisas Sobre Relações Raciais em Educação da UFMT**, Cuiabá, n. 04 jul./dez. 2006. Cuiabá: EdUFMT, 2006.
- RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO TRIENAL 2004. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/resultados-da-avaliacao-de-programas/2315> Acesso em: 12 dez. 2009.
- RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO TRIENAL 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acs_relatoriocapes.pdf. Acesso em: 12 dez. 2009.
- CAPRIGLIONE, L.; MENA, F. **Bairros da elite de São Paulo dominam vagas na USP**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u15574.shtml>. Acesso em: 10 mai. 2009.
- CARVALHO, J. M. **A monarquia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Técnico, 1993.
- _____. **Cidadania no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008a.
- _____. E D. João resolve... ficar! Rio de Janeiro: **Revista Biblioteca Nacional**, n. 32, p. 38-45, maio. 2008b.
- _____. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2003.

- COIMBRA, C. M. B.; LEITÃO, M. B. S. Das essências às multiplicidades: especialismo psi e produções de subjetividades. **Psicologia Social**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 6-17, jul./dez. 2003.
- COIMBRA, C. M. B.; NASCIMENTO, M. L. do. O Efeito Foucault: desnaturalizando verdades, superando dicotomias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 245-248, set. 2001.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. São Paulo: EDUSC, 1999.
- DE POLI, M. T. **Negros na universidade: identidade e trajetória de ascensão social no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Ed Palas, 2003.
- DUPRET, L. Cor, imaginário e educação. In: SOUSA, M. H. V.; OLIVEIRA, I. (Orgs.). Rio de Janeiro: **Cadernos Penesp**, n. 9, p. 105-126, dez. 2007.
- _____. **Errar é humano**. Rio de Janeiro. Universo Comunicação e Artes Gráficas Ltda, 1999.
- DIAGNÓSTICO INSTITUCIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO 2008. Disponível em http://www.faperj.br/servicos/buscaposgrad/pos_grad_RJ_apresentacao.phtml Acesso em 10/05/2010.
- EXAME NACIONAL DE CURSOS E OS DADOS DO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA 2003. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/informativo/pdf/informativo80.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- FERNANDES, F. **O negro no mundo dos brancos**. São Paulo: Global Editora, 2007.
- FONSECA, M. V. **Pretos, pardos, crioulos e cabras nas escolas mineiras do século XIX**. Universidade de São Paulo. 2007. 256f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2007.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FREIRE, G. **Casa grande e senzala**. São Paulo: Global Editora, 2006.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 40ª Ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 2005.
- FIGUEREDO, A.; GROSFOGUEL, R. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n2/a16v59n2.pdf>. Acesso em: 10 out. 2010.
- GIDDENS, A. **Mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GOHN, M. da G. Lutas e movimentos pela educação no Brasil a partir de 1970. Rio de Janeiro. **Revista Eccos: Educação e Movimentos Sociais**, n. 1, v. 2, p. 23-38, jun./jul. 2009a.
- _____. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Editora Cortez, 2009b.
- _____. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2009c.
- _____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos autores sociais**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GOMES, N. L. **A mulher negra que vi de perto: o processo de construção da identidade racial de professoras negras**. Belo Horizonte: Mazza, 1995.
- GOMES, N. L.; GONÇALVES, P. B. **Experiências étnico-culturais para a formação de professores**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.
- GONÇALVES, L. A. de O. Os movimentos negros no Brasil: construindo autores sociopolíticos. In: **XXI Reunião Anual da ANPED**, Caxambu: ANPED, 21 p., set. 1998.
- GONÇALVES, L. A. O.; SILVA, P. B. G. **O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos**. 4ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

- GONZAGA, Y. M. Homem negro, professor universitário na UFMG: memórias e desafios. In: PRAXEDES, V. L.; TEIXEIRA, I. A. de C.; SOUSA, A. X.; GONZAGA, Y. M. (Orgs.). **Memórias e percursos de professores negros e negras na UFMG**. Editora Autêntica. Belo Horizonte: p. 237-246, 2009.
- HARVEY, D. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HALL, S. **Da diáspora - identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- _____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- _____. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997
- _____. Quem precisa de uma identidade? In: HALL, S.; SILVA, T. T.; WOODWARD, H. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001.
- HANCHARD, M. G. **Orfeu e o poder: movimento negro no Rio e São Paulo**. Rio de Janeiro. EDUERJ, 2001.
- HASENBALG, C. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 200
- POLÍTICAS SOCIAIS, ACOMPANHAMENTO E ANÁLISE 2002. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/bpsociais/bps_13/BPS_13_completo.pdf
Acesso em: 30 mai. 2010.
- IRINEU, G. **Igualdade ou desigualdades de oportunidades?** Uma análise das leis de cotas e de suas implicações sociais. 2005. 200f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.
- JUNIOR, C. **Dobra percentual de pretos e pardos com ensino superior concluído**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u635801.shtml>. Acesso em: 10 fev. 2010.
- JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.
- LINHARES, C. Desigualdades sociais e diferenças culturais: poder e desejar, pensar e educar. In SISS, A.; MONTEIRO, A. J. de J. (Org.). **Educação, cultura e relações inter-étnicas**. Rio de Janeiro: Editora Quartet, 2009
- LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (LDB). Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2009.
- MC LAREN, P. **Multiculturalismo crítico**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MORIN, E. **O problema epistemológico da complexidade**. Lisboa: Europa-América, 1983.
- _____. **Meus demônios**. Portugal: Editora Stock, 1995.
- _____. **Ciência com consciência**. 6ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- MULLER, M. L. R. **A cor da escola: imagens da primeira república**. Cuiabá: EDUFMT, 2008.
- MUNANGA, K. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006.
- _____. **Negritude**. São Paulo. Autêntica, 2009.
- _____. O racismo no mundo contemporâneo. In: OLIVEIRA, I. de. (Org.). **Relações raciais: discussões contemporâneas**. Niterói: Intertexto, 2000.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

- MARKOVA, I. **Dialogicidade e representações sociais**: as dinâmicas da mente. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.
- NASCIMENTO, A.; NASCIMENTO, E. L. Reflexões sobre o movimento negro no Brasil: 1938-1997. In: GUIMARÃES, A. S. A.; HYNTLEY, L. **Tirando a máscara**: ensaio sobre o racismo no Brasil. São Paulo: Paz e Terra. 2000.
- NASCIMENTO, S. No mundo executivo. **Raça Brasil**. n. 139, p. 60-65, dez. 2009.
- OLIVEIRA, I. **Cor e magistério**. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: EDUFF, 2006.
- _____. A construção social e histórica do racismo e suas repercussões na educação contemporânea. In: SOUSA, M. H. V.; OLIVEIRA, I. (Orgs.). **Cadernos Penesp**, n. 9. Rio de Janeiro: EdUFF/Quartet, p.257- 282., dez. 2007.
- OLIVEIRA, L. L. **A sociologia do guerreiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- PAIXÃO, M. **Manifesto anti-racista**: ideias em prol de uma utopia chamada Brasil. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- PESTANA, M. Eu tenho um sonho... **Raça Brasil**, n. 139, p. 12-15, dez. 2009.
- PLANO NACIONAL POR AMOSTRA EM DOMICÍLIO 2005. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/idr/download/populacao.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- PLANO NACIONAL POR AMOSTRA EM DOMICÍLIO 2008. Disponível em: <http://www.band.com.br/jornalismo/cidades/conteudo.asp?ID=187961>. Acesso em: 10 nov. 2009.
- RAWLS, J. **Justiça como equidade**: uma reformulação. São Paulo. Martins Fontes. 2002.
- REY, F. G. **Sujeito e subjetividade**. São Paulo Thomson, 2003.
- _____. **Pesquisa qualitativa e subjetividade**. São Paulo: Editora Thomson, 2005.
- _____. **Psicoterapia, subjetividade e pós-modernidade**: uma aproximação histórico-cultural. São Paulo: Editora Thomson, 2007.
- SANTOS, B. de S. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação e Realidade**, Rio de Janeiro v. 26, n. 1, p. 13–32, 2001.
- _____. **A universidade no século XXI**: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. Rio de Janeiro: Editora Cortez, 2005.
- SANTOS, S. A. dos. **Movimentos negros, educação e ações afirmativas**. 2007. 554f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação, Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2007.
- SANTOS, M. **Por uma outra globalização**. Rio de Janeiro. Editora Record, 2008.
- SILVA, A. M. P. das. **Processos de construção das práticas de escolarização em Pernambuco entre fins do século XVIII e primeira metade do século XIX**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2008.
- SISS, A. **Afro-brasileiros, cotas e ação afirmativa**: razões históricas. Rio de Janeiro: Quartet; Niterói: PENESP, 2003.
- _____. **Diversidade étnico-racial e educação superior brasileira**: experiências de intervenção. Rio de Janeiro, Quartet; Rio de Janeiro: Edur/UFRRJ, 2008.
- SISS, A.; MONTEIRO, A. **Educação, cultura e relações inter-étnicas**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- SKIDMORE, T. **O Brasil visto de fora**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- _____. **Uma história do Brasil**. São Paulo. Paz e Terra. 2003.
- TODOROV, T. **Nós e os outros**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1993.
- TOURAINÉ, A. **Palavra e sangue**. São Paulo: Editorial da Grano EPC, 1988.
- VYGOTSKY, L. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fonte, 1991.

_____. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

WEIS, C. **Direitos humanos contemporâneos.** São Paulo. Malheiros, 2006.

ANEXOS

ANEXO I – Entrevistas

ANEXO II – Tabelas Quantitativas por Curso

ANEXO III – Gráficos: Mestrado e Doutorado por Universidade

ANEXO IV – Gráficos: Total de Pós-Graduação

ANEXO V – Gráficos das Entrevistas

ANEXO VI – Gráficos das Desistências

ANEXO VII – Gráfico de Moradia

ANEXO VIII – Gráficos de Identificação X Autoidentificação

ANEXO XIX – Dados Quantitativos

ANEXO I – Entrevistas

1 - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (Nova Iguaçu e Seropédica)

Aluno A - Engenharia Química – Mestrado

Vejo-o como pardo.

O que você está estudando na pesquisa de mestrado?

Minha dissertação tem como tema o estudo da dissolução do sal e é relacionada à camada pré-sal que está sendo desenvolvida aí. Importante pela amplitude que está tomando agora no Brasil. Ela está crescendo muito e é alvo de uma mercadoria internacional para exploração do petróleo. Ela tem como objetivo avaliar a dissolução do sal, avaliando estas funções como se fosse um poço de petróleo mesmo. Avaliar a pressão, a vazão e a dissolução do sal nestas condições de operação. Vamos abordar outros aspectos também como o grau de agitação dentro deste estudo. Por quê? Dentro da coluna de perfuração existe a rotação da coluna que influencia também esta dissolução do sal e as características geológicas do fluido. Por que precisamos avaliar estas características? Justamente pelo fato do controle do processo da perfuração. Todo o projeto deles e o processo são relacionados ao controle. Se aumenta muito a pressão, eles têm uma válvula que faz o alívio desta pressão. É feito todo o controle através de um modelo matemático e este modelo matemático tem que incluir esta dissolução do sal. É basicamente a isto aí que vai ser relacionado meu projeto.

Como você chegou a este tema de estudo?

Nós temos a parceria da Petrobras. Ela faz o pedido. Gostaríamos de um projeto assim. Começou com fluido de perfuração e determinar a queda de pressão em ductos. Aí, esta parceria foi evoluindo e chegou agora este projeto pré-sal que nós estamos desenvolvendo atualmente. Eu fui aluno da Rural de Engenharia Química e continuo o mestrado aqui, hoje trabalhando neste projeto.

Qual a sua cor?

Eu acho que no Brasil, nesta diversidade étnica, eu não me considero branco e também não me considero negro, apesar de terem brancos e negros na minha família. Eu acho que sou meio indefinido. Eu acho que sou pardo. Não sei muito bem os tipos de cores que têm, mas pela mistura de brancos e negros na minha família, eu acho que sou pardo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Sou morador de Nilópolis. Nasci em Jacarepaguá e fui para Nilópolis, morei oito anos, depois fui morar em Barra de São João e depois voltei para Nilópolis. Há 10 anos moro em Nilópolis.

Aluna B – História – Mestrado

Vejo-a como negra.

O que você está estudando na pesquisa de mestrado?

Meu nome é Adriana. Sou formada em História pela PUC. Tive bolsa de ação social que é como a PUC chama para estudantes negros e também carentes. Passei no mestrado na turma de 2010 aqui da UFRRJ e eu estudo o Don Adriano, que foi bispo de Nova Iguaçu, fazendo uma pesquisa sobre o papel político pastoral que ele teve aqui na região. Ele fez um trabalho muito amplo também na Igreja no período da ditadura militar, escondendo e abrigando pessoas que eram perseguidas e incentivando os movimentos sociais, com o objetivo de construir o reino de Deus aqui na terra.

Como você chegou a este tema de estudo?

Foi na puc mesmo. Fiz uma matéria de Brasil com professor Luiz Henrique, aí ele falou para eu escolher um personagem da ditadura e fazer um trabalho sobre ele, apontando qual o papel deste personagem. Aí, fui. Comecei a pensar. Já ouvia falar de Don Adriano, mas não sabia muita coisa. Comecei a pesquisa em arquivos, onde fui encontrar a história dele. Aí que fui saber que ele tinha sido sequestrado em 1976 e depois jogaram uma bomba na catedral de Nova Iguaçu em 1979. Aí me interessei e comecei a procurar coisas. Tanto que desde 2004 que me formei, fui procurar orientação para conseguir fazer mestrado até que surgiu o mestrado aqui. Eu tentei na primeira turma, não passei na entrevista e agora tentei de novo e passei.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sou. Eu nasci em Mesquita, cresci na Chatuba e hoje, depois que me casei, eu moro em Nilópolis, mas continuo aqui na Baixada mesmo.

Aluna C – Educação Agrícola – Mestrado

Vejo-a como negra.

PS. Não participaria do seu estudo porque sou contra esta história de negros. Você é da demanda popular, certo? Sou contra esta história de cor da pele negros. Eu fui aluna na UERJ no primeiro ano das cotas e estava numa sala onde o professor falou sobre os cotistas e que ela não era cotista. Ele estava discriminando os negros de cor devido às cotas, mas que ela não tinha entrado através das cotas até porque o mestrado não tinha cota. Quebrei o pau com o professor. Foi meu primeiro mestrado. Mas participo para te ajudar.

O que você está estudando na pesquisa de mestrado?

Minha dissertação é o perfil do aluno formado no curso de técnico em agropecuária no Centro do Estado do Rio de Janeiro, nas escolas técnicas. É a matriz curricular. Particularmente na minha escola e depois nas outras também. São só oito escolas.

Como você chegou a este tema de estudo?

Me incomoda a matriz curricular do Estado. Eu dou aula no Estado do Rio, numa escola agrícola. Me incomoda. Me incomodou a grade, a carga horária. Dou aula dois anos e meio neste colégio. Trabalho com projetos na área agrícola desde a época que me formei aqui. Fui aluna da UFRRJ, fiz Ciências Agrícolas e Agronomia.

Qual a sua cor?

O que eu te digo? Vou ter que falar para você que eu expresso a cor negra. Não existe este negócio de pardo. Ou, se você quiser, biologicamente, eu estou enquadrada em morena média, meu fenótipo é moreno médio. Você quer biológico? Você prefere? Eu não acho cor nenhuma melhor. Brasileiro não tem cor.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Zona oeste – Campo Grande. Antes de vim para UFRRJ, eu morava em Benfica e depois que vim para ufrrj, morei mais na zona oeste. Morei na UFRRJ bastante tempo desde a Graduação. Fico um tempo aqui, um tempo lá.

Aluna D – Química – Doutorado

Vejo-a como parda, porém com traços indígenas fortes.

O que você está estudando no mestrado?

Meu nome é Tereza. Iniciei o doutorado no programa de Pós-Graduação em Química da UFRRJ em 2008, julho de 2008, e agora estou na metade do doutorado e minha linha de pesquisa é com plantas medicinais, laboratório de pesquisa em química de produtos naturais. No momento estou trabalhando com duas plantas distintas. Nome da tese ainda não tenho. Vou ver o que vou conseguir da planta para ver se fecho mais o nome com estas duas plantas que seria wwww e uuuuu, uma de Minas Gerais e outra que eu trouxe do Pantanal. Eu sou do Mato Grosso, então trouxe uma planta de lá para estudar.

Como você chegou a este tema de estudo?

Desde a iniciação científica. Eu fiz Química na Federal do Mato Grosso, porque sou de Cuiabá. Desde a Graduação, eu já trabalhava num laboratório de química orgânica, que trabalhava com plantas medicinais. Fiz minha iniciação científica nisso. Meu mestrado foi em produtos naturais também na UFMT e não tem doutorado em Mato Grosso. 2008, resolvi vir para cá fazer o doutorado.

Qual a sua cor?

Não gosto que fale que sou amarela. Eu não gosto. Olha, eu não posso dizer que sou branca. Não sei se tem esta classificação realmente, mas sou parda. Se você falar que sou negra, não sei. Eu me classifico como parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Seropédica desde o início do doutorado, mas resido em Mato Grosso.

Aluna E – Floresta – Mestrado

Vejo-a como parda.

O que você está estudando no mestrado?

Trabalho com formigas arborícolas. Porque, na verdade, as formigas ocupam todos os estratos florestais. Tanto copa, no caso dossel, que é o conjunto de copas de uma floresta; galhos e troncos e, principalmente, serrapilheira. Na minha área, as formigas mais estudadas são serrapilheira, que é este monte de folhas que fica no chão da floresta. Que a gente chama de serrapilheira. Eu trabalho com fragmentos florestais. São oito fragmentos florestais no município de Vassouras e a reserva biológica do Tinguá. Estou classificando como se fosse uma área de mata contínua. Então, assim, o meu estudo, a pergunta da minha dissertação é se a fragmentação florestal, ou melhor, qual o efeito da fragmentação florestal na composição da comunidade de formigas? Porque a gente sabe, a partir da literatura, que a fragmentação florestal traz vários malefícios. No caso, muitas espécies, principalmente vegetais, devido o micro clima (inteior da floresta), muitas espécies não conseguem ficar neste ambiente que se tornou hostil. Só que as formigas têm uma boa adaptação. Elas se adaptam bem, tanto que a gente encontra elas em tudo qualquer canto, né? Casas e tal. Então, a pergunta principal é mesmo qual o efeito desta fragmentação sobre a comunidade de formigas: se tá aumentando o número de espécies, se está diminuindo, se elas estão adaptadas ou não estão; aí, por isso o meu controle é a Reserva Biológica do Tinguá, que é um local que a gente classifica como menos perturbado e é uma floresta bem maior que os fragmentos trabalhados.

Como você chegou a este tema de estudo?

Eu sempre gostei de trabalhar com inseto. Eu fui formada em Ciências Agrícolas aqui na ufrj. Desde o meu primeiro período, eu trabalhava com formiga e sempre quis ser bolsista de iniciação científica. Sempre tive interesse pela pesquisa e na época não tive oportunidade de trabalhar com formigas com a iniciação científica e eu acabei mudando um pouco e fui trabalhar com educação ambiental, num projeto de extensão da agronomia porque consegui a bolsa. Quando me formei, eu trabalhei dois anos na Fiocruz, no laboratório de biodiversidades entomológica de lá no castelinho (Fiocruz). Lá também tem uma coleção de insetos e eu trabalhei lá. Para o mestrado, uma coisa que eu tinha certo era isso: eu queria continuar trabalhado com insetos. Na Fiocruz, eu trabalhei com cigarrinhas e eu falo que gosto muito mais de formigas do que de cigarrinhas porque é mais fácil de identificar e você acaba se sentindo mais independente, não precisa tanto de outros pesquisadores da área para estar te ajudando identificar as espécies, estas coisas todas. Então, sempre gostei de trabalhar com inseto e como aqui o mestrado é de Ciências Ambientais e Florestais, eu acho que consegui juntar o útil ao agradável que seria trabalhar com o meio ambiente e inseto que eu gosto, porque tem outros mestrados que trabalham com entomologia, que trabalham especificamente com insetos, independente se eles estão em floresta ou não. Aqui, o que estou fazendo, era bem a cara mesmo do que eu queria.

Qual a sua cor?

Minha cor? Sinceramente, eu não concordo com este negócio de pardo aqui no Brasil. Eu me classifico como negra, porque meu cabelo está liso, mas ele é enrolado. Minha árvore genealógica: o pai do meu pai era negro. Meu avô era negro. Na família da minha mãe

também tem negro, então não me considero branca não, e morena, não sei que lá, eu acho que não existe esta classificação, então me considero negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não. Moro na zona oeste – Campo Grande – nunca morei na Baixada. Conheço pouco a Baixada.

Aluno F – Mestrado Profissionalizante – Gestão de Negócios

Vejo-o como pardo.

Qual seu tema de estudo de mestrado?

Meu estudo é relacionado a consumo, estudo de consumo especificamente, e o objetivo dela é avaliar motivações para o consumo e motivações éticas, valores de consumo e consumo ético entre estudantes de ensino médio de escolas públicas do Rio de Janeiro. Meu objetivo é avaliar o quando as motivações para o consumo influenciam nas decisões éticas, se mudam as decisões éticas das pessoas, dos jovens, que é o público que eu vou estar buscando essas informações, o quanto que as motivações para o consumo vão estar influenciando ou não do que é ou não ético para a pessoa em termo de consumo, do que é ou não uma atitude ética para aquela entrevistada daquele grupo. Visando principiamente o contexto de que hoje nós estamos envolvidos numa realidade de consumo excessivo, de consumo massivo onde toda a nossa estrutura é envolta ao consumo, e nós temos visto várias questões que nos preocupa em relação às posturas éticas, não mais das empresas, porque anteriormente o que você tinha? De uma forma geral, quando você fala de postura ética, de ética de consumo, a visão é sempre a respeito do que as empresas estão fazendo. Tem uma visão da ética do consumo relacionada ao que as empresas estão fazendo. Então as pessoas avaliam se uma empresa toma ou não uma atitude ética, se ela é ou não ambientalmente reponsável, e consideram isso ética ou não. Então a atitude é, quando há uma punição, é o não consumo de determinadas empresas. Mas pouco se avalia da atitude do indivíduo, da visão a partir das do indivíduo, das atitudes éticas do indivíduo, em termos de estar ou não... Ora, se eu tenho hoje uma grande disponibilidade de produtos para eu atingir, satisfazer a minha necessidade, seja ela qual for, quando é que isso ultrapassa o limite da ética ou quando isso modifica o meu conceito de ética do consumo.

Como que chegou a este tema de estudo?

Eu resolvi estudar este tema porque sou profissional do mercado publicitário e, durante muitos anos, incentivei muita gente a consumir muita coisa, um monte de tipo de produtos. Alguns eu não acreditava, alguns não eram totalmente corretos, e durante sete anos da minha vida gerenciando agência de propaganda – mercado publicitário. Depois eu tive oportunidade de lecionar disciplina de marketing e, lecionando esta disciplina, percebi o quanto os produtos influenciaram a minha formação. Produto que eu consumi e que eu tive contato na minha adolescência, no período de formação de personalidade, o quanto me influenciaram e me marcaram. Então, o foco inicial do meu estudo é ver como o consumo e determinados produtos modificam o rumo de um determinado grupo, de uma determinada sociedade. Quando eu fui aceito no mestrado, juntamente com meu orientador, ele me deu esta visão que também está dentro do estudo do consumo que é meu foco. Aí eu identifiquei que, na verdade, meu foco do estudo é o estudo do consumo, estudos relacionados ao consumo,

então não haveria problema de eu estar entrando no contexto da realidade ética que também tinha a ver com o que eu imaginava, inicialmente, sem ter ideia do que seria fazer um mestrado. Então foi por isso, porque a minha história de vida pessoal, profissional, me levou alguns questionamentos a respeito do consumismo, a respeito do impacto destes produtos na vida das pessoas, se as empresas se preocupavam ou não sobre o impacto que seus produtos fazem, na vida das pessoas, como marcam a vida das pessoas. Então, basicamente foi isso.

Qual a sua cor?

Minha cor? Pardo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Não sou morador da Baixada. Campo Grande.

Aluno G – Ciência Veterinária – Doutorado

Vejo-o como negro.

Qual seu tema de estudo de mestrado?

Eu estou estudando doenças transmitidas por carrapatos. Na região sul de Moçambique, meu país de origem. O título da minha tese é Detecção de edemo parasitos transmitidos por carrapatos em bovinos de diferentes faixas etárias, na região sul de Moçambique.

Como foi que chegou a este tema de estudo?

Este tema tem relevância para o país porque, como você sabe, Moçambique está numa região tropical e região tropical apresenta condições favoráveis para o desenvolvimento de carrapatos. Então, o que me fez de fato estudar é que, depois do fim da guerra civil no país, Moçambique iniciou um processo de repovoamento de rebanho bovino na base de importação de países vizinhos. A gente importou muitos animais da África do Sul e do Zimbábue. Só que, chegando ao país de destino, que é Moçambique, estes bovinos não encontraram o mesmo sistema de manejo que era feito do país e de onde vieram. Então, a gente perdeu 50 %, mais de 50 mil bovinos que a gente importou, a causa foi doenças transmitidas por carrapatos e não só, porque além de carrapatos tem outras doenças tanto parasitárias quanto infecciosas, mas a causa para nós são as doenças transmitidas por carrapatos. Isso chamou atenção não somente a mim, como veterinário, mas aos próprios gestores da pecuária nacional que estavam preocupados sem saber o que estava acontecendo. Então foi recomendado a mim a tentar descobrir quais são as causas que levou a mortandade da maior parte do rebanho que importamos de fora. Não sou eu sozinho que trabalho nesta área. Tem pessoas trabalhando na área de tripanossomia, porque o país não só é endêmico em doenças transmitidas por carrapatos, mas também é endêmico a doenças transmitidas por um outro tipo de artrópodo, nesse caso a tripanossomia, nós temos lá chamada Glutina que é mosca tsé tsé que transmite a tripanossomia não só em bovinos mas também em humanos. A Pós-Graduação está correspondendo as minhas expectativas e posso dar contribuição singela ao desenvolvimento do meu país.

Qual a sua cor?

Sou negro... puro... genuíno.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Universidade - Seropédica.

Aluno H - Ciências da Floresta – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de pesquisa?

Eu estudo a influência de três modelos de barragens hidrelétricas localizado na altura do rio, no eixo principal do rio Paraíba do Sul, na morfologia de seis espécies que vou utilizar, na verdade vão ser sete espécies de peixe para ver qual a diferença morfológica das espécies à montante da represa, ou seja, na parte de cima e na parte de baixo. Porque são três modelos: uma represa que barra totalmente o rio, não tem nenhum mecanismo de transposição; numa tem aquela escada de peixe que é um mecanismo hoje muito criticado, porque não promove a difusão de espécies, não promove a migração que é seletiva, tem vários percalços esta escada de peixe e outro é uma barragem que barra metade do rio e a outra metade continua com fluxo normal. Aí, pra ver nestes três modelos se tem alguma que seja menos impactante na morfologia dos peixes. Porque tem alguns estudos, teve um que foi publicado agora em 2010 com salminos, uma espécie de peixe migrador na bacia do Paraná, que eles fizeram estes trabalhos numa represa que tinha escada de peixe, mas eles já tinham constatado que a escada de peixe não estava funcionando para migração e viram que essa espécie estava formando sub-populações com diferenças morfológicas, a montante e jusante. Então, no processo evolutivo futuro, o que pode vir é ser o que eles chamam de vicariante que é quando surge uma barreira geográfica natural, então que essas barragens hoje em dia nos rios neo-tropicais, podem causar estas vicarianças artificiais.

Como chegou a este tema de pesquisa?

Desde o segundo período eu faço estágio nesse laboratório de ecologia de peixes e eu comecei a trabalhar com barragens no primeiro ano, na Graduação, desde o PIBIC. Aí, surgiu uma oportunidade e, no início, eu estava trabalhando até com mar com um amigo meu, aí surgiu uma oportunidade de uma bolsa pra conhecer o ambiente de represa, aí eu gostei e fui. Porque, normalmente, muitos dos patrocínios que a universidade tem de CNPq, FAPERJ é junto com empresa privada, no nosso caso lá no laboratório é com a Light, com a Furnas. Aí, surgiu esta oportunidade, eu peguei e segui nessa linha. Chegando agora no mestrado, eu sempre trabalhei com ecologia de peixe, então eu queria aprender alguma coisa que não vai me limitar a trabalhar a vida inteira só com peixes, igual a muitos projetos que tem sido feitos lá. Aí eu resolvi aprender a morfometria geométrica que é a técnica mais ampla e que eu posso empregar em qualquer organismo que seja não necessariamente só peixe. Então, a intenção do mestrado é exatamente esta, mais pra que eu possa aprender a técnica da morfometria geométrica do que pra me limitar a só saber a ecologia de um ambiente só, restrito e que isso pudesse me dar outros frutos pro futuro.

Qual a sua cor?

Normalmente quando tem colocó pardo. Contrariado, porque dizem que pardo não é cor.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Penha. Nunca morei na Baixada.

Aluna I – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu estudo de estudo no mestrado?

Bom, meu orientador é o Aristóteles e aí o objeto da minha pesquisa é o seguinte. Como eu sou museóloga e sou professora de Artes no Estado do Rio, durante meu período de... Desde 2008 que eu sou professora, e aí, a partir desse período eu comecei a levar algumas atividades que são feitas em projetos educativos em museus para dentro da sala de aula. Então, como o museu não é uma instituição habitualmente frequentada pela maior parte da população e há muita barreira de distância entre os alunos de Nova Iguaçu com os museus aqui no Centro do Rio, aí eu comecei a levar algumas ideias que são usadas nesses projetos educativos. Uma delas é a questão do vídeo depoimento. O que seria isso? Quando a gente vai a algumas exposições, eu não sei se você já viu, tem um vídeo com imagens gravadas do próprio artista que é quando ele fala do próprio trabalho: o que é que o motivou, quais foram as influências, qual o momento histórico, de que maneira ele produziu aquele trabalho. Porque, algumas vezes, a gente vai ao museu e tem aquele texto imenso, mas você não sabe bem o que aquela obra está representando para o artista, nem de que maneira aquilo representa a cultura do momento. E aí, para o aluno, isso é muito legal porque o aluno fica com aquela coisa, “ah, isso eu também faço!” Mas, quando o próprio artista fala pra você o que ele estava falando, você já não fica com aquela coisa assim: “ah, mas que coisa chata...” Pô, o cara está te explicando, né? Quebra um pouco essa ideia de uma coisa que eu não consigo entender, “ah, é um monte de riscos ali e eu não consigo entender.” Não, tem uma finalidade. Tem um porquê. E aí eu comecei a perceber que durante o ano letivo, com os alunos do 6º ao 9º ano, que eu dou aula no 359 em Nova Iguaçu, foi mais bem aceita... Não seria bem aceita, mas eles absorveram melhor. Não só essa capacidade de reproduzir. Não é fazer provinha e depois “ah, tirei a nota legal!”, mas é de comentar sobre o assunto, né? Eu tinha levado uns vídeos para eles sobre o “Elliot Fica”, calhou que foi na mesma época que houve aquele incêndio do projeto “Elliot Fica”, então os alunos sofriam com aquela questão. Por quê? Porque eles tinham visto toda a questão da preparação daquela obra. Como elas eram interativas... Apesar deles não terem oportunidade de estarem em contato com aquelas obras, com algumas delas, mas eles já tinham outra afinidade com as obras. Então, a ideia era quebrar um pouco esse distanciamento do aluno e obra, principalmente na escola, usando esse recurso de vídeo-depoimento de museu. Quer dizer, eu tirei uma ferramenta que basicamente usada em museus, que são os depoimentos desses artistas durante a exposição, e levei pra sala de aula. E depois, a avaliação não seria assim nem o que o artista falou. A gente voltava a ter o nosso tema do trabalho, todo desenvolvimento do trabalho, porque há toda parte teórica na sala. Mas, é mais para ter essa interação entre os alunos e as obras dos artistas. Então, eu levei isso para o pré-projeto, o Aristóteles gostou porque ele também trabalha com uma questão do uso da imagem no contexto da escola e ele achou que isso seria interessante. Agora, a gente conversando, ele me perguntou de que maneira a gente poderia ter um resultado... não é

prático, mas seria aquela questão mais aplicada à sala de aula como um resultado. Tipo assim: o aluno também é capaz de produzir também, né? Qual seria o resultado dessa visualidade do artista. Não é essa coisa que é tradicional, eu vi e agora eu vou fazer uma provinha sobre isso. Mas, de que maneira aquilo pode se refletir no cotidiano deles. Nós ainda não fechamos uma maneira da gente trabalhar quais seriam as questões, até porque essa pesquisa vai ser uma pesquisa-ação, quer dizer, o resultado que eu vou tirar vai ser a partir da minha aula mesmo. Eu acho que eu nem vou fazer entrevista, essas coisas, vai ser a partir da observação. Nós estamos fechando isso agora, porque o primeiro ano é complicado, né? É muita disciplina! Eu estava fazendo uma disciplina aqui na PUC porque não deu tempo de fazer na Rural por causa da distância: de Copacabana até a Rural é bem longe. E aí, agora, a partir de janeiro, que nós vamos começar a fechar bem qual vai ser o tipo de resultado que a gente vai esperar dessa dissertação. O que a gente vai fechar nessa história.

Como você chegou a este tema de mestrado?

Eu entrei na Museologia em 1998, então, eu venho trabalhando de 99 a 2003, que eu me formei em 2003. Durante a Graduação, a gente tem que fazer um estágio em museus. Faz a museologia pela manhã e a gente faz o estágio à tarde. E aí, todo museu tem, teria que ter além da sua exposição, você teria que ter um projeto educativo para grupos, principalmente de escolas sobre essas questões. Sobre a temática, sobre a visitação guiada. Não é simplesmente você fazer uma visitação guiada, “Olhe, isso é isso, isso é isso...”. Não, mas propiciar o aluno um desenvolvimento daquela visita. Então, eu trabalhei num projeto, numa exposição do François Morrelet, no Centro de Arte “Elliot Fica”, trabalhei no Museu Carmem Miranda, em que além de fazer o estágio de museologia, que seria catalogação, documentação, montagem da exposição. Eu participava também dos projetos educativos em que eu recebia as crianças, fazia todo esse desenvolvimento que é uma visão diferente. Eu até costumo falar que às vezes, na escola, a gente fala: “Vamos, todo mundo, na semana que vem ao museu!”. Você tira uma ou duas turmas e vai ao museu. Só que você, como professor, tem uma visão diferente porque, primeiro você tem a preocupação com toda a preservação do aluno e ele nessa visita, né!? Então, você praticamente não consegue se concentrar tanto na exposição. Você pode até conhecer, mas você está mais preocupado na transmissão daquilo e de que maneira você vai trabalhar isso em sala. No projeto educativo, não. Nós não temos compromisso de avaliar o aluno. Pelo contrário, nosso compromisso é dar toda a possibilidade pra ele se desenvolver: “Nós temos isso aqui. De que maneira você acha que você pode perceber isso?” É livre. É diferente. (Ele também faz parte do projeto educativo aqui.). E a partir daí, quando eu comecei a dar aula aqui em 2008, eu passei pro concurso de Estado, e aí eu ia para as salas que tem sempre uma ou duas professoras da mesma disciplina, a gente fecha mais ou menos um currículo do que as turmas deveriam ter pra não ficar muito díspare: “Ah, eu estou falando sobre cor e você está falando sobre música...”. Eu achava que, por já ter trabalhado com projeto educativo, eu achava que eles ficavam assim; “Não, eu quero pintar”. Eles achavam que a aula de Artes era só pintar. “Ok, vamos pintar, mas por que você quer pintar? O que é que você acha desse quadro?” Principalmente nas regiões mais afastadas do centro do Rio, porque Zona Sul é diferente porque eles recebem isso o tempo inteiro: tem museus, tem cinemas, tem tudo muito perto. Mas, pegar uma comunidade em Nova Iguaçu, que eu dou aula no 32, que o acesso deles a um cinema é longe, porque só tem cinema ou no centro de Nova Iguaçu ou em Campo Grande. Então, não é o dia-a-dia que eles têm. Então, “Mas venha cá, o cara pensou. O que é que você imagina que ele pensou? Ah, mas quem é?” Então eu começava a perceber que eles ficavam assim: “Puxa, mas quem é essa figura?” “Quem é o artista? A obra eles estão vendo, mas, e o artista?” Aí eu comecei a levar os vídeos. Foi mais uma coisa assim, vamos fazer uma aula de vídeo. E aí eu comecei a perceber que aquela

turma respondeu muito bem e comecei a trabalhar isso nas salas. Eu acho que é um grande veículo educativo em arte.

Qual a sua cor?

A minha cor? Não sei. Eu nunca pensei... Branca. Por quê? Eu poderia dizer que sou negra porque algumas pessoas da minha família são negras, mas o meu pai e a minha mãe são brancos. Então, eu diria morena? Mas, eu acho esse termo moreno é quando você não quer dizer que ou você é negro ou você é branco. Então, moreno. Eu não tenho esse problema de dizer como algumas pessoas dizem, “Sabe aquela moreninha?”, morena, não, negra. A gente não tem que ter vergonha de dizer. A gente vive em um país tão de miscigenações, né?! É como na sala de aula, os alunos, eles são muitos sinceros. Eles vão justamente naqueles pontos: “Você sabe aquela gorda?” Não é assim? Não é uma forma de você caracterizar a pessoa? Eu entendo mais ou menos assim. “Você sabe aquela pessoa que usa óculos?”. “Você sabe aquela branquinha? Aquela loura?” Por que a gente não pode falar sobre a cor do outro, né? Eu acho que é mais uma forma de você se expressar. É... A Samantha, aí você ia chegar aqui e ia saber quem era a Samantha? Não. Então, a Samantha é aquela que tem o cabelo assim, ela é mais baixa ou mais alta... É um referencial. Isso não vai modificar em nada o caráter, a personalidade, se ela é mais legal, se é menos. Por que mudaria? Eu acho.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não. Moro em Realengo

Aluna J – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda e com traços indígenas.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

A minha dissertação é sobre o Teatro Jesuíta na Escola para Índios no século XVI e XVII. Como foi esse instrumento pedagógico utilizado nessa escola para indígenas que na verdade, depois das considerações finais cortadas que a gente teve que escrever, dentro desse instrumento a gente percebeu que houve um grande afastamento das culturas indígenas daquela época ao que se pretendia na dramatização, nos diálogos, nos ensaios. Tudo era motivo de afastamento, ou seja, tirar mesmo os pobres indígenas daquilo que era a cultura deles e modos próprios de vida e, como um dos autores diz... O Carlos Moura fala que era vestir o índio. Vestir não somente de roupas portuguesas, mas vestir ele de europeu, para que em sequência ele não se tornasse um brasileiro, mas ele chegasse ao ponto de não ter nenhuma identidade. Era mesmo dele perder a identidade dele e ficar sem nenhuma. Isso foi ao longo de dois séculos, e depois chegou um outro modelo de teatro que é o teatro que a gente conhece hoje, que a gente tem até hoje aqui no Brasil. Mas, antes, era um teatro religioso. Era um teatro que usava os próprios indígenas como personagem e tal, e onde eles serviam como os próprios telespectadores também.

Como chegou a este tema de pesquisa?

Nesse tema, eu cheguei por conta da monografia. Eu fiz uma monografia também histórica sobre 500 anos de educação escolar indígena, que foram 450 anos de escola para índios e agora, mais recentemente, a gente pode dizer que tem 55 anos de escolas indígenas

extraoficialmente, porque oficialmente tem uns 20 anos. Dentro desse tema, apareceram os instrumentos pedagógicos utilizados nessa escola e o que trazia mais resultado para essa escola, que era uma escola que você não podia usar sua língua, você não podia conversar com seus parentes... Para isso, eram escolas em formato de cativo mesmo. Você ficava aprisionado naquela escola. As crianças, no caso... As escolas dos jesuítas eram escolas de crianças de oito até doze anos, com um único objetivo: afastamento da família e transformar eles em pequenos trabalhadores tanto dos jesuítas quanto no preparo de trabalhadores para a colônia. E foi nesse momento em que eu entrei em contato com o teatro dos jesuítas. Só que, como eu estava fazendo um trabalho muito mais amplo, eu não podia focar só em uma coisa, aí eu trouxe esse tema para a dissertação do mestrado.

Qual a sua cor?

A minha certidão de nascimento diz que eu sou parda, né? Minha mãe diz que eu tenho descendência indígena e ela também, dos Tapebas de Fortaleza. Então, eu fico meio que na dúvida na hora de preencher aquele papelzinho: indígena ou parda? Na última das coisas, eu ponho parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sim. Eu moro em Nova Iguaçu, no bairro de Austin.

Aluno K - Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo- o como negro.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Trabalhar com cultura trans em alimentos infantis, avaliar o teor que realmente existe nos produtos em panificação e comparar com rótulo para ver se bate.

Como foi que você chegou a este tema de estudo?

Na verdade foi uma proposta da minha orientadora. Ela sugeriu. Achei interessante por fazer parte da minha formação. Fiz minha Graduação na UNIRIO. Quando entrei para cá, eu pensava em trabalhar com elaboração de novos produtos que foi o que trabalhei na Graduação como conclusão de curso, que era o desenvolvimento de novos produtos. Quando cheguei aqui, não tinha linha de pesquisa que se interessasse e os professores que trabalhavam com isso já estavam com orientandos. Assim, o que chegou mais próximo disso, conversando com minha co-orientadora, foi isso.

Qual a sua cor?

Parda.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Moro no Rio.

Aluno L – Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual seu tema de estudo de mestrado?

Estou trabalhando com clarificação e concentração de suco de camu-camu, utilizando o sistema por membranas. Utilizo o sistema de micro-filtração por membranas para clarificar o suco de camu-camu e, com ele clarificado, eu concentro num sistema chamado osmose inversa que é também sobre membrana, mas com uma membrana com porosidade um pouco menor. Este sistema de osmose inversa tem outra etapa de concentração que seria por evaporação osmótica, utilizando o sistema por membranas. Evaporação osmótica é com outro tipo de membrana um pouco diferente dos demais sistemas.

Como você chegou a este tema de estudo?

Quando eu era da Graduação, eu fiz estágio na empresa de Guaratiba que é onde desenvolvo este trabalho. Quando eu era da Graduação, tive contato com esta área de membranas, de análise, de frutas e, conversando com minha orientadora atualmente, que na época ela não era minha orientadora, ela chegou e me disse “Se você quiser fazer um mestrado mais tarde...” aí eu disse “Vamos ver”... E assim que acabou o estágio, eu comecei a trabalhar em outro lugar. Comecei a trabalhar na Chinezinho, que trabalha com amendoim, ervilha, vários produtos. Sempre conversava muito com a Maria Ivone daqui, chefe do DPA, e com o marido dela. Eu achava que fazer mestrado era uma coisa muito difícil: não vou fazer não, porque tem que estudar muito, muito difícil para mim, não sei o quê. Eles disseram: “Estuda e veja se você passa”. Aí comecei estudar, mesmo trabalhando em outro lugar, estudar muito. Fiz a prova para cá e acabei passando.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Moro em Jacarepaguá e, atualmente, tenho um quitinete em Seropédica, mas minha residência é em Jacarepaguá.

Aluna M - História – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de estudo de mestrado?

Pesquisei o trabalho infantil no período de pós-abolição e delimito do ano de 1888 até 1927. Eu pego a infância e, em cima nos anúncios do jornal do comércio, faço o mapeamento da questão do trabalho, como é que está a mão-de-obra infantil no Rio de Janeiro. Eu fiz um banco de dados e, através desse banco de dados em cima desse anúncio de jornal do comércio, são cerca de 1227 anúncios de mão-de-obra infantil e aí, eu ressalto a questão racial, sobretudo, novas invenções do conceito de raça e de cor e o uso desta mão-de-obra infantil, sobretudo, negra por causa da abolição.

Como foi que chegou a este tema de estudo?

Na verdade que durante a Graduação que fiz na ufrj e durante a minha Graduação eu fui orientada pela Ana Rios que estuda pós-abolição e o meu interesse veio de estudar crianças, a infância e mulheres. Na Graduação, fiz uma pesquisa do período da escravidão para o trabalho livre até o trabalho infantil. Como foi essa transição.

Qual a sua cor?

Olha isso é difícil. Isso muito difícil. Eu me classifico como parda porque meu avô é negro.

Voce é moradora da Baixada Fluminense?

Não moro na Baixada, moro em Santa Tereza.

Aluno N - Química – Doutorado

Vejo-o como pardo.

Qual seu tema de estudo da pesquisa de doutorado?

Meu trabalho é sobre síntese e avaliação de novas substâncias para sequestração de H₂O que é um trabalho da Professora Doutora Áurea que é atual decana, e que ela foi convidada pela Petrobras e é um projeto sigiloso e eu não posso falar muito.

Como foi que chegou a este tema de estudo?

Entrei em vida acadêmica na Graduação, em 2003 e me formei em 2007 sendo que em 2005, comecei a fazer iniciação científica com a Doutora Áurea e continuei no mestrado minha pesquisa. Depois disso, pensei em fazer no Canadá o doutorado e resolvi fazer este projeto com ela, depois fazer um sanduíche.

Qual a sua cor?

Pardo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Guaratiba.

Aluno O – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares - Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de estudo do mestrado?

Estou estudando política educacional. Meu trabalho se insere na política pública de trabalho, qualificação e geração de renda. O objetivo da minha pesquisa é descrever a

dinâmica da nova pedagogia da hegemonia no diálogo social que estabelece no órgão que gera esta política de trabalho no município de Nova Iguaçu. Meu trabalho é transcrever esta política e o movimento de reformulação do projeto burguês. Parte da crise do capital, numa renovação de projeto de sociabilidade com um mecanismo pedagógico que educa as classes subalternas ao consenso sobre o projeto burguês de sociabilidade. Dentro desta perspectiva, eu analiso as políticas públicas de qualidades e geração de renda, sendo um mecanismo de uma política melhor que em um contexto mundial que materializa num projeto amplo que se intitula terceira via.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu venho estudando num grupo de pesquisa sobre trabalho e sociedade desde 2006. Fui bolsista de iniciação científica e fiz um curso sobre projeto de pibIc que estava ligado a um projeto maior do professor José. No mestrado, estou dando continuidade a este estudo, aprofundando e verificando os pressupostos políticos e ideológicos dentro desta dinâmica deste órgão. Fui aluno do curso de Administração da UFRRJ.

Qual a sua cor?

Eu acho que sou branco.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Sou morador da Baixada Fluminense.

Aluno P – Mestrado Profissionalizante – Gestão de Negócios

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Meu estudo foi focado no desempenho de curto prazo, buscando eficiência das empresas de telecomunicação de capital aberto, no período de 2007, 2008, 2009. A metodologia que eu usei foi o DEA que é Análise Voltória de Dados, buscando como foi o desempenho dessas empresas nesse período. Foi avaliado Bovespa, anatel, CVM, demonstração do balanço, DRE. Tive de pegar numa análise secundária do próprio CMV para verificar se elas estavam registradas no CMV. Porque tem algumas empresas de telecomunicação que não são registradas, o que acabou dificultando as análises e algumas empresas ficaram fora devido a isso. Ficou um universo de vinte empresas e, destas, ficaram dez porque ainda tinha que saber qual a atividade principal que teria de ser operação. Pegamos três telefonia móvel e sete de telefonia fixa. Através disso, rodamos a análise em cima do deia, em 2007, e percebemos que duas empresas móveis tiveram desempenho 100% e elas tornaram como exemplo para outras empresas terem uma análise para a gestão do capital de giro. Pegamos os indicadores de liquidez corrente e imediata e outros dois indicadores: ciclo financeiro e necessidade de capital de giro. Consideramos a liquidez corrente e imediata como “out put” e o ciclo financeiro e necessidade de capital de giro como “in put”. Assim, nas análises, elas estavam se revezando durante o tempo. Algumas conseguiam e outras não conseguiam se manter na fronteira de eficiência. Algumas empresas tiveram uma média melhor e observamos também que uma empresa durante esses três anos, 2007, 2008 e 2009, ela nunca conseguiu ficar nesta

fronteira de eficiência e ela conseguiu um terceiro lugar em relação às outras empresas que, durante este período, estiveram nesta fronteira de eficiência.

Como você chegou a este tema de estudo?

Na monografia de Pós-Graduação, eu falei sobre micro e pequenas empresas, focando o capital de giro. Isso é uma coisa tradicional. Todo contador e administrador utiliza o capital de giro nesta forma. O deia é uma análise nova, uma ferramenta eficiente quando comparamos as empresas no mundo competitivo, para saber se elas foram eficientes ou não nestes indicadores. Realizei minha Graduação na UNES na Estácio de Sá em Administração e uma Pós-Graduação na Gama Filho de Auditoria Fiscal e Tributária.

Qual a sua cor?

Minha cor? Como me considero em que sentido? Minha cor é negra.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Morava em Seropédica no período do estudo e agora moro em Vila da Penha. Sou funcionário público de Seropédica e estou de licença. Meu pai era funcionário daqui e, desde os nove anos de idade, morei em Seropédica.

Aluna Q – Fitotecnia – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Estudo sobre imagem e tecnologia de semente. Estou avaliando o desempenho de sementes que a gente adquire lotes para avaliar o vigor desses lotes em rotação de cultura. Primeiro eu plantei o girassol e coletei as sementes produzidas, estou fazendo análise de laboratório. E entrei agora com cultura de adubo verde. Esse é mais utilizado pra pequeno agricultor. Ao invés de deixar a terra ociosa, sem o plantio de nenhuma lavoura, ele pode ter ganho duas vezes com a sua terra. A cultura principal seria a do girassol e o adubo verde, diminuindo a utilização de fertilizantes químicos.

Como você chegou a este tema de estudo?

Este tema... Bem, eu já estou na área de sementes há quase sete anos, na Graduação. Meu mestrado foi girassol, mas no laboratório e agora estou levando ao campo as técnicas que verifiquei no laboratório. Fiz minha Graduação na UFRRJ.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluna R – Ciência Veterinária – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Meu mestrado... Eu estudo o ciclo biológico de um carrapato do pantanal que está causando febre por lá. As pessoas não têm nada referenciado sobre ele, só tem coisas de 1930. Hoje em dia nada tem sido feito e ainda está causando danos nas pessoas.

Como você chegou a este tema de estudo?

Desde o segundo período de Graduação, faço estágio na parasito e, no terceiro período, fazia a iniciação científica que fiquei até o final da Graduação. Dentro tinha projetos do orientador e este foi um projeto que escolhi.

Qual a sua cor?

Sou parda, mas na certidão de nascimento está branca.

Você é moradora da baixada Fluminense?

Meier.

Aluna S - Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo no mestrado?

Meu projeto... Estou trabalhando com produtos panificados e bebidas lácteas. Vou desenvolver, a partir da farinha mista de arroz e isolado proteico de soro de leite, bolos, pães, biscoitos e essas bebidas através do processo de prisões e a ideia é fazer um produto que estejam enriquecidos de proteínas, para a população de maneira geral. Porque estes dois produtos são resíduos e conseguimos utilização, então fica com baixo custo e um alto valor nutricional.

Como você chegou a este tema de estudo?

Sempre quis trabalhar com produtos panificáveis. Desde a iniciação científica que trabalhava com biscoito e resíduos como farinhas de laranja, de casca de banana. Sempre tive interesse por produto de fácil aceitação e conseguimos fazer eles terem valor nutricional maior, principalmente para a população infantil, que acaba consumindo demais os produtos que encontra no mercado com alto valor calórico de gorduras, o que não é benéfico. Fiz a Graduação em Nutrição, mestrado em alimentos e doutorado em alimentos.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Campo Grande.

Aluna T - Engenharia Química – Doutorado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo do doutorado?

Trabalho com polímeros e minha tese, dentro desta área de trabalho, propõe uma nova rota com misturas entre elastômeros e termoplásticos, então a minha pesquisa propõe uma nova rota pra se realizar a mistura de elastômeros e termoplásticos, são os plásticos comuns. Praticamente é isso.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Desde a Graduação, sempre gostei de trabalhar com polímeros. Durante a iniciação cinetífica, fiz pesquisa nesta área e foi uma continuação nesta área, com o mesmo orientador. Meu mestrado foi dando continuidade a esta pesquisa também.

Qual a sua cor?

Parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Nasci no Rio, minha infância em Belford Roxo e depois em Nova Iguaçu. Hoje moro em Nova Iguaçu.

Aluna U - Ciência do Solo – Doutorado

Vejo-a como parda e indígena.

Qual o seu tema de estudo no Doutorado?

No Laboratório de plantas onde eu trabalho, a gente trabalha com variedades locais de arroz do estado Maranhão, buscando uma melhor receita de nitrogênio nesta planta usamos ferramenta de biologia molecular para identificar alguns mecanismos para que estas plantas sejam mais eficientes e depois aplicar no melhoramento dos vegetais.

Como você chegou a este tema de pesquisa de doutorado?

Quando vim para cá no mestrado, em vim trabalhar com indução de plantas, trabalhando com biologia molecular. Como sou do estado do Maranhão e lá no laboratório tem uma linha bem estabelecida, quase todo mundo na área de nutrição trabalha com esta planta. Minha Graduação foi na Universidade Estadual do Maranhão.

Qual a sua cor?

Parda porque sou descendente de indígena.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Seropédica.

Aluna V – Química – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Sou formada em Biologia pela UFRJ e entrei neste programa de Pós-Graduação em Química. Eu trabalho com fitopatógenos. Então, meu projeto é a caracterização de perfil metabólico de plantas invasoras que têm efeito biológico sobre dois fitopatógenos. O trabalho foi mudando, mudando no decorrer e hoje está assim: são dois fungos que faço extratos destas plantas e vejo se tem ação biológica sobre o crescimento destes dois fungos que é o *Fusarium oxysporum* e o *Rizoctonia solani*. As plantas que trabalho são invasoras, algumas até usadas na medicina popular como anti-diabético que é carqueja, nome vulgar, a erva de insulina e a Vedélia que é o margaridão. Tem até aqui no campus, né? Aí eu faço extratos de diferentes polaridades e testo no fungo.

Como você chegou a este tema de estudo?

Na Graduação ainda eu iniciei um trabalho com plantas, mas com outro foco. Resolvi aproveitar estas mesmas plantas no enfoque em outra área, a da fitopatologia. Mas eu já trabalhava com essas plantas e eu não concluí, porque meu bacharelado está trancado, mas eu trabalhava com essas plantas também, com efeito anti-diabético e aí tinham até outras plantas também. E a gente fez todo um estudo de entrevistas com a população que tem esse problema pra ver se utilizavam alguma erva. A partir deste questionário, coletamos estas plantas mais citadas e estudamos. Eu concluí a Licenciatura em Biologia, passei no mestrado, e agora vou concluir o bacharelado.

Qual a sua cor?

Negra.

Você mora na Baixada Fluminense?

Campo Grande.

Aluno W – Floresta – Mestrado

Vejo-o como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

O nome não tem definido. O tema é a resposta e crescimento inicial de seis espécies de mudas nativas originadas de diferentes sombreamentos de 0, 20% 40% 60% 80% 90%. Agora

colocamos em campo, em sol, e vamos medir massa seca, raiz, parte aérea, altura, diâmetro, pigmentação das folhas, área folheada. Praticamente é isso.

Como você chegou a este tema de estudo?

Aqui gostava muito de fisiologia. Fui monitor de fisiologia na Engenharia Florestal e achava interessante esta área, mistura com a área florestal. Tinha feito uma revisão sobre luz e influência de plantas e me interessei nisso. Não somente a fisiologia, mas esta mistura com a floresta e a morfologia.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Santíssimo – zona oeste.

Aluno X – Medicina Veterinária – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de estudo no mestrado?

Desenvolvi o trabalho em gados de leite, com gados com infecção na glândula mamária.

Como você chegou a este tema de estudo de mestrado?

Já venho, desde o segundo período da Graduação, mexendo com gado na parte de reprodução e depois comecei a mexer com a clínica, leite especificamente. Depois fui para o interior de Goiás, nesta parte de leite. Já tinha feito dois anos de iniciação científica com gado. Surgiu a oportunidade de fazer mestrado e voltei. O trabalho que fiz tem real necessidade de campo, não é experimental por experimental. Fiz segundo grau técnico na UFRRJ e o mestrado na UFRRJ e devo fazer o doutorado aqui também.

Qual a sua cor?

Pardo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Campo Grande.

Aluno Z – Zootecnia – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo do mestrado?

Estou estudando reprodução e maturação de uma espécie nativa de camarão na Baía de Sepetiba que, na região, é conhecida como camarão rosa. Uma continuação da dissertação de mestrado que fiz. Numa parte, testei várias alimentações e níveis de dieta com diferentes proporções de alimentos frescos e congelados e sexuais, uma macho com uma fêmea e um macho para duas fêmeas. Diante destes resultados, vou aperfeiçoar a mesma proporção sexual que obtive melhor resultado na dissertação e melhor tratamento da dieta. Agora vou testar na desova em tanques com formatos e volumes diferentes de água, fotoperíodo, temperatura, salinidade e vou testar várias alimentações. Durante os melhores resultados obtidos na fase inicial, vou fazer cultivo em massa em três níveis de densidade de 100, 200, e 300 dentro desta melhor salinidade, temperatura, foto-período com diferentes alimentos.

Como você chegou a este tema de mestrado?

Na Graduação fui estagiária do suíno. Aquele negócio, como você é bom aluno, você sabe que tem direito e procura obter bolsa para ajudar a se manter na universidade. Na área de suínos não tinha esta possibilidade. Tinha uma amiga que trabalhava e iniciou um estágio com minha atual orientadora professora Lídia, que tem muita produtividade e conseguia bolsas, e ela trabalha com crustáceos. Ela conseguiu um projeto na Petrobras e estava precisando de mais estagiários. Fui levada por esta minha amiga, trabalhando com caranguejo e nisso surgiu a bolsa. Terminei a Graduação, fiz prova do mestrado com o foco dela, espécies nativas tanto como camarão como caranguejo. Não tem estudo na região, somente não tem nada que produza para vender, era somente pesca. O sonho dela era fazer estudo de reprodução nestas espécies nativas. Como deu tudo muito certo, vou continuar no doutorado este estudo.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Campo Grande.

Aluna AB - Floresta – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Trabalho na linha de insetos degradadores de sementes. Na Graduação, trabalhei com algumas espécies de sementes. Especificamente, espécies que as pessoas usam para fazer bio joias. Levei pra Pós-Graduação esta mesma linha, só que agora estamos verificando os insetos, na parte da germinação, o que vai acontecer.

Como você chegou a este tema de estudo de mestrado?

Sempre na Graduação eu gostei muito desta área e me dei bem na disciplina. Me chamaram para trabalhar com pessoas que trabalhavam com bio joias, e os insetos estavam danificando as sementes. Eu disse: “Oba!” Acho que isso vai dar minha monografia. Apresentei para vários professores, mas o Acácio foi quem me deu apoio. Vamos fazer, continuei na linha. Fiz Engenharia Florestal na UFRRJ.

Qual a sua cor?

Sou preta, negra. Sou de Barra do Piraí, mas tô morando aqui.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica – Universidade.

Aluno CD – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de estudo do mestrado?

Para você entender um pouco melhor, vou contar minha história rapidamente. Eu fiz Economia na UFRRJ um tempo atrás e me formei 1997. Fui para o mercado e trabalhei na iniciativa privada. Me licenciei em Geografia, fiz concurso para o município do Rio e passei. Fui ser professor. Senti necessidade dentro do magistério em fazer uma Pós-Graduação na área acadêmica. Tentei na área de Geografia, mas não consegui. Meu trabalho de conclusão de curso foi de identidade territorial no bairro de Austin em Nova Iguaçu. Descobri o mestrado na UFRRJ. Neste bairro, tenho uma grande familiaridade e a família da minha esposa é de Nova Iguaçu, de Austin. Pesquisando, descobri a professora Lílian Ramos, comecei a conhecer os trabalhos dela, verifiquei que sua linha me agradava. Então, montei um trabalho, como se dava a construção da identidade profissional do professor do ensino básico, ou seja, um estudo de caso de Austin no ensino nas escolas municipais do ensino básico. Porque o do ensino básico? Minha percepção é que o professor não firma muito onde eles estão. Já o professor do ensino infantil, fundamental, primeiro segmento, está com os alunos o ano inteiro, o professor acaba se relacionando com o lugar, uma relação mais profunda professor e aluno, sobre as influências externas, globalização, política educacional. Tem também seus micro-problemas internos nos diálogos com ele mesmo, com o aluno e com o local de trabalho. Isto é o que nos interessa neste primeiro momento.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

Trabalhei a identidade no território de Austin. Como se formou a população de Austin. Foi formado por dois momentos entre a década de 60 e 70 por mineiros, depois em 90, com nordestinos. Tem uma presença, formação mais forte de mineiros e nordestinos. Esta pesquisa foi feita no final da minha Graduação. Eles acabam tendo que conviver com as diferenças e chegar num senso comum. Onde, por exemplo, no feriado nacional onde os centros estão todos fechados e as pessoas estariam descansando, o bairro Austin, que é dormitório, está fervilhando. Eles vão para rua e ocupam os espaços urbanos. Isso tudo me levou a um interesse por este espaço. Vou continuar este trabalho agora focado na área educacional, os docentes são pouco estudados. Como se dá a construção das identidades dos professores neste bairro e até que ponto esta construção pode afetar a educação, o ensino-aprendizagem e sua prática como professor. Mostrar de que maneira a formação, na construção da identidade ou de várias identidades, pode influenciar positivo ou negativamente no processo de ensino-aprendizagem na sua relação de trabalho. O que falta, o que não falta? Com o que eles estão satisfeitos ou o que não estão satisfeitos? Vejo muitos trabalhos interessantes, mas poucos

focados no professor. O que os professores podem estar mostrando para nós. Por isso me interessa bastante de falar sobre identidade profissional.

Qual a sua cor?

Tem gente que acha feio falar pardo, porque fala papel pardo. Eu assim, eu sei que não sou branco. Eu tenho bisavô por parte de mãe português casado com uma índia, depois tenho uma avó por parte de mãe que foi casada com negro. Eu sou miscigenado e acho maravilhoso isso. Se fosse falar da minha cor, eu digo que o pardo é o miscegenado brasileiro. Uma das coisas que acho melhor no brasileiro é isso. Eu sou pardo. Algumas pessoas dizem ou você é branco ou negro, eu acho que não é por aí, porque radicaliza muito. Sou pardo, miscigenado.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Campo Grande, mas tenho relação estreita com a Baixada Fluminense.

Aluno EF - Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Avaliação da qualidade de queijo ralado e vamos fazer a determinação de aflatoxina, que é uma toxina produzida por um fungo.

Como você chegou a este tema de estudo?

Eu queria fazer avaliação da qualidade de algum produto que não tivesse muito estudo e, no caso, o queijo ralado tem muito pouco estudo. Tem mais avaliação da qualidade físico-química que é em relação à umidade, mas em relação à qualidade microbiológica, determinação de fungos, de coliformes, de salmonelas, que é o que preconiza a legislação, não tinha tanto estudo. Então, a gente resolveu fazer esse estudo e a gente encontrou um estudo semelhante falando sobre determinação de aflotoxinas em queijo parmesão e a gente achou interessante esse estudo no queijo ralado, porque tem pouco estudo. Então, o projeto partiu dessa ideia inicial. Fiz Graduação em Minas Gerais.

Qual a sua cor?

Cor? Me defino como moreno.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluna GH - História – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Eu estudo intelectuais de direita e a memória da ditadura militar brasileira. Só os vitoriosos esqueceram e a memória da ditadura brasileira.

Como você chegou a este tema de estudo?

Primeiro, porque gosto do tema e já venho estudando direita desde a Graduação. Na Graduação, estudei na iniciação científica, e na monografia estudei extrema direita e a memória do holocausto, e no mestrado passei para a direita e para a memória da ditadura.

Qual a sua cor?

Sou negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Bangu e no Flamengo. Só morei em Seropédica, na Baixada, quando fiz a Graduação e, às vezes, eu fico por lá.

Aluna IJ – Floresta – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Avaliação de atividades ambientais e sociais dentro de área de quilombo e trabalho no departamento de Floresta na região de São Paulo, em Ubatuba.

Como você chegou a este tema de estudo?

Quando vim para cá, queria direcionar meu trabalho na área ambiental e social e tentei conciliar os dois parâmetros. Estou no departamento de floresta e avaliando atividades de plantio de áreas florestais e a modificação do ambiente e, ao mesmo tempo, observo a modificação dentro da estrutura do quilombo, por entrar uma cultura que não é dele.

Qual a sua cor?

Amarela.

Moradora da Baixada Fluminense?

Sou da Bahia. Moro em Seropédica, por enquanto, porque tenho contato com o povo, com as pessoas, observo a realidade, o cotidiano e dentro da universidade temos muito isso.

Aluno KL- Inovação Agrícola – Doutorado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de estudo de pesquisa de doutorado?

No doutorado, o que acontece, eu estou fazendo um estudo sobre políticas públicas voltadas para assistência técnica à agricultura familiar, especificamente de agricultura orgânica em áreas urbanas. Estou fazendo estudo comparativo, coletando dados secundários e já comecei a coletar dados primários para fazer o estudo comparativo sobre esta assistência técnica voltada para agricultura orgânica urbana entre o município de Nova Iguaçu no Rio de Janeiro e em Córdoba, na Argentina. Recentemente estive na Argentina e visitei o órgão de assistência técnica e conheci alguns projetos de agricultura orgânica familiar, colhendo dados primários e secundários. No Brasil também já coletei estes dados. A ideia é saber qual a relação desta agricultura orgânica no Brasil e na Argentina.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Primeiro este doutorado é uma parceria entre UFRRJ e Universidade Nacional de Rio Cuarto, na Argentina. Meu orientador é Cesar Guedes, na área de políticas públicas comparadas e tenho coorientador na Argentina, o professor Gustavo, e ele trabalha com extensão rural e comunicação e eu tenho interesse por esta área de agricultura orgânica. O programa exige uma coorientação na Argentina. Minha Graduação concluí em Manaus e vim transferido. Fiz mestrado na área de Administração e tive esta oportunidade de fazer doutorado em inovação agrícola. Pretendo terminar em 2011.

Qual a sua cor?

Pardo. Tipo brasileiro: negro, branco e índio.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Ilha do Governador. Trabalho na Baixada, mas moro na Ilha.

Aluno MN - Ciência do Solo – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Minha dissertação de mestrado estuda a comunidade microbiana no solo, ecologia microbiana no solo. Meu trabalho é desenvolvido no Pará, na área de mineração da Vale, onde vou estudar a dinâmica de sucessão da comunidade do solo através de uma análise de fosfolipídio, que é uma técnica nunca abordada no Brasil. Ela vem sendo abordada há alguns anos na Europa e nos Estados Unidos. E aqui no Brasil esse estudo tem essa coisa inédita. Eu tenho uma área de mineração de ferro onde a Vale do Rio Doce, por imposição do ordenamento jurídico brasileiro com relação à questão ambiental, ela é obrigada a revegetar os taludes. Os taludes são compostos por material ferruginoso e as brigadas de ferro que estão 50 m de profundidade. E esse material que é retirado serve de matéria-prima para poder montar os taludes que vão integrar a paisagem da mina. São taludes de diferentes idades de vegetação. Tem taludes que estão revegetados desde 2003 que é o mais velho até agora, os que foram revegetados em 2008, 2009. São quatro taludes e tem a mata amazônica, a qual vai ser referência para meus estudos.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu já trabalhava com ecologia microbiana do solo desde 2007 e eu entrei no mestrado muito mais por isso. Já havia trabalhado nesta parte, mas com biologia molecular, no caso DNA. Agora vou para análise bioquímica e recebi o convite e estamos desenvolvendo este trabalho. Graduei em Agronomia.

Qual a sua cor?

Minha cor é preta, negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Agora moro em Seropédica, mas sou de Angra dos Reis.

Aluno OP - Ciência do Solo – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o tema de estudo de mestrado?

Estudo a biologia de um carrapato da família *Argasidae*, em que os estágios ninfal e adulto, que são os estágios pós-larvais, são desconhecidos, assim como a biologia deles. Ele foi encontrado recentemente em Araraquara porque os moradores estavam sendo picados pelos animais. Então, meu estudo é de elucidar o ciclo biológico dele para auxiliar nas medidas de controle e, até mesmo, para ter conhecimento sobre a biologia deste carrapato.

Como você chegou a este tema de mestrado?

Porque eu entrei na iniciação científica no laboratório de parasitologia no Instituto Butantan em São Paulo. Neste estágio, minha orientadora me fez esta proposta e eu aceitei.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Sou de São Paulo. Aqui estou morando em Seropédica, no alojamento da Pós-Graduação.

Aluno QR – Ciência Veterinária – Doutorado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Eu estou fazendo doutorado em Ciências Veterinárias. e eu estudo protozoologia. A relação de um protozoário com uma levedura que já trabalhei com ela durante meu mestrado. Estou estudando a relação que pode existir entre estes dois micro-organismos e, ao mesmo tempo, fazendo um diagnóstico diferencial, porque a levedura pode ser confundida com

estágios de desenvolvimento deste protozoário com o qual estou trabalhando agora no doutorado.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu estava fazendo a Graduação quando um professor sugeriu que eu pesquisasse a respeito dessa levedura. Aí eu fiz uma busca de trabalhos sobre ela e, achando alguns trabalhos, eu me interessei porque poucos autores haviam trabalhado com ela. E eu despertei mais ainda meu interesse quando vi que ela tinha sido incriminada e relatada em quadros de diarreia de cães e gatos. Até então ela não era conhecida, não no Brasil, mas encontrada em cães e gatos em outros países como Holanda e Estados Unidos.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Seropédica – Universidade.

Aluno ST - Ciência do Solo – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Dissertação de mestrado. Eu não sou daqui, sou da Bahia. Eu vim da Universidade do Estado da Bahia onde o foco da população é negra. Eu me considero negro, meu pai é negro, minha mãe não é, mas meu pai é. E eu acho que essas políticas que envolvem a população negra eu fui beneficiado porque eu fui cotista e quando cheguei aqui em março de 2009, então eu moro aqui em Seropédica, na Baixada Fluminense e faço o mestrado lá no solo e meu trabalho, na verdade eu trago uma demanda de lá do semiárido da Bahia, eu trabalho com bactérias fixadoras de nitrogênio. E como existe um interesse sobre esse recurso biológico e se conhece pouco sobre esse recurso biológico, então eu trouxe esse material pra ser classificado e identificado aqui no laboratório da EMBRAPA, e as respostas que eu terei da minha dissertação vão ser pra cobrir essa carência de informação e de conhecimento de lá do semiárido. São bactérias lá do solo do semiárido. Então, eu tenho gostado do programa, da atividade de pesquisa e desde a Graduação, no sétimo período, eu decidi que queria trabalhar com área de pesquisa e ensino superior. Meu tema é bactérias fixadoras de nitrogênio em leguminosas que é o feijão caupi, o feijão de corda, que é uma cultura muito comum lá no Nordeste, muito trabalhado pelos agricultores familiares e o meu trabalho busca selecionar uma bactéria específica para fornecer nitrogênio a essa cultura, então seria um recurso ambiental para uso na agricultura. É uma tecnologia conhecida e difundida entre os produtores de soja, e também o feijão caupi que é uma cultura mais voltada para o agricultor familiar, então ele também pode se beneficiar dessa tecnologia. Pretendo, no final do trabalho, selecionar uma bactéria para poder usar como biofertilizante. Você vai fertilizar plantas sem precisar usar recursos da indústria, só recursos biológicos mesmo.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Quando fiz Agronomia na Universidade Estadual da Bahia, em Juazeiro, e já no terceiro período eu partipei de um projeto de extensão que eu trabalhava em áreas de agricultores familiares, e o projeto era justamente levar o conhecimento para estes produtores que eles poderiam aumentar a produtividade, usando este recurso natural. Do terceiro período até o momento, trabalho com isso. Inicialmente, a gente fez um trabalho de divulgação da tecnologia, utilizando uma bactéria que já tinha sido selecionada. E aí, foi durante um ano que trabalhamos juntos com um agricultor, montamos experimentos na área dele, convidamos agricultores da região pra um dia de campo e isso acabou sendo gravado, foi para televisão. Mas o que a gente viu é que nos nossos experimentos tinham algumas áreas que tinham respostas boas e a gente imaginava que ali tinha algumas populações de bactérias que eram melhores do que aquelas que a gente estava testando. Assim, resolvemos voltar ao início do processo, capturar essas bactérias dessas áreas, selecionar em laboratório pra depois levar em campo. Só que isso não se faz em um ou dois anos. Então, eu estou dentro desse processo da seleção da bactéria mais eficiente do que aquela que a gente usou para conscientizar o agricultor sobre o uso desse recurso biológico pra aumentar a produção na área dele.

Qual a sua cor?

Negro. Brinco com isso só porque sou preto, muito de resenha mesmo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Seropédica – Universidade.

Aluna UV - Ciência Veterinária – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo?

Trabalho com bubalinos, vou fazer um levantamento sorológico de xxxxxx em bubalino no Estado do Rio de Janeiro utilizando o método xxxxx.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Desde a iniciação científica, comecei a trabalhar com xxxxx, depois com cultivo celular. No mestrado trabalhei com aves, codornas e depois, no doutorado, já tinha uma linha de pesquisa com bubalinos e xxxxxxx com vacas leiteiras. Para aproveitar esta vertente, resolvemos fazer um levantamento sorológico no Estado do Rio de Janeiro.

Qual a sua cor?

Depende. Eu me considero parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Volta Redonda, mas agora moro em Seropédica, desde a Graduação.

Aluna WX – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Meu estudo? Eu vou trabalhar a formação continuada de professores de Educação Física. Descrever as necessidades sentidas por eles e as modalidades de formação que eles têm maior necessidade. Neste estudo, eu pretendo, ainda não está certo, ir na Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu e vou analisar a política de educação continuada que a secretaria fornece aos professores, fazer uma comparação das necessidades deles e o que as políticas oferecem.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

Eu trabalhava no grupo de pesquisa do professor Henrique. Eu já trabalhava em conjunto nesta pesquisa de um aluno dele que era sobre educação continuada. Ele deu esta ideia de estudar aqui em Nova Iguaçu.

Qual a sua cor?

Eu acho que sou parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Nova Iguaçu. Morei aqui desde que nasci.

Aluno YZ – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Minha dissertação é sobre o desafio da educação popular no Brasil contemporâneo e a pesquisa e aí, como a pesquisa tem um formato diferenciado que é o formato do ensaio, ela abre um leque pra mim estar pontuando várias temáticas que estão relacionadas a esses desafios. Cada ensaio da minha dissertação traz uma problematização sobre esse ponto específico que é pensar os desafios da educação popular no Brasil de hoje. Trabalhamos todo ele fragmentado e no último ensaio estamos trabalhando ele junto.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

São dois processos: o primeiro processo, que não é o mais importante, é uma certa aderência à pesquisa da minha orientadora. E o ponto principal neste tema é que tem uma escolha política. No primeiro momento, eu tive resistência, mas num segundo momento, eu começo a perceber que é necessário estudar uma epistemologia das lutas sociais. Acho que é por isso que vale a pena pra mim, hoje, estudar esse objeto e eu estou muito feliz com ele. Hoje a Roberta me ajuda e o diálogo está em outro nível.

Qual a sua cor?

Sou negro, todo mundo da minha casa é negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Zona oeste do Rio, Campo Grande. No bairro mais perigoso do Rio de Janeiro, onde a atuação da milícia é forte em Campo Grande que não diferencia dos grupos de extermínio da Baixada Fluminense.

Aluna AC – Floresta – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Utilização de resíduos madeireiros para fabricação de pisos reconstituídos a partir desses resíduos. A ideia é minimizar os impactos nas florestas com a retirada de madeira e tentar reaproveitar os resíduos das serrarias, que são as costaneiras, os resíduos maiores. Não serragem, não pó, mas costaneiras, cavacos, os resíduos maiores desta história e tentar fazer uns testes com eles de compressão, de dureza pra poder avaliar se esses resíduos são bons para a fabricação de pisos. Lá na Universidade de Piracicaba, eles já têm um trabalho relacionado a isso, de pisos e tal. E lá na Amazônia, que eu sou de lá de Manaus, também tem uma madeireira muito grande que está fazendo isso e está, inclusive, exportando material reconstituído de Cedro e Cedrinho, que é uma variação do Cedro, só que é uma leguminosa. E a proposta do trabalho é esta, trabalhar com árvores daqui da Mata Atlântica. Tentar ver umas espécies de Pinus e Eucalipto, que é o que eles trabalham aqui na Rural, para fabricar este piso, para ver se dá certo.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Na Graduação de Engenharia Florestal, eu sempre trabalhei com manejo, inventário, avaliação de crescimento de floresta, nolume, biomassa. Mas, aí eu comecei a me sentir mais inclinada na área de tecnologia e utilização de produtos florestais. Vi que na UFRRJ é mais avançado e aí vou tentar transferir o curso para cá. Estou aqui há um ano e já fiz quatro disciplinas como ouvinte.

Qual a sua cor?

Sou negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sou de Manaus e moro no quilômetro 49 de Seropédica. Eu quero ser cientista e eu quero salvar o mundo.

Aluna BD - Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa?

Caracterização físico-química e realógica de farinhas a partir do processo de extrusão. Eu vou estudar como vou colocar as matérias-primas básicas como o arroz, feijão e milho no processo de extrusão e vou desenvolver um produto a partir disso.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Fiz estágio na Embrapa no desenvolvimento de produto por extrusão, como eu fiz Técnico de Alimentos na Escola Técnica do Maracanã, eu já tinha me envolvido com elaboração de produtos, aí como eu gosto mesmo do tema, eu resolvi dar continuidade. Minha Graduação foi em Nutrição na UNIRIO e a monografia foi sobre feijão.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não, moradora de Jacarepaguá.

Aluno EG - Educação Agrícola – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Sou gestor público, técnico administrativo de uma instituição pública de ensino. Este mestrado é uma turma aberta para gestores. Meu tema é a eficiência como princípio norteador da gestão, perspectivas para a educação agrícola e eu devo trabalhar a questão da eficiência como um princípio tão importante como o da legalidade. O que a gente observa na gestão pública, é que os gestores eles se preocupam demasiadamente com a legalidade e não se preocupam com a questão da eficiência. E o cidadão contribuinte, ele é que financia a educação pública, ele que é o usuário dessa educação, ele necessita que o desempenho dessa educação seja um desempenho operacional eficiente. Então, a gente vai investigar como que a eficiência está sendo tratada nas instituições públicas de ensino que tratam do ensino agrícola. O trabalho vai ser com gestores, com pessoas que têm essa tarefa dentro das instituições de gerir os recursos públicos seja material, pessoal ou financeiro.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Minha experiência como economista e como gestor público, no trabalho de planejamento, diretor de administração. Então, ao longo da minha experiência profissional, venho observando que a questão da eficiência tem sido colocada em segundo plano, não é a questão mais importante. O gestor está muito mais preocupado de não ser pego em nenhuma irregularidade do que ter a sua instituição com grande desempenho operacional, com resultados bastante significativos. Quando ele consegue isso, ele fica muito contente, mas no dia-a-dia ele não direciona sua gestão para isso. Ele está muito mais preocupado em não estar incorrendo em nenhuma irregularidade e não forma equipe para melhorar o desenvolvimento da instituição.

Qual a sua cor?

Sou preto, cor da minha pele é preta. Sou negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Sou de São Luís do Maranhão, venho uma semana e volto para casa.

Aluna FI - História – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa?

Vou tentar lembrar o título. Acho que foi “Rotas Negreiras”, não, “Comércio Negreiro para Maranhão Colonial de 1755 a 1800”. No meu estudo, procurei identificar qual o contingente de escravos que desembarcou no Maranhão. Tanto vindos diretamente da África, na segunda metade do século XVIII, quanto vindos de outras províncias do Brasil. A minha pesquisa foi mesmo de identificar contingente de africanos na cidade de São Luís. Já na Graduação, eu comecei a pesquisar sobre escravidão no Brasil e como sou de São Luís e os trabalhos sobre isso lá são poucos, eu dei continuidade a essa pesquisa, que é a área que eu gostei, aí eu vou continuar o doutorado e pretendo trabalhar a escravidão em São Luís.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

O princípio que me levou foi um trabalho com bolsa aqui na iniciação científica aqui na UFRRJ com professor Flávio Gomes. Eu consegui uma bolsa e ele é um dos grandes pesquisadores sobre escravidão aqui e, partir disso, ele sempre incentivou a estudar e continuar no mestrado. Realmente, eu o considero um mestre, porque ele que me ensinou o que era um arquivo, uma pesquisa e eu fui ver o que é um historiador.

Qual a sua cor?

Segundo o IBGE sou parda, mas eu me considero negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não. Nunca morei, não. Eu morei um ano aqui no centro da cidade e agora moro na comunidade da Maré. Quero ir, no próximo ano, para USP para o doutorado. Uma universidade que me dê estrutura para poder viajar e pode fazer tranquilo um doutorado.

Aluna JL – Química – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo mestrado?

O meu projeto é sobre as amidinas que já foram estudadas, já foram testadas e deram resultado positivo pra Leishmania e essa síntese é nova, de amidinas na fase nova, e aqui é parte do projeto, que a gente parte de um aldeído com o ácido malônico, aí chega a um outro

ácido, depois faz um cloreto desse ácido, adiciona uma amina e chega à amida e, a partir dessa amida, chega à amidina. São várias etapas. E aqui no meu trabalho eu estou apresentando o trabalho das amidas precursoras da amidina com os rendimentos, as absorções delas no infra-vermelho, o ponto de fusão e as perspectivas são testar a coração dessas amidas com PCL5, PCL3 e o cloreto de tiamila pra então chegar às amidinas e fazer o teste com a Leishmania.

Como você chegou a este tema?

Então, primeiro eu escolhi a área e eu conversei com a professora Áurea porque eu queria fazer química voltada para a área medicinal e ela dentro do que trabalha, tem bastante trabalho e eu, conversando com ela, ela já havia trabalhado com as amidinas.

Qual a sua cor?

Parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não.

Aluna KM - Biologia – Doutorado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

É doutorado. Então, eu sou bolsista da EMBRAPA, Agrobiologia, e sou orientada pela pesquisadora Maria Elizabeth. Então a gente trabalha com fauna do solo lá e, no meu doutorado, eu vou trabalhar com um grupo específico que são os diplópodes de grande ocorrência aqui na região. O que eu vou trabalhar em especial é o *Trigoniulus corallinus*. O que é que são esses organismos, né? Eles são decompositores. E se eles são decompositores, bem provável eles fazem simbioses que já foi comprovado com micro-organismos. E quais são esses micro-organismos? São os celulolíticos e houve vestígios de fixadores de nitrogênio com esses diplópodes. Então eu vou trabalhar com fração deles na decomposição de diferentes tipos de resíduos, vou fazer análise molecular pra ver quais são os tipos de bactéria que eles estão se associando, qual é essa comunidade, já que elas são de importância celulolítica. Futuramente eu quero fazer algum trabalho mais específico só com as bactérias celulolíticas. Então, meu trabalho é mais ou menos isso. Em resumo é isso: vou trabalhar com fauna sempre associado a microrganismos do solo.

Como você chegou a este tema?

Então, esse trabalho foi iniciado pela Maria Elizabeth, né, minha orientadora, na tese dela de doutorado que ela fez aqui na Rural na Ciência do Solo. Aí ela avaliou, ela fez avaliação de ocorrência desses organismos, viu o que se caracterizava mais na região que é o *Trigoniulus corallinus* e ela também fez a população (pausa: oi, amiga!). Aí ela fez também essa avaliação só que ela não foi a fundo em termos associativos de bactérias associativas nesses microrganismos. Mas, ela viu também que em diferentes tipos de habitat de resíduos vegetais, por exemplo, aonde a gente encontra eles, a comunidade microbial é diferente, então

isso é interessante e eu também vou trabalhar isso na minha tese, embora eu vou trabalhar com outras espécies também, não só o *Trigoniulus corallinus* como o *Leptogoniulus* e como o *Rhinocricus* que a gente encontra também bastante nessa região. Minha formação é Biologia, eu sou mestre em Ciências do Solo, que eu fiz também trabalhando com fauna, já venho trabalhando... A minha Graduação foi no Sul. Eu sou do Sul. Daí eu sou Bióloga e fiz mestrado em Ciências do Solo que é na área da Agronomia, eu trabalhei química do solo e fauna e agora eu tô trabalhando micro-organismo e fauna do solo.

Qual a sua cor?

A minha cor? Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sou do alojamento da EMBRAPA. Isso, do alojamento da EMBRAPA. Desculpe a correria!

Aluna NP - Floresta – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Projeto está em andamento porque tive mudança de orientador no meio do curso. É sobre efeitos do tratamento térmico com bambu. Quais são as mudanças que ocorrem nas propriedades físicas e mecânicas do bambu. Eu e meu orientador ainda não sabemos com quais as propriedades que vamos trabalhar. Se com todas as propriedades tecnológicas, com a acústica do bambu, a fabricação de móveis ou apenas as propriedades físicas e mecânicas. Ainda não temos nome por não sabermos exatamente o que vamos trabalhar.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Meu processo veio das escolas públicas. Eu concluí o segundo grau no Colégio Pedro II e Técnico em Edificações em Construção Civil no CEFET e passei pra Engenharia Florestal e busquei, dentro da Engenharia Florestal, algum campo voltado para a Engenharia Civil, apesar de que não era minha paixão a princípio. Mas, ao caminhar do curso, eu comecei a gostar e cheguei hoje nesta área. Minha Graduação foi em Engenharia Florestal aqui. Agora estou no mestrado.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Seropédica – Universidade - há seis anos devido aos estudos, mas minha casa é no Engenho da Rainha.

Aluna OQ - Floresta – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Testando controle biológico para urbanos que é uma praga que ataca uma espécie florestal. É uma espécie florestal exótica que é utilizada na arborização urbana. Esta praga tem dizimado todo o sombreiro, inclusive ele tem sido cortado em virtude desta praga que é muito severa, que devasta toda a folhagem. Se o objetivo é ter sombra e esta praga consome toda folha, não tem porque manter esta espécie. Hoje são utilizadas várias formas de controle com químicos. Voltando para questão para uma alternativa ecologicamente viável, estamos com esta proposta de controle biológico com urbanos que é a praga que ataca, que é uma Lepidóptera, uma borboleta e que ataca esta espécie florestal.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

No mestrado, eu já tinha trabalhado com controle biológico, só que com moscas das frutas e conseguimos fazer a introdução de um parasitóide exótico que era eficiente no controle da mosca das frutas, que é um entrave para agricultura de goiaba na região de Campos. Os parasitóides nativos não conseguiam fazer o controle efetivo, então também usava produtos químicos. Mas, como se tratava de frutas, e hoje em dia o mercado está voltado para alimentos seguros, e essa praga limitava a exportação de goiaba, e estava trazendo um prejuízo muito grande para a fruticultura, e já estava dando certo na Bahia e em Minas Gerais, no Rio ainda não tinha. Então, nós criamos esse parasitóide, fizemos a liberação, alcançamos um resultado - é claro que foi a primeira liberação e tem que continuar - e vimos que deu certo a questão do controle biológico conservativo associado com a criação matal do parasitóide em laboratório. E meu orientador agora no doutorado já trabalhava com urbanos. Ele já tinha vários estudos e a proposta seria trabalhar com urbanos, sendo que, controle biológico nunca tinha sido testado. Então, aliados com os estudos dele junto com a minha orientadora do mestrado, estão trabalhando em parceria. Como já tinha experiência, estamos achando que é possível criar também em laboratório e ver como vai ser em campo, que é diferente. Um desafio que estamos acreditando que podemos achar resultado. Eu fui aluna da Rural na Graduação de Engenharia Agrônômica, fiz mestrado em Biotecnologia Aplicada e agora estou no doutorado em Ciências Ambientais e Florestais. Tudo na Rural.

Qual a sua cor?

Negra, preta.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Mesquita, Baixada Fluminense.

Aluna RT - Ciência Veterinária – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Levantamento de espécies de carrapatos em aves no *campus* da UFRRJ. Como a UFRRJ é bem degradada, escolhemos uma Mata Atlântica mais preservada da Ilha de Itacuruçá para comparar a de lá com a daqui. Como tive problema com mestrado, estou fazendo coleta há um ano em três pontos da universidade e lá em um ponto da ilha.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Primeiro que na UFRRJ não tem levantamento de carrapatos em aves e em Itacuruçá também não tem este levantamento de espécies de parasitos em aves. Queremos fazer um mapeamento terminológico com espécie de doenças e um inventário desta área vai ajudar bastante.

Qual a sua cor?

Pardo.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Ilha do Governador.

Aluna SU – Fitossanidade – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo de mestrado?

Basicamente eu estou falando sobre a hospitabilidade do araçazeiro *Meloidogyne mayaguensis* no Estado do Rio de Janeiro. Ele é um nematoide pouco estudado na nossa região. Basicamente, o que ele ataca? Ele está atacando principalmente a goiabeira. Ele é específico praticamente da goiaba. O que é que acontece? Ele ataca as raízes e, com isso, a planta não consegue suprir os nutrientes pra ela poder se desenvolver. O que é que o meu estudo está querendo? Eu estou estudando as araçás. A araçá é prima primeira da goiaba, sendo assim, qual é o meu intuito, o objetivo do trabalho? É que eu consiga achar uma araçá que seja resistente ou tolerante a esse *mayaguensis* e eu possa indicar futuramente a esses produtores de campo, que é o maior índice que tem esse ataque dos nematoides, pra que ele possa fazer um porta-enxerto com a goiaba e também ao *Psidium*. O *Psidium guajava*, a ‘Paluma’, e esse é o intuito do trabalho. A metodologia que eu estou utilizando é o que, é a metodologia do Cool ingardi. O que é que ele faz? A gente pega ou numa planta, pra ser fonte de inóculo minha, eu coloquei o tomate TR Rural, ou seja, ali que eu vou multiplicar esse nematoide que eu trouxe lá de *campus*, né, como ele ataca nessa região, eu trouxe ele de lá, estou usando o TR Rural. Eu adicionei 5 mil, 5 mil ovos por vaso. Sendo que esses vasos, eles têm o que, eles têm dois litros. Esse solo que estou utilizando é um solo esterilizado, né, pra que eu não tenha outro competidor comigo a não ser o nematoide *mayaguensis*, que já foi purificado, já fiz a encragem dele lá em Brasília, né, com a professora Regina, certifiquei: realmente é o *mayaguensis*, aí o que é que eu fiz? Pra ser fonte de inóculo e multiplicação, eu coloquei no tomate TR Rural, aí de tempo em tempo eu tô fazendo a semeadura do araçá, né, que eu tô querendo testar, eu vou e inoculo ele, cinco mil ovos por vaso e depois vou fazer uma avaliação. Essa avaliação futura é o seguinte: se, numa tabela que a gente utiliza que é uma estatística não paramétrica, se nessa tabela eu tenho mais...(pausa) porque o tomate TR Rural ele tem que dar cinco mil ovos por ml, ou mais, ou mais, né? As outras é o parâmetro

que vou estar correlacionando. Se esse araçá conseguir chegar mais além de cinco mil, é sinal que ele é tolerante, caso ele não consiga, ele é hospedeiro. E com esse intuito, eu vou saber o que é que vai ser melhor, o que é que eu posso indicar até para os araçás que eu estou trabalhando.

Como você chegou a este tema?

Esse tema chegou o seguinte, o meu orientador ele é referência em nematologia aqui, que eu considero dentro da Universidade só tem ele, né, ele está prestes a se aposentar. Como eu já fui monitora de fitopatologia, eu aproveitei que tem esse gancho pra poder formar o máximo que eu tenho desse método. Na minha região onde eu trabalho, porque eu não sou daqui, eu sou de Goiás, e lá não tem nenhum nematólogo. Eu sou professora do Instituto Federal Goiano, *campus 7* e lá também não tem ninguém que conheça sobre nematologia, então pra região do Centro-Oeste é de suma importância que eu tenha esse conhecimento e possa repassar isso para os meus alunos de Agronomia, futuramente.

Qual a sua cor?

A minha cor? Acredito que é parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Estou, estou aqui em Seropédica - Universidade.

Aluna VX – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa?

Atividade física e socioeducativas na reinserção de idosos na Universidade Aberta da Terceira Idade. No corpo do projeto, eu menciono sobre o que é característico do idoso, por conta da idade, quando ele atinge essa fase, por conta das perdas a nível psicológico, biológico e vivencial, ele vivencia uma depressão. Não obrigatoriamente tem que vivenciar, mas é característico do idoso, é uma característica que é comum. E, por conta dessa depressão, por vezes vem a reboque uma disfunção cognitiva. Então, o que eu pretendo avaliar é idosos praticantes de atividades físicas e não praticantes de atividades físicas e socioeducativas os componentes da depressão e da disfunção cognitiva.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Quando eu estava como vice-diretora do Instituto de Educação, o diretor me deu uma portaria que é para eu implantar uma universidade aberta na universidade. Eu fui designada a implantar a Universidade Aberta da Terceira Idade na Rural, porque sou professora da Rural. Aí eu comecei a pesquisar e fui ao fórum de coordenadores, encontro de alunos da terceira idade, e aí comecei a me interessar, a estudar. Tanto que já tenho as expectativas para depois que terminar meus estudos.

Qual a sua cor?

Mestiça.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Ilha do Governador. Nunca morei na Baixada.

Aluma WY – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Estou estudando a dimensão socioambiental na formação inicial de educadores. Como que acontece essa inserção no currículo nos cursos de Licenciatura, mais especificamente em dois que são meus estudos de caso, o de Licenciatura em Geografia da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da UERJ, em que já tem essa inserção na sua cultura curricular, então os alunos do quarto e quinto período já têm Educação Ambiental na grade curricular. E é um momento ideal, né, quarto e quinto períodos, os alunos já estão mais amadurecidos pra esse estudo e aqui no IM, UFRRJ, no curso de Pedagogia, que é um curso que está ainda se estruturando e tem essa disciplina também lá no finalzinho, quando os alunos estão indo embora. Então, eu vou estudar isso mais especificamente.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Educação Ambiental está na minha veia. Desde a Graduação, que eu fiz Geografia e, na minha monografia, eu sempre procurei isso porque o Meio ambiente, que somos todos nós, não está presente no currículo das escolas, muito menos nas universidades dos formadores e educadores. E os professores vão para as escolas sem essa base e eles vão lá se deparar com vários problemas que eles não têm bagagem suficiente para administrar com os alunos. E eu fiz minha monografia que eu falo que foi de gabinete, porque não fui a campo, porque os professores do meu curso nenhum tinha esta prática curricular. Então, o único que tinha mais ou menos alguma coisa a ver foi o de Biogeografia e eu fiz um trabalho sobre unidade de conservação. Um trabalho bem de gabinete, bem monótono, não era o que eu queria fazer, mas dentro do contexto, era o que poderia fazer. E eu resolvi buscar isso em outros lugares para melhorar minha prática. Quando eu vim pra Rural, eu entrei em contato com um grupo de pesquisa, GEPEADS, que trabalha justamente sobre isso, fui me encantando mais ainda, fui estudando mais e eu tive essa brecha no mestrado pra estudar essa dimensão com o Mauro Guimarães.

Qual a sua cor?

Minha cor é misturada de origem africana. Minha bisavó era escrava e meu bisavô, índio. Eu sou de origem negra misturada com indígena. Uma confusão que ninguém sabe. Inclusive, eu fiz uma pesquisa na escola, trabalhando com censo escolar, e essa foi a questão mais difícil, por incrível que pareça.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro na Baixada, Nova Iguaçu.

Aluna ZZ – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Metodologias participativas e a Educação Ambiental dentro das escolas. Vamos trabalhar com os professores que estão fazendo alguns cursos específicos, o de Nova Iguaçu e o da Baixada, que trabalha com Recursos Hídricos também. Eu vou trabalhar com professores que trabalham aqui na Baixada, em Mesquita, Queimados, São João do Mereti e Belford Roxo. Eu vou pegar cinco e vou acompanhar dentro da escola para saber como se dá essa implementação dessas metodologias participativas. Primeiro como ele acaba absorvendo esses conceitos dentro do curso, porque esses dois cursos têm essa perspectiva de trabalhar essas metodologias participativas e como ele leva para dentro da escola. Se tem dificuldade, se não tem... se ele faz alguma atividade de superação dessa dificuldade. Mas, mesmo para apoiar a parte teórica que eu vou fazer que eu parto do princípio que hoje a participação tem vindo cooptada, nesse sentido hegemônico. E aí hoje todo o mundo tem que participar, mas não é assim. Hoje todo o mundo é crítico. E aí eu vou fazer uma discussão do que é participação e como seria isso dentro da escola.

Como você chegou a este tema?

Meu projeto de mestrado, quando eu fiz a seleção, era com Planejamento Participativo em Escola. Ia fazer levantamento de documentos e tal, mas eu disse para ele depois das disciplinas que queria fazer com metodologias participativas. Acabou encaixando isso. Eu sempre quis saber como é que se dá esta questão da participação, porque acaba ficando sempre naquele discurso hegemônico de que “A participação, todo o mundo junto para conseguir mudar”. Mas não é assim. Tem que participar num sentido não de consenso e sim de conflito. Eu ainda estou refazendo meu projeto. Eram só pessoas de Nova Iguaçu, agora na Baixada... A gente foi mudando a cada momento.

Qual a sua cor?

Morena.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluna AA – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de estudo?

Eu escolhi muito em função da minha própria militância de quase 20 anos nos Movimentos Sociais. Eu participei do MAB e do SEPE, porque sou profesora do Estado, e aqui no município de Nova Iguaçu, quer dizer, a Baixada toda foi muito efervescente no período da redemocratização. Então, meu objeto de estudo é dentro da cultura política ligada aos Movimentos Sociais. A crítica e a autocrítica da própria esquerda em relação ao que

aconteceu dentro desses movimentos, e que eles foram muito importantes para Baixada Fluminense como um todo, e isso tudo dispersou. Então, dentro da cultura política, eu estou querendo saber como nós fizemos a crítica e ainda não fizemos a autocrítica, nem do período de 1964 e, muito menos agora, no período da redemocratização do país. O que é que isso tem a ver com a própria educação popular na Baixada Fluminense, porque desde a década... No final de 50, início de 60, existiam vários grupos de educação popular por aqui, uns ligados à Igreja Católica, outros aos próprios movimentos populares. E tudo isso é muito interessante se resgatar, nesta perspectiva de análise crítica e autocrítica do movimento.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Porque é Educação Popular. E Educação Popular no amplo sentido de Educação Popular. Até mesmo questionar o que foi a Educação Popular no período do desenvolvimentismo no país. E isso me chamou a atenção por ter vivido no período da redemocratização, como militante mesmo dos movimentos e isso me atraiu para fazer esta pesquisa e contribuir de alguma forma para resgatar estas lutas. Senão, o narrador emudece, né? Essa política do silêncio em relação aos Movimentos Sociais é terrível no Brasil. Então, eu acho que a academia pode contribuir, de alguma forma, para dar voz a esses sujeitos. E a universidade está tendo essa perspectiva para trazer, internamente, essas discussões e eu achei interessante.

Qual a sua cor?

Parda. No censo eu achei um absurdo “parda”, porque é cor de papel. Eu sou mestiça. Acho legal falar sobre isso. Na minha casa, todo o mundo tem essa consciência. Inventaram palavras para que as pessoas não se vissem. Ainda é difícil, mas já se começa a ter outra visibilidade.

Moradora da Baixada Fluminense?

Até o ano passado morava em Nova Iguaçu, o ano passado mudei para Miguel Pereira pra ver se desacelerava, mas não adianta. Dizem que quem bebe a água da Baixada não sai mais daqui.

Aluna BB –Fisiologia Animal – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o tema da sua pesquisa de mestrado?

Efeito da acupuntura no modelo de lesão medular por compressão. Nós vamos avaliar o efeito da acupuntura sobre a reabilitação desses animais que vamos induzir a lesão medular. A gente vai usar a acupuntura como tratamento, durante um tempo.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Começou na iniciação científica. Eu trabalhava com a professora Magda e essa foi uma ideia totalmente dela. Ela trabalha com lesão medular e já trabalha com acupuntura e aí resolveu usar como tratamento em modelos de lesão medular. Eu me interessei pelo tema e resolvi fazer a Pós-Graduação.

Qual a sua cor?

Parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não moro na Baixada.

Aluna CC - Engenharia de Alimentos – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o tema da sua pesquisa de mestrado?

Otimização da produção de lipases por fermentação em semi-sólida, é usando um fungo filamentosos *Aspergillus niger* e minha orientadora é a Lúcia Helen e a pesquisadora Mônica da EMBRAPA.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Foi mais uma sugestão da minha orientadora. Porque quando eu entrei no mestrado, queria trabalhar na área de gestão, aí a professora que trabalhava com isso aqui não estava podendo, estava com vários alunos. Aí eu conversei com Lúcia Helen e gostei, topei e estou com ela.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluna DD – Química – Doutorado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de estudo de pesquisa de doutorado?

Não tenho título ainda. Eu estou estudando inibidores para a enzima urease. Essa enzima é importante porque é uma enzima que tem importância médica, está relacionada com aquela bactéria *H. pylori*. Ela é importante também até em questões de poluição ambiental porque está relacionada à questão de fixação de nitrogênio no solo, questões assim relativas à camada de ozônio. É uma enzima super importante pra estudar. O estudo é feito por modelagem computacional. Nós fazemos um trabalho teórico e trabalhamos em conjunto com os professores que trabalham no laboratório. Todo o trabalho que eu farei, que será um trabalho teórico, será usado pelos professores que fazem o trabalho experimental. Então, nós teremos as duas partes do trabalho. É um trabalho que eu ainda estou iniciando, então não tenho ainda muito a falar. Eu comecei já tem quase dois anos, só que eu comecei a estudar

uma outra enzima de plantas também muito interessante de estudar, porém, para fazer o trabalho de modelagem computacional ficou difícil. Assim mudamos para a enzima urease.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Meu mestrado eu fiz em Física, só que na verdade era Físico-química. Eu estudei Carbetto de silício que é usado em chip para computador e foi o mesmo trabalho de modelagem computacional. Aí quando eu fiquei sabendo que na Química tinha esse trabalho, eu me interessei em fazer. E aqui o meu doutorado é em Físico-química que é parecido com o meu mestrado que eu fiz na PUC. Eu não pagava. Tinha uma bolsa na PUC de isenção. Minha Graduação eu fiz na UFRRJ e foi em Ciências e em Matemática. E o meu interesse de ir para a Química e Física está mais ligada a essa parte de ciência. Eu trabalhava no município com Ciência, era professora de Ciências e pedi exoneração porque nem posso, porque eu sou funcionária e não posso ser professora do Município. Eu teria que fazer uma opção. Eu trabalhei, por um tempo, no Município. A ideia era ficar no Município, só que eu optei por ficar na universidade. Porque a universidade possibilita os funcionários a progredirem. Possibilita mais do que o Município. No Município, eu não teria nem um tempo pra estudar e a universidade me possibilita isso. Eu tenho um afastamento parcial para poder estudar e fazer o doutorado.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica. Eu moro numa casa da UFRRJ.

Aluna EE - Ciência do Solo – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Eu desenvolverei um trabalho na área de fixação biológica de nitrogênio, utilizando feijão caupi, que é uma leguminosa originária da África, porque eu sou africana. Como essa planta é muito cultivada e aqui no nordeste e no norte brasileiro ela se caracteriza como cultura de subsistência de alto valor proteico, então a ideia é também pra poder desenvolver tecnologia para estar inserindo, quem sabe as cultivares aqui que estamos estudando em alguns projetos lá na África. Eu vou desenvolver um trabalho com inoculação, produção de inoculação com polímeros ao invés de usar turfas, também pensando na questão biológica da fixação de nitrogênio. Além de obter maior quantidade de grãos do feijão caupi, olhando tanto a produção de grão, quanto para adubação verde para ver se ela tem potencial para adubação verde.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Durante a iniciação científica, na Graduação, eu trabalhei com caracterização de bactérias hexotróficas associadas a leguminosas e que são utilizadas como adubo verde. Eu trabalho com microbiologia, então, já ia trabalhar com microbiologia e a escolha da espécie é

que ela tem um potencial, ela é muito utilizada na região norte e nordeste do Brasil e também pelo fato de eu ser africana, e se um dia der eu levo essa tecnologia para a África.

Qual a sua cor?

Preta, negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sou de Volta Redonda e moro em Seropédica por causa da faculdade.

Aluna FF - História – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Nome provisório é Repressão à Propaganda Nazista no Estado Novo, no período de 1938 a 1945, porque em 1938 foi o período em que começaram a promulgar as leis nacionalistas que vão atingir diretamente o partido nazista no Brasil e 1945 foi o final da guerra e o fim do Estado Novo. Então, encerra esse período porque é um novo corte temporal da pesquisa. Provisório porque eu vou mudar. Estou com foco no Rio de Janeiro e estão surgindo outras coisas também.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu não lembro exatamente como, mas eu sempre gostei de estudar governos autoritários e, no tempo do colégio de segundo grau, eu conheci a Era Vargas e tal, e é um tema que sempre me atraiu. Depois fui estudar História e descobri que o partido nazista no Brasil tinha sido o segundo maior. O primeiro foi na Alemanha. Achei interessante e usei como tema de monografia. Analisando as fontes, eu achei material de propaganda nazista e inquéritos policiais também sobre espões, essas coisas. Então, me interessou muito e eu comecei a estudar porque que este partido chegou ao Brasil e teve uma certa aceitação, cresceu dessa forma e, num dado momento, ele foi reprimido. Aí eu comecei a estudar esse tema. Eu fiz Graduação em História na UFF e agora o mestrado na UFRRJ.

Qual a sua cor?

Cor preta.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não, Meier.

Aluna GG - Floresta - Doutorado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa de Doutorado?

Meu trabalho é com plantas da caatinga. Eu vou trabalhar com três diferentes espécies de interesse medicinal e econômico, muito utilizado pelos sertanejos. Como a caatinga é um bioma que está sendo degradado, ele está sendo devastado demais, então nós estamos buscando recursos para reflorestar a caatinga com essas espécies que são de interesse, mas utilizando fungos micorrízicos arbusculares, que é um fungo de solo que beneficia o desenvolvimento e crescimento da planta. O nome da tese ainda não está bem definido, mas hoje a gente chama de Desenvolvimento de Mudanças de Espécies de Interesse na Caatinga. Mais ou menos isso, mas o nome ainda não está definido até porque eu comecei o doutorado agora.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu fiz o meu mestrado também no bioma caatinga, sendo que eu trabalhava com a mata seca. Eu também trabalhava com este fungo, só que lá eu trabalhava a diversidade desse fungo na mata seca, que é um ecossistema da caatinga. Eu via a diversidade e, através disso, eu vi a necessidade de se trabalhar este bioma. No doutorado é quase que uma sequência, sendo que agora já é a inoculação de espécies de fungos em determinadas plantas. O mestrado eu fiz em Biologia, a Graduação na Agronomia e o doutorado aqui na Floresta. Tudo aqui na Rural.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluno HH - Engenharia Química – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Eu estou estudando desidratação de álcool. Produção de álcool anidro para servir de aditivo à gasolina. Então, eu estudo métodos para poder tirar a água do álcool: destilação. Eu trabalho com destilação. Não tenho um nome certo ainda, mas vai ser algo dentro de Estudo de destilação de álcool usando coluna recheada.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu gosto bastante. Envolve termodinâmica, e a parte da Engenharia Química que envolve termodinâmica eu gostei bastante. Eu fiz Graduação aqui na Rural. Entrei em 2005 e formei em março de 2010 em Engenharia Química e estou fazendo o mestrado agora.

Qual a sua cor?

Sou negro, com certeza.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Moro em Santa Cruz, zona oeste. Nunca morei na Baixada. Fico aqui em Seropédica. Moro aqui durante a semana.

Aluno II – Química – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Estou trabalhando com controle biológico de um inseto que ataca ração agrícola, então a gente está trabalhando com inibidores biológicos. A gente isola esses inibidores de leguminosas e faz o controle enzimático, porque esses insetos são uma praga de ração avícola, então a gente pega esses inibidores biológicos, isola e trabalha com inibição enzimática desses insetos por controle, que é uma praga é o *Alphitobius diaperinus*. Eu já estou há mais ou menos um ano trabalhando com isso já. Aí tem todo um processo de isolamento da leguminosa, isolamento do inseto tanto da larva quanto do adulto. Então, essa seria a minha tese.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

Desde a iniciação científica. Eu fiz dois anos de iniciação científica com o professor Emerson, trabalhando com caruncho, com praga de feijão, na minha Graduação, eu sou Engenheiro Agrônomo. Aqui na Rural e trabalhei por dois anos e emendamos no mestrado.

Qual a sua cor?

Na certidão de nascimento está branco.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Seropédica – Universidade.

Aluno JJ - Ciência do Solo – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Como estou na área do solo na Pós-Graduação, estou tentando estudar, fazer o levantamento de solo no Haiti. Ver que tipo de sistema de agricultura dentro de uma comunidade, eu estou fazendo esse levantamento, e ver o que se chama de agricultura que eles estão praticando e a sustentabilidade desse sistema em relação ao tipo de solo que tem lá.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

No Haiti os estudos de solo são incipientes, quase não tem. Não conhecemos no Haiti o que temos em termos de solo. Por isso que eu estou aproveitando do meu estudo para deixar uma coisa clara no Haiti. Porque ele é um país agrícola e também montanhoso, e essa agricultura que está sendo praticada lá é familiar, de subsistência e também não conservacionista.

Qual a sua cor?

No Haiti falamos negro, preto. Lá está bem perto dos EUA e lá tem branco e preto, então no Haiti falamos que tem preto, negro. Ou você é negro ou voce é branco. Sou negro, lá nao é como o Brasil.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Seropédica – Universidade. Estou aqui há oito meses.

Aluna KK – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Tenho 26 anos. Sou formada em Economia Doméstica pela UFRRJ e meu tema é a formação dos professores indígenas na contemporaneidade, narrando a história.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

Experiência com a área mesmo, contato direto com a área. Sou do Espírito Santo, de Linhares e na minha adolescência fui criada em Aracruz - aldeia guarani - eu convivi de 10 até 13 anos com a luta indígena pela delimitação de terra naquele território. Conheci uma professora indígena, comecei a me inserir nesse contexto e, a partir dali, me inserir na questão indígena. Essa professora tinha 13 anos e ela dava aula. Na época, éramos crianças e não sabíamos direito o que é. Mas surgiram questionamentos. Fui para o Rio de Janeiro, entrei para UFRRJ e entrei para um grupo de pesquisa. Depois fui para a Bahia levar tecnologia para um grupo indígena - aldeia Patacho de Barra Velha. Lá, voltei ainda a descobrir que a realidade do Espírito Santo ainda continuava. Que eram alunos de oitava série lecionando, sem preparo nenhum, sem base, recebendo matéria e passado sem posição crítica e sem nada. Assim, surgiu meu tema de pesquisa: como está sendo pensada a formação de professores indígenas, se realmente está sendo pensada de acordo com as necessidades se cada aldeia, experiência de vida e prática.

Qual a sua cor?

Preta.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Seropédica.

Aluna LL – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

O nome é “Diversidade e Currículo: caminhos e perspectivas para a construção de uma educação anti-racista”.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

A partir da docência, passei num concurso para professora no município de Volta Redonda e comecei a dar aula no município. Lecionei para crianças de 7 a 11 anos numa classe de alfabetização e, a partir daí, passei a voltar o olhar para posturas equivocadas de profissionais e funcionários dentro da escola. Assim, fui fazer formação de capacitação de professores que me iniciou neste tema de uma forma mais teórica. Comecei a olhar as informações equivocadas que as professoras passavam para os alunos. Quando falamos sobre essas coisas, as pessoas não estão abertas para escutar e não acham esse tema pertinente. E aí, o porquê de depoimentos tão errôneos a respeito das identidades negras, das etnicidades, da postura equivocada sobre o corpo preto. Fui fazer formação sobre este tema de uma maneira mais teórica para meu trabalho na escola. Fui fazer Pós-Graduação na Cândido Mendes sobre história da África e do negro no Brasil e lá realizei um TCC e estou dando continuidade deste trabalho aqui no mestrado.

Qual a sua cor?

Preta.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não, Benfica.

Aluna MM – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Minha dissertação, a princípio, era sobre a formação de professores e um possível caminho para um ensino de qualidade. Depois mudou para formação continuada de professores, um possível caminho para melhoria da qualidade de ensino.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

A questão da formação de professores é um tema que me bate muito de perto porque sou professora e, até pouco tempo, dava aula no curso de formação de professores: o curso normal. Também trabalho com os professores, sou coordenadora pedagógica. Tanto como professora especialista e como professor regente, assim eles me chamaram e eu fui contra, fiquei com angústia de ter que pesquisar a mim mesma. Dentro de sala de aula, ficava questionando, achando que estava faltando muita coisa para poder dar conta de uma formação de professores. Já que dava aula e trabalhava com os professores. O que vejo numa das escolas que trabalho e via acontecendo ano após anos na escola, por exemplo, em Duque de Caxias, o problema da retenção de alunos. O ciclo da escola funciona em três anos, o aluno entra na escola e pressupõe-se que, ao final do terceiro ano, ele estará alfabetizado. E, a partir daí, ele estaria ampliando sua alfabetização, mas não é isso que acontece. Termina o primeiro ano, não consegue se alfabetizar. No terceiro ano, a professora se vê tendo que dar conta de

tudo que não aconteceu nos anos anteriores. Eu, enquanto membro da equipe técnica pedagógica, fico questionando o que posso estar fazendo para ajudar este professor que está neste universo da escola que falta muita coisa e não tem infraestrutura. É muito penoso. Eu sofro junto. Hoje, quando entrei no mestrado, abri mão de uma das escolas. Precisei sair. Era a que eu dava aula e a que eu gostava mais, porém, era a que me pagava menos. Então, eu tive que desistir dela. Então é isso, quando cheguei ao mestrado, eu li um texto “Eu caçador de mim” de Carlos Eduardo que bateu muito forte em mim. Ele faz estudo do cotidiano. Eu estou me buscando nesta teia complexa que é o magistério. Se o ensino vai mal, as cobranças são que o professor não busca, não ensina etc. A gente sabe que é um pouquinho de cada coisa, mas existe toda uma ideologia que joga a culpa nas costas do professor, mas esta história não é bem assim.

Qual a sua cor?

Este negócio de cor é complicado. Meus filhos falam assim, que sou desbotada. Eu sou negra, eu queria que minha cor fosse mais escura. No meu registro está parda. Eu nem sei qual a minha cor. Mas queria que minha cor fosse mais escura, eu acho mais bonito.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Morei em Nilópolis e agora em Nova Iguaçu.

Aluna NN – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como negra

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Tenho 27 anos. Sou formada em Educação Física pela UFRRJ. Meu projeto de pesquisa é socialização profissional para professores iniciantes de Educação Física. Estou nesta fase e, para mim, está muito bom e o importante é a produção de conhecimento dentro da área de Educação Física.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Primeiro, trabalhei na Graduação por três anos consecutivos de iniciação científica, voltada para a caracterização e orientação de valores para a Educação Física. Entrei, participando de um projeto que já está pronto, sem saber muito bem o que era. No primeiro ano, fomos desenvolvendo um pouco o projeto e, no segundo ano, observação dos estágios, estudando a formação profissional nas perspectivas das concepções pedagógicas e a prática do graduando. Caminhando neste sentido, saí do primeiro momento de observação e depois caminhamos com ele na sua primeira experiência como profissional em educação. Que é o conceito de socialização profissional. Segunda, eu sou recém-formada e, neste meu período de vida, estou saindo do início da minha atuação profissional como professora – lembro-me de um texto do mestrado: “Eu caçadora de mim mesma”. Eu em campo sou estudande, professora, pesquisadora e está sendo importante devido à continuidade dos estudos e, ao mesmo tempo, estou no início da minha socialização profissional em Educação Física no encerramento do mestrado e conclusão do meu início profissional, por ser recém-formada.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Campo Grande.

Aluna OO – Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Meu tema é o PROEJA. É meu foco de análise e, ultimamente, vejo que o título do meu trabalho é o “Sentido Sócio-Político do PROEJA no Campo das Políticas Públicas para Juventude e para Adultos”.

Como você chegou a este tema de pesquisa de mestrado?

Este tema veio no momento que eu entrei para o CEFET e atuo como técnica em assuntos educacionais e havia uma população muito diversa do que esperava como aluno da rede federal. Havia uma diferenciação de como o PROEJA era tratado pelos gestores e pela instituição e pelos professores. Tinha objetivos diferentes e perspectivas diferentes e, perante outros cursos, era visto como um curso de segunda categoria. A opção pelo PROEJA vinha com uma formação minha de estudo, minha especialização foi sobre a questão do negro, e a formação do negro no curso de História era focar somente os aspectos da escravidão. O PROEJA vinha como formação minha pela questão do negro sair da Graduação da História e eu tinha experiência em PROEJA na área de História. Os rostos que entravam no PROEJA tinham uma especificidade: eram negros, e isso me chamava atenção. No PROEJA em Caxias, a maior era trabalhadora e de população negra. Para mim, era tentar investigar a questão racial, no primeiro momento, depois eu coloquei a racialidade dentro de uma questão maior, de que todos são da mesma classe trabalhadora, e também trabalhavam em setor de serviços e moradores de Duque de Caxias. Aí, nos caminhos da leitura e a própria orientação do orientador, foquei a questão de classe, mas a racialidade atravessava o tema.

Qual a sua cor?

Negra.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Duque de Caxias.

2 – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (Duque de Caxias)

Aluna TU – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de pesquisa de mestrado?

Meu nome é Daniela, moro em Niterói e vim para Caxias justamente devido ao tema do mestrado: comunicação, educação, culturas e periferias urbanas. Isso tudo é o que já fazia antes. Eu trabalho numa ONG que chama “Bem TV”. Trabalho com educação e meu objetivo é pesquisar isso: essa relação dos processos de produção de mídia no processo de produção de conhecimento, isso dentro da escola. Aprofundar educação e mídia, essa relação. Como trabalhar o processo de um jornal dentro da escola pode estar a favor na busca de conhecimento e nessa atividade do professor na sala de aula nessa educação formal. O grande dilema na minha pesquisa é porque estou imersa numa experiência não formal, mas quero estudar a experiência formal. Dessa tensão que eu me alimento. Como experiências bem sucedidas que acontecem na educação não formal estão sendo apropriadas no campo formal, dentro. Como a produção de produtos de comunicação que é vivenciado nas ONGs nas comunidades já parte de políticas públicas de educação no Estado. Ainda estou lapidando meu objeto em torno disso.

Como foi que você chegou a este tema de estudo?

Na verdade, o tema ainda é uma pedra de mármore que precisa ser lapidada. Ainda não está definido nem para mim. Mas eu moro na periferia de Niterói. Sou aluna de projetos de mídia de uma ONG. Estou lá há dez anos, participo de uma oficina de vídeo. Eu acredito no processo de produção como o processo de educação. Fiz jornalismo. A mídia e a produção de mídia fazem parte do meu trabalho, da minha vida. É tudo que faço. Sou produtora de vídeo num projeto em Caxias, um projeto de extensão. Eu trabalho pensando e analisando isso. Educação é porque o que a gente faz é bacana, o que dá certo e errado, mas não muda nada nem a médio prazo no mundo. O espaço que pesa para o bem e para o mal é a escola que é o espaço de formação que ele passa a maior parte do tempo. Posso realizar um projeto maravilhoso uma vez por semana com os garotos, mas ele fica todas as manhãs ou as tardes na escola. Tentar influenciar esses projetos dentro da escola é pensar, digamos assim, nesta metodologia, em escola pública de verdade. Escola que possa pensar e propor em escola socialmente considerável, que faça diferença para a sociedade. Embora eu acredite que os trabalhos das ONGs são trabalhos importantes. Foi muito importante para mim e para muita gente da periferia ao meu redor, mas é um pingô no oceano. Embora criticamos o espaço escolar o tempo todo, eu não consigo deixar de não reconhecer a importância. Com todos os problemas e com tudo que tem, é um espaço que merece atenção.

Qual a sua cor?

Sempre digo que sou negra, embora algumas pessoas não aceitem muito porque meu pai é branco, minha mãe é negra, mas está mais para mulata do que para negra. Eu, até os 12, 13 anos, não tinha o cabelo enrolado. Morena clara de cabelo liso. Definição de cor é o ambiente familiar, suas raízes. Minha avó é negra, na minha casa tranquilo eu ser negra e meu irmão ser loiro, porque é misturado. Mas uma vez fui fazer uma entrevista com a Regina Casé sobre o programa dela de periferia. Ela se referiu a mim assim, por exemplo, “Você que é branca”. Então, no meu ambiente familiar ninguém me disse isso, nunca. Não tem este contexto branco. A família do meu pai e a gente é preto. Essa mistura que saiu mais para negro do que para branco. Então, este posicionamento é mais que social, é político também. Eu acho que para além da discussão de cotas, de raça e de cor, tem como você se enxerga no mundo. Assim, qual a cultura e o modo de viver que você se identifica, suas lutas e tal. Normalmente quando respondo questionário, odeio pardo, para mim pardo é papel. Não consigo muito me definir assim, embora alguém me olhando me olhasse assim. Quando tem

opção preto ou negro, sempre marco. Cria uma polêmica. Mas acho que essa nomenclatura é para criar polêmica, porque não são precisos. Não existe para mim uma certa clareza do que é cada cor.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro numa favela em Niterói. Morei a vida inteira nessa favela.

Aluna XY – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

A minha pesquisa, o meu foco é nos valores humanos dentro da escola. Aqui na UERJ não existem eletivas que especifique isso, existe eletivas que me dão um leque de conhecimentos que eu posso estar agregando a minha questão. Por exemplo, a inclusão e a exclusão. Outra disciplina que me ajudou foi na área de psicanálise que eu entro buscando as leis para o indivíduo, como é que acontece a introjeção de valores, como a escola funciona ainda moldando alunos nessa questão. Sujeitos moldados conforme as regras. Como os valores chegam na escola e que tipo de valores a escola está passando. Olhar esse choque de valores, tudo isso no contexto de hoje. Como disse, as eletivas aqui não me ajudaram tanto, mas me abriram leques com relação ao assunto que eu pesquiso.

Como você chegou a este tema?

O ser humano me interessa muito e eu vejo hoje a violência em determinadas regiões e como a escola lida com essa violência e como essas crianças estão chegando na escola. E parte da minha experiência como professora, sou professora há 21 anos. Você vê que, em determinados momentos, eles mesmos têm seus próprios códigos e eles parecem que não se atêm mais às regras universais, a regra da sociedade; eles têm suas próprias regras e seus próprios valores e isso me chama muito atenção. Coisas consideradas uma briguinha, um esbarrão, eles queriam resolver de forma inusitada e pareciam que não tinham medo deles em relação à autoridade escolar. Autoridade entre aspas, a professora, o inspetor, o coordenador que estava ali. Eles ignoravam e partiam para o que eles consideravam moral. Me chamou atenção a ausência de determinados valores. Não de todos os valores, mas eles tinham seus próprios valores. Isso me chamou muita atenção e o motivo da minha pesquisa foi por conta disso.

Qual a sua cor?

Sou de descendência negra, mas sou parda. Minha mãe é negra, escura mesmo. Como não sou como minha mãe, sou parda como está na minha certidão. Plenamente descendente de negros: minha avó, minha mãe, toda a minha família por parte de mãe é negra. Somos descendentes de escravos mesmo. Minha tia Gabriela ela contava isso. Ela morreu com 103 anos e era remanescente dessa época e era muito interessante ouvi-la.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Sim, Duque de Caxias.

Aluna AX – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de pesquisa de mestrado?

Meu projeto é sobre a Cidade dos Meninos que é aqui em Duque de Caxias. Um complexo educacional idealizado lá pelos anos 40 pela primeira dama Darcy Vargas, que pensou numa escola para meninos carentes e de famílias pobres que não pudessem sustentar seus filhos. Ela tinha um regime de internato. Acontece que, atrelado a essa questão, no Brasil tinha toda aquela questão de endemias que vem desde o século XVII, todo século XIX e início do século XX. E aí, colocaram num espaço dentro desta escola, que foi chamada Cidade dos Meninos, uma fábrica de pesticidas e um instituto de malariologia. É... Isso parece esquisito falando assim, mas na época o Ministério da Saúde e o Ministério da Educação eram um só, então o ministro foi e fez isso. Só que, com pouco tempo, essa fábrica ela ficou desativada porque se tornou improdutiva e o poder público, essa fábrica era federal, deixou para lá todo material, todo equipamento, todos os insumos e com o tempo a população foi mexendo naquele negócio todo, inclusive nos dejetos químicos que não foram descartados, foram abandonados lá, e gerou uma contaminação ambiental e humana muito grande. Isso foi amplamente veiculado, houveram vários estudos, mas até hoje, de fato, efetivamente, nada foi feito. E tá lá até hoje. Então, meu estudo é sobre essa questão de política pública, desse ideário da escola e por que que colocaram uma fábrica dentro da escola, né?! Se isso tem alguma relação é... Minha hipótese inicial do fato de ser na Baixada, num espaço que é considerado menos nobre. Eu acredito que ninguém iria colocar uma fábrica de pesticidas dentro do Colégio São Bento, por exemplo.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Sou formada Ciências Sociais pela UFRJ, durante o período que eu estava fazendo a licenciatura, estava terminando a Graduação e fazendo a licenciatura, então a gente estava estudando a respeito de políticas públicas e eu estava dando as aulas à noite sobre essa ideia de ensino propedêutico em oposição ao ensino profissionalizante. E o exemplo típico de ensino propedêutico era o Colégio Pedro II, né, e na década de 30 e 40 as pessoas que faziam esse ensino propedêutico poderiam, mais tarde, fazer um curso de Graduação. Mas quem fazia o curso profissionalizante, era uma opção em determinado momento da vida estudantil, não poderia, mesmo que quisesse cursar uma faculdade. E eu estava fazendo estágio também de licenciatura no Pedro II, e eu estava pensando sobre tudo isso, e me veio às mãos, por conta daquela contaminação do Césio lá em Goiás, uma reportagem sobre aquilo, e eu lembrei que anos atrás teve uma história de contaminação também aqui no Rio de Janeiro. Só que eu não lembrava o que era, aí eu pesquisei e descobri isso, que era numa escola e que essa escola tinha esse ideário de educação profissionalizante, que esses garotos ali, o tipo de curso que era feito era vassoraria, suinocultura, psicicultura... Tudo, tudo, tudo voltado para a produção e para o trabalho.

Qual a sua cor?

Isto é interessante. Na minha certidão de nascimento está branca, no colégio sempre foi mulata por causa do meu cabelo que é crespo. Tenho negros na família. Sei lá... Eu sou afrodescendente meio pálida.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moro em Irajá. Nunca morei na Baixada, morei em Niterói.

Aluna BY – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de estudo?

Estou estudando a proletarização docente do Colégio Pedro II.

Como você chegou a este tema?

Na verdade, minha intenção era estudar a formação dos professores. Quando cheguei no mestrado, fiquei impactada com a utilização das novas mídias, da tecnologia. Aí, vou fazer um apanhado de como o professor deste colégio, que é considerado uma intuição de referência de qualidade e excelência de ensino no Brasil, se percebe enquanto proletariado no sentido de transformador e criador de uma nova classe e de um novo capital dentro da sociedade brasileira, fazendo um contraponto com a questão da proletarização docente que foi muito forte aqui Brasil, década de 60. Sou pedagoga e trabalho no Colégio Pedro II, já trabalhei no Estado em cursos de formação de professores, trabalhei em algumas redes municipais e agora estou somente no Pedro II, em função do meu mestrado. Eu fiz dedicação exclusiva pra poder me dedicar mais aqui também.

Qual a sua cor?

Sou negra. Eu parto do princípio que passou de branco, negro é.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moradora do Rio, Jacarepaguá.

Aluna CH – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-o como pardo.

Qual o seu tema de mestrado?

Eu tive de trocar o foco. Trabalho numa biblioteca municipal aqui no Rio e é uma biblioteca na área periférica, no bairro Jardim América e fica entre a favela e o bairro. Então tem esse conflito inicial pra saber se a biblioteca pertence à favela porque foi criada na época do favela-bairro e a comunidade reivindica essa propriedade, digamos, e o bairro não reconhece isso, mas, ao mesmo tempo, não usa muito porque está muito próximo. Isso é um conflito inicial. Aí, no caso, seria o primeiro foco é um projeto que a gente estava fazendo ali de incentivo à leitura que se chamaria Livro de Visitas, chama Livro de Visitas. Trabalhando com conceito de leitor-escritor, que é um conceito do PROLER, que saiu um documento redigido em 2002, que é fazer com que esse leitor seja um leitor qualitativo, que ele possa escrever para além das regras básicas de leitura e escrita, que a gente sabe que forma o

analfabetismo funcional, enfim, numa proposta inclusiva, cidadã, enfim, que esse leitor tenha a capacidade de interpretação. Esse projeto acontece assim: a gente faz o concurso do livro infanto-juvenil, onde cada criança e adolescente, em dupla, onde um faz o texto e outro faz a parte da ilustração e a gente faz um concurso. Em 2009, teve 9 inscrições com 18 participantes, só que o ponto final desse concurso era a publicação do livro por parte da Secretaria da Cultura do Rio, só que eles não levaram isso a termo, entendeu?! Aí não deu para gente fechar o projeto. Apesar de ter sido prometido várias vezes e quase sair, fica nessa coisa do sai, não sai, aí eu resolvi não usar esse projeto como foco principal dessa base da... E se a biblioteca formadora só consegue transformar, ou seja, fazer com que pessoas se tornem leitoras de fato em espaço onde não existe o hábito da leitura. Enfim, aí a gente está usando todos os projetos que a gente faz a oficina de arte, de redação, usando o conceito de mediação da Michele Petit, que é uma antropóloga francesa. Ela fez pesquisa na Colômbia, na Argentina e no Brasil também, analisando essa ideia de mediação em que o funcionário do espaço, desde a receptividade, de criar um ambiente hospitaleiro pra receber esse usuário que chega e tem uma trajetória de crise e de conflito, porque está numa área que tem violência, tem tráfico de drogas, tem quadrilhas, enfim... Aí é isso, a gente usa um outro conceito do Carl Roger que é a aprendizagem significativa pra que a gente atraia um público que se acostume com o espaço, que possa usar o espaço de uma forma afetiva. As crianças não podiam ficar fazendo muita bagunça, então a gente deixou a bagunça entrar pra poder ganhar aos poucos e ir trabalhando as crianças em várias oficinas, de jogo de botão, teatro, desenho em latas caixinhas, xadrez, tudo que podemos usar como ferramenta de interação e para fazer com que a criança aprenda a usar o espaço, a gostar do espaço. E eu quero saber se essa mediação, se ela amplia, efetivamente, o quadro de leitores. Se ela consegue dar conta desses pilares norteadores de políticas públicas em nível nacional que não consegue chegar nas pontas, principalmente em espaços de violência, onde foi abandonado durante quase um ano, nenhum funcionário queria trabalhar ali e, aos poucos, a gente foi ocupando e criando esses projetos a longo prazo. A ideia é que isso tudo possa fazer com que as pessoas que não têm hábito de leitura, possam vir a se tornar leitores de fato.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu já trabalhei no DEGASE como agente educador com menores infratores. Tenho facilidade para lidar com adolescente nesta situação. Isso facilitou a aproximação com os jovens de periferia, com trajetória de violência, de criar uma aproximação, um diálogo de confiança e reciprocidade.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Irajá.

Aluna DY – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como negra.

O que você está estudando no mestrado?

Estou fazendo um estudo sobre o modernismo e a antropofagia nos Tupinambás do Oswald de Andrade para vislumbrar uma outra forma de educar. Seria uma educação antropofágica. Então, eu pego também o livro de Mário de Andrade, o Macunaíma, que foi um dos livros que mais utilizou os recursos da antropofagia colocada pelo Oswald e eu falo de uma educação sem caráter, mas não num sentido de não ter... Não numa conotação moral, mas sem caráter de não ter uma característica fixa, sem rotular, sem identidade. Pensar numa educação de uma forma mais livre, mais ampla sem as relações que petrificam assim a relação aluno e professor, mais participa elementos de Macunaíma e da antropofagia do Oswald de Andrade e fazendo uma analogia com a antropofagia Tupinambá, que devorava o inimigo para pegar o que tinha de melhor do inimigo e para manter na memória. Aí eu pego essas analogias para falar de uma nova proposta educacional.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Eu entrei já no terceiro período de faculdade, entrei numa pesquisa desse meu orientador, o Maurício Rocha, e aí falava da ideia de cultura brasileira por vários elementos. Da cultura brasileira pelo cinema, pela literatura. Aí estudamos várias coisas e eu comecei a ler Macunaíma, vi o filme e tal. Ler o Mário de Andrade, ler a proposta dele quando escreveu esse livro, e aí minha monografia foi sobre Macunaíma e a proposta de uma pedagogia sem caráter, assim, né: transformação das ideias pedagógicas através do universo de Macunaíma foi mais ou menos isso, e aí eu peguei, fiz uma analogia do livro e da relação do professor com a sua própria formação. Parece meio louco, mas foi justamente por ter participado desse grupo de pesquisa, que fiquei do terceiro período até terminar e fazendo pesquisa sobre a cultura brasileira, o folclore e outras coisas mais.

Qual a sua cor?

Sempre digo que sou negra, mas as pessoas dizem que não, “Você é moreninha”. Parece que tem um medo de falar... Elas têm mais preconceito... E elas dizem “Você não é negra, não, você é moreninha, mestiça, parda.”

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Duque de Caxias.

Aluna FX – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

O que você está estudando no mestrado?

Meu trabalho eu já desenvolvia nas escolas que eu trabalho oficinas de mídias com os alunos. Primeiro foi impresso, fotografia, animação e agora estou trabalhando só com vídeo. Agora não, até o ano passado. Eu sou formada em Geografia, tenho formação na área de comunicação, mas é uma formação paralela, não é universitária, não. E aí, eu pensei em juntar as duas coisas, né, a mídia com a educação. Só que, quando eu comecei a fazer isso, ainda não existia esse campo muito definido. Eu comecei na década de 90. Justamente na década de 90 que esse campo começou a crescer e agora está mais definido. Então, fiz Pós-Graduação na PUC, que era exatamente em mídia e educação, que me confirmou tudo que eu tinha inventado com os alunos. E, de uns três anos para cá, as Secretarias de Educação têm visto as

atividades com coisas interessantes, importantes e elas têm apoiado. E aí, por conta disso, eu abri as oficinas. Eu tenho matrícula em Caxias e em Teresópolis, aí eu fazia isso. E procurando uma pós, achei esta que tem tudo a ver comigo, e estou aqui. Por enquanto o nome está “Produção Audiovisual Infanto-Juvenil como Processo Educativo”. Que é isso que eu estou agora analisando, observando, na verdade, aproveitando o grupo de crianças da escola aqui em Caxias que eu fiz a oficina no ano passado, mas esse ano eles queriam continuar e aí eu coloquei pra eles que agora eu estou estudando, estou fazendo uma pesquisa se eles não gostariam de participar dessa pesquisa e a forma de participação seria produzir outro vídeo. Estamos neste processo. Eu estou observando o processo.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Porque já estava dentro do meu caminho mesmo, era uma coisa que eu já praticava na escola e aí achei que valia a pena investir.

Qual a sua cor?

Quando me perguntaram no censo, eu disse que era parda, porque sou descendente de portugueses, de negros, de índios, e eu não queria fechar numa coisa somente. Eu não sou uma coisa só.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Fui moradora na minha infância, agora sou de Teresópolis. Viemos do Nordeste. Viemos morar na Baixada, depois fomos pra Jacarepaguá e agora Teresópolis.

Aluna GX – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

O que você está estudando no mestrado?

Sou arquiteta de formação. Fazia Arquitetura pela manhã e Pedagogia à noite. Eu voltei para a UERJ para fazer o mestrado em educação na perspectiva de envolver as duas coisas. A minha pesquisa é: cidades e o processo educativo, pesquisando o CIEPE e o bairro-escola, usando com exemplo dentro das periferias numa proposta que poderia ser carta das cidades educadoras, carta de Barcelona. Estou procurando, toda essa pesquisa dentro CIEPES e qual a proposta diferencial do bairro-escola. Proposta que trabalha espaços afetivos dentro da periferia, valorizar a educação na periferia, com esse processo de aprender na cidade. Cria outro espaço devido à falta de estrutura diferente da zona sul que tem infraestrutura, e na periferia usar o bairro e a cidade como lugar de aprendizado. A segunda parte da pesquisa estou fazendo escola, estou indo numa escola no município da região metropolitana da Baixada Fluminense, Nova Iguaçu, Nilópolis, Mesquita e São João, um CIEPE, para ver como está a questão de educação integral, quais são as propostas e como os alunos estão vendo isso, se tem outros interesses nos espaços em volta e para saber quais os outros espaços que eles estão tomando para o processo educativo. O que eles fazem fora da escola.

Como você chegou a este tema?

Queria fazer pesquisa interdisciplinar, juntar as duas coisas, o urbanismo dentro da área de arquitetura me motiva mais e a pedagogia e achei a carta das cidades educadoras.

Qual a sua cor?

Cor. Aparência é branca, para histórico familiar não caberia classificar porque todos nós somos miscigenados, minha família tem nordestinos, índios e negros.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

São João do Meriti

Aluna HX – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de pesquisa mestrado?

Pretendo pesquisar o currículo de formação de professores no pré-infantil. O pré-infantil é um programa de formação inicial, em nível médio, para professores da educação infantil que já estão em sala de aula, porém sem formação. A minha intenção é pesquisar este currículo. Sou tutora deste programa do município de Mesquita. Eu quero pesquisar o currículo e vou ter como foco o portfólio construído pelas cursistas durante o curso. Ele é composto de um memorial onde a cursista escreve sobre sua prática e seus estudos durante o curso. Tem o planejamento de uma aula, tem os registros das atividades, avaliação. O curso é semi-presencial, com duração de dois anos. Tem parceria entre o MEC, UFRJ, o Estado e o município.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Sempre gostei da área de formação de professores. Sou pedagoga e sempre trabalhei com educação infantil. Em 2009, fui convidada para ser Secretária de Educação de Mesquita. Saí de sala de aula e fui cedida para ser tutora do programa. Minha monografia da Graduação e da especialização foi dentro desta área também. Gosto muito desta área e é importante como estão sendo formados e para que estão sendo formados.

Qual a sua cor?

Cor? Eu sou branca, mas minha mãe é bem loira e meu pai é mulato.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não. Moro em Madureira. Trabalho na Baixada, minha vida é toda na Baixada e gosto muito daqui. Sou professora de Nova Iguaçu e Mesquita.

Aluna AW – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Estou fazendo mestrado na UERJ e minha pesquisa é sobre a SOPA. É uma Sociedade de Professores Pesquisadores em Alfabetização aqui na Baixada Fluminense. O título do meu trabalho é “Cartografias da SOPA: micropolítica da auto-formação docente em alfabetização”.

Como chegou a este tema de pesquisa?

Nós começamos com a SOPA em 2005, E começamos com a SOPA porque, antes da SOPA, nós tínhamos o PROFA - Programa de Professores Alfabetizadores. E antes do PROFA, nós não conseguíamos fazer nossos alunos ler e escrever. Era uma angústia muito grande, era busca muito grande. A gente, quando eu falo a gente, somos nós da SOPA, embora tenha muita gente que tenha passado pela mesma coisa, mas a gente estava na sala de aula completamente perdido, sem saber o que fazer. Como ensinar todos os nossos alunos é uma angústia muito grande, daí nós buscávamos a nossa formação continuada, e elas eram muito boas, mas não conseguia que a gente mudasse nossa prática de sala de aula, no cotidiano escolar. Ela não se traduzia no cotidiano escolar. E quando nós fizemos o PROFA, foi assim uma descoberta, uma redescoberta pra gente. Foi como conhecer um outro mundo em alfabetização, em processo de ensino-aprendizagem, diferente de tudo o que a gente já tinha visto. E era ao mesmo tempo tão real, quase óbvio, porque que nós não tínhamos visto isso e daí depois não conseguíamos mais parar de aprender. E como não tinha institucionalmente alguma coisa que atendesse às nossas expectativas, depois do PROFA, nós tentamos ficar juntas estudando dentro da própria rede onde a gente trabalha, a maioria de nós, que é a rede municipal de Duque de Caxias e aí conseguimos ficar estudando em um projeto de professor para professor, um convite ao trabalho cooperativo. Daí, com a mudança de governo, mandaram a gente para as escolas de novo e a gente ficou cada um no seu canto de novo, fomos irremediavelmente separadas pela SME de Duque de Caxias. Aí nós tivemos que montar nosso próprio espaço e tempo de estudo. Continuar nossos estudos a partir do PROFA. Aí nós estudamos a alfabetização a partir de textos, desde 2005. Eu sou graduada em Pedagogia. Mestrado em Educação.

Qual a sua Cor?

Sempre me defini como negra. Não gosto de ser chamada de afrodescendente, porque eu não vejo as pessoas dizendo que são eurodescendentes, então eu também não tenho que dizer que sou afrodescendente. Não sei, tem umas coisas que eu fico pensando, eu gosto de ser brasileira, sabe, com todos os seus matizes. Por último, o que me deixou satisfeita foi uma música dos Titãs que diz: “Somos o que somos inclassificáveis. Que preto, que branco, que índio o quê! Somos o que somos inclassificáveis”. Sabe, não dá mais pra ficar classificando. E afrodescendete só para mim é pouco, eu quero ser brasileira, sabe, e é por aí.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Moradora de Magé. Às vezes é considerado Baixada Fluminense, às vezes não. Mas, acho que é Baixada. Nasci e moro lá até hoje, não pretendo sair. Trabalho em Duque de Caxias. Adoro Duque de Caxias, também. Eu gosto da Baixada. Eu me sinto da Baixada, me sinto negra não classificada. Talvez híbrida, não sei. Como estou estudando agora o hibridismo, acho que a gente é muito híbrido. Acho que é essa a palavra de ordem.

Aluna BW – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Estou estudando juventude e políticas públicas, em especial, o Projovem Urbano. Eu vou trabalhar entrevistando jovens egressos do programa, tentando perceber de que forma ter participado do programa contribuiu ou não para alterar a vivência da condição juvenil deste jovem.

Como chegou a este tema de pesquisa?

Eu trabalhei no Projovem durante quatro anos, primeiro como coordenadora pedagógica. Eu sou professora da rede estadual. Sempre trabalhei com educação. Trabalho com projetos de intervenção. Já tinha uma trajetória nesta área, então fui trabalhar no Projovem, como coordenadora pedagógica, implantando o programa. Coordenei a área de Guadalupe, eram 1200 alunos, 56 professores e dois anos depois eu fui convidada para fazer a formação dos professores do Projovem. Então, eu convivi com o programa durante quatro anos, com os seus dilemas e suas possibilidades. E, a partir dessas vivências, as questões foram aparecendo. Minha formação é História na UFRJ.

Qual a sua cor?

Branca.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Não. Moro no Meier.

Aluna WC – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como parda.

Qual seu tema de estudo de mestrado?

Meu tema é sobre políticas públicas, gestão e currículo. Eu vou falar sobre o Programa Bairro-Escola em Nova Iguaçu. Estou estudando políticas públicas, sobre o programa de educação integral, sobre currículo e todo o contexto que tem a ver com a minha pesquisa. Em relação ao curso do mestrado, tenho estudado sobre metodologia científica, metodologia de pesquisa e as matérias específicas do programa, obrigatórias como, por exemplo, Periferias Urbanas e as eletivas a gente que escolhe.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Porque a minha escolha vem de um estudo que fiz na pós-graduação, da monografia da pós e resolvi dar continuidade nesta temática. Só que eu tinha falado do Bairro-Escola num âmbito geral, agora eu me especifiquei na gestão, mesmo. A pós foi em Currículo e Prática Docente e a Graduação foi Pedagogia na UERJ.

Qual a sua cor?

Parda.

Você é moradora da Baixada Fluminense.

Nova Iguaçu, na Baixada.

Aluna GW – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-a como negra.

Qual o tema de pesquisa de mestrado?

Linha de pesquisa na área de educação. Quero estudar o lugar do letramento no ensino normal. Uma vez que o letramento surge como possibilidade para tentar minimizar todas as deficiências em relação ao baixo aproveitamento, escrita e leitura. Então, o que é o letramento e como os professores, oriundos do curso normal, como eles estão sendo preparados e o que eles estão sabendo sobre letramento. A gente já pesquisou que a formação na academia é muito corrente, existe até na pedagogia uma disciplina sobre letramento, existe o Pró-Letramento, do MEC, mas a gente percebe que existe pouco material voltado para o normal. Existe toda aquela problemática da extinção do curso, das leis e os pareceres todos, né, mas o fato é que eles estão nas escolas e Caxias nós temos cinco escolas, uma que é aqui no primeiro distrito, que é o Instituto de Educação Governador Roberto Silveira, no segundo distrito que é o Grambel, duas no terceiro, inclusive, esquina a esquina e uma em Xerém. Todas cheias, com pouca evasão. Porque, normalmente, o aluno normal, quando ele sai para trabalhar, normalmente, ele pega classe de alfabetização. O recém-formado que vai pra classe de alfabetização e a proposta é saber através ementas das disciplinas, dos referenciais curriculares, o que está sendo ensinado sobre letramento. Então, a proposta é essa. A gente ainda está organizando toda esta ideia. Agora a gente apresentou essa ideia nesse seminário e a gente tem uma qualificação em março que é quando a gente vai, realmente, ir a campo pra conversar com essas meninas, com os professores e com os coordenadores. Enfim, a proposta é essa.

Como chegou a este tema de pesquisa?

Sou professora de disciplinas pedagógicas do ensino normal. Então o curso normal sempre me chamou muita atenção, em função também dessa coisa da extinção, aí fica: “Ah, tá acabando...” E vai se deixando meio de lado. E, por isso, me chama muita atenção aqui porque a demanda é muito grande. Então, essa escola que eu trabalhei em Primavera, existe o ensino médio regular e existe o normal e assim, no primeiro ano, três turmas, no segundo ano duas turmas, com turmas lotadas. Então é uma demanda muito grande e eu fico muito preocupado como tem sido feita essa formação. A gente sabe que problema de formação do professor é muito sério. Eu estava lá dentro e observando as meninas, nada muito sistemático, mas a gente conversa com os alunos e aí eu comecei a pensar. Nessa época, eu fazia a especialização aqui em currículo, e conversava com a minha professora Amélia e a linha dela é letramento. Ela me disse que podia unir essas duas ideias. Como acontece? Existe disciplina que fala sobre alfabetização, mas o que é que a gente tem? A gente podia dar uma olhada nisso. Assim montei o projeto para o mestrado e consegui passar. Agora estou doida para ir a campo pra saber como é que as coisas acontecem. Nesse momento, estou lendo muito sobre

letramento e sobre a história da formação de professores no Brasil. Basicamente no que é que tenho me guiado como referencial teórico. Tem núcleos importantes como a Magda Soares, a Ângela Kleiman e instituições de nível superior, então a gente tem a UNICAMP com um instituto importante, a PUC de São Paulo. Mas, sempre o letramento voltado para o nível superior e a minha pergunta é no nível normal, acontece ou não?

Qual a sua cor?

Sou negra. Eu digo muito a meus alunos, imagina gorda, míope e preta. Aí eles morrem de rir. Porque eu acho que é importante a minha raiz, a minha negritude é muito próxima, é de meu avô e eu não tenho problema nenhum em relação a isso. A minha filha é uma morena muito bem trabalhada, por pouco não a conheceu, ela acabou de sair daqui. Eu não tenho problema em relação a isso. Também não acho que isso tenha me atrapalhado, não. Eu nunca tive nada constrangedor. Eu sou muito mais constrangida pela obesidade do que pela minha cor. Mas eu tenho uma identidade muito bem resolvida. As pessoas dizem “Você não é preta não, é morena”. Eu digo para elas: “Ah, olha bem para mim, da uma pesquisada no estereótipo”. E é muito interessante os alunos tentando, né... Eles ainda buscam uma identidade e é muito difícil pra muitos deles, é de fato muito difícil, mas eu lido bem com isso.

Você é moradora da Baixada Fluminense?

Eu morava aqui na esquina da FEBERJ de... meu marido tinha um sonho de morar em Cabo Frio, a gente tem uma casa lá. E no ano que eu passei no mestrado foi o ano que ele decidiu ir morar em Cabo Frio. Na verdade, eu sou raiz fincada aqui, né. Nós levamos a matrícula do Estado e hoje moro em Cabo Frio. Mas minha família e minha vida inteira nascida e criada em Caxias. Hoje, eu não sou moradora da Baixada, mas sou Baixada. Estou em fase de adaptação lá, meu marido está bem adaptado. Eu não estou. Meus estudos, minha família, minha pesquisa, está tudo aqui. Muito importante o mestrado para mim porque é um sonho que vem comigo durante muitos anos, mas eu me considero moradora da Baixada Fluminense.

Aluna NW – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual seu tema de pesquisa de mestrado?

Grosso modo, meu tema é a concepção dos professores em relação ao ensino da história da África e cultura afro-brasileira no ensino básico. Identificar, no município de Niterói, quais são os regimes colaborativos que envolvam a questão etnicorracial pra atender a lei 10639. Não tem nada em campo, somente as pesquisas bibliográficas.

Como você chegou a este tema?

Quando cursei Educação Física na Estácio de Sá, eu comecei a achar meio estranho e não normal, estar numa universidade com poucos negros, e ainda tinha uma namorada negra que discutia a questão etnicorracial numa Pós-Graduação, e depois tive uma outra namorada que era militante em Niterói e as ideias dela, na verdade, me influenciaram. Tive um insight do reconhecimento da minha negritude. Quando me formei, fiz um curso de Pós-Graduação

na Cândido Mendes sobre cultura afro-brasileira e depois comecei a seguir este caminho como posição política e o desejo de conhecer mais a cultura negra e a história da África. Não somente como profissional, mas, como disse, uma opção política.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Niterói.

Aluna OW – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Tenho que entregar em março. Minha dissertação fala sobre a questão do negro e da educação. A princípio, tentei fazer um resumo histórico do negro no Brasil. Achei alguma dificuldade de encontrar meu objetivo. Estou vendo hoje a questão dos regressos das cotas dos negros na UERJ. As pessoas que entraram desde 2003 e hoje estão formadas, existe uma pesquisa sobre essas pessoas na UERJ e eu estou fazendo minha pesquisa sobre essas pesquisas que estão sendo realizadas. O que elas estão fazendo? Se estão empregadas... O título hoje é “Educação e Cidadania: as cotas incluem ou excluem no caso dos alunos regressos da UERJ”.

Como você chegou a este tema?

Questão pessoal, a gente começa a ver. Sou negro, pobre, filho de mãe sozinha. Minha história de ensino foi muito difícil. Quando se tem um pensamento crítico sobre essas coisas, você fica se questionando o tempo inteiro. Resolvi pesquisar, na minha Graduação que é em Sociologia. Todos os doutores são brancos. Não vejo os negros. É um número reduzido de negros na academia.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Infelizmente não. Moro em Madureira.

Aluna PX – Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas – Mestrado

Vejo-o como negro.

Qual o seu tema de pesquisa de mestrado?

Na verdade o que estou estudando é uma continuação do que fazia na Graduação e na Pós-Graduação, a presença dos homens no ensino de primeira à quarta série. A presença do gênero masculino nas séries iniciais e na educação infantil. Quais os dispositivos que os homens precisam ter para atuar neste segmento. Já que, reconhecidamente, as mulheres são majoritárias e elas têm códigos mais estruturados como amor, vocação, dom. Quando eu comecei a fazer essa pesquisa na Graduação, percebi que os homens não tinham muito definido, devido ao preconceito, o questionamento sobre sua sexualidade. No mestrado, é saber se eles detêm estes dispositivos e até que ponto eles são importantes ou não.

Como você chegou a este tema de pesquisa?

Estudei aqui na UERJ e fiz Licenciatura em Pedagogia. Quando cheguei ao grupo de pesquisa do professor Henrique Sobreira, o meu objetivo era estudar a feminização ao magistério. Como já tinha muita pesquisa, ele me sugeriu estudar a volta dos homens ao magistério e as terras iniciais. Historicamente, os homens são os primeiros ao mercado e depois que a mulher veio ocupar este local. Eu de certa maneira ia refletir sobre meu futuro profissional. De certa forma, eu ia estudar um pouco sobre meu trabalho e meu lugar, já que formei em Pedagogia.

Qual a sua cor?

Negro.

Você é morador da Baixada Fluminense?

Não moro na Baixada, moro em Anchieta. Sou quase da Baixada, porque Anchieta é um bairro dormitório, então tudo que preciso é em Nilópolis: médico, curso, minha Graduação, tudo que preciso resolver é na Baixada.

ANEXO II - Tabelas Quantitativas por Curso

ENGENHARIA DE ALIMENTOS		2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO		18	17	16	51
ALUNOS DOUTORADO		6	6	9	21
ALUNOS NEGROS MESTRADO		2	0	6	8
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		1	0	3	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		1	0	3	4
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		0	0	2	2
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS		0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO MULHERES		0	0	2	2
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		0	0	6	6
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		0	0	3	3
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES		0	0	3	3
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS		0	0	0	0
ALUNOS NAO CONCLUIU BRANCOS		0	0	0	0
AGRICULTURA ORGÂNICA		2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO		NAO TEM	NAO TEM	20	20
ALUNOS DOUTORADO		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO		NAO TEM	NAO TEM	2	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		NAO TEM	NAO TEM	2	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES		NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO		NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS		NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS		NAO TEM	NAO TEM	0	0
CIÊNCIA DO SOLO		2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO		13	15	19	47
ALUNOS DOUTORADO		9	15	6	30
ALUNOS NEGROS MESTRADO		1	4	4	9
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		0	3	2	5

ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	1	1	2	4
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	0	0	0	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	0	2	3	
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	1	2	3
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	1	1	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	2	0	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	2	0	0	2
INOVAÇÃO AGROPECUÁRIA - BINACIONAL	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	6	17	23
ALUNOS NEGROS MESTRADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	2	1	3
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	1	1	2
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	1	0	1
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	NAO TEM	1	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	NAO TEM	1	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	NAO TEM	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	NAO TEM	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	NAO TEM	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	NAO TEM	0	0	0
FITOTECNIA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	14	12	11	37
ALUNOS DOUTORADO	8	9	4	21
ALUNOS NEGROS MESTRADO	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	1	2	0	3
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	0	1	0	1
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	1	1	0	2
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	1	0	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	0	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	1	0	0	1

ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	1	1	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	1	1	0	2
ENGENHARIA QUÍMICA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	14	9	25	48
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	1	2	2	5
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	0	1	2	3
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	1	1	0	2
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	0	1	2	3
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	0	2	2
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	1	0	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	9	3	8	20
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	3	1	5	9
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	6	2	3	11
MEDICINA VETERINÁRIA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	4	16	19	39
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	1	2	0	3
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	1	2	0	3
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	1	0	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	1	0	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0	0
HISTÓRIA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	15	10	17	42
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	3	2	4	9

ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	2	0	0	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	1	2	4	7
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	1	1	3	5
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	0	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	1	1	3	5
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	2	0	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	2	0	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0	0
FISIOLOGIA ANIMAL	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	NAO TEM	NAO TEM	7	7
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	2	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO	NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	1	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	NAO TEM	NAO TEM	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	NAO TEM	NAO TEM	0	0
QUÍMICA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	8	10	9	27
ALUNOS DOUTORADO	3	11	6	20
ALUNOS NEGROS MESTRADO	1	3	0	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	0	3	0	3
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	1	0	0	1
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	1	2	0	3
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	0	0	0	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	1	2	0	3

ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	1	4	0	5
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	3	0	3
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	1	1	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	1	4	1	6
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	1	2	0	3
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	2	1	3
GESTÃO DE NEGÓCIOS	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	25	20	16	61
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	2	2	0	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	2	2	0	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	1	1	0	2
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	1	1	0	2
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	7	3	0	10
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	2	1	0	3
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	5	2	0	7
EDUCAÇÃO AGRICOLA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	71	73	70	214
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	5	2	4	11
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	2	2	1	5
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	3	0	3	6
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	0	0	2	2
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	0	1	1
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	0	1	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	1	0	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	1	0	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0	0
FLORESTA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	9	23	24	56

ALUNOS DOUTORADO		9	9	11	29
ALUNOS NEGROS MESTRADO		6	6	4	16
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		4	1	1	6
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		2	5	3	10
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		1	0	3	4
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS		1	0	1	2
ALUNOS NEGROS DOUTORADO MULHERES		0	0	2	2
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		0	4	6	10
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		0	1	1	2
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES		0	3	5	8
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO		2	0	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS		2	0	0	2
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS		0	0	0	0
ZOOTECNIA		2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO		22	20	16	58
ALUNOS DOUTORADO		NAO TEM	8	5	13
ALUNOS NEGROS MESTRADO		5	1	1	7
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		4	0	0	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		1	1	1	3
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		NAO TEM	1	0	1
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS		NAO TEM	0	0	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES		NAO TEM	1	0	1
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		0	0	1	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		0	0	0	0
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES		0	0	1	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS		0	0	0	0
BIOLOGIA ANIMAL		2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO		9	17	11	37
ALUNOS DOUTORADO		10	3	6	19
ALUNOS NEGROS MESTRADO		0	1	1	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		0	1	0	1
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		0	0	1	1
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		0	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS		0	0	0	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES		0	0	0	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		0	1	0	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		0	0	0	0

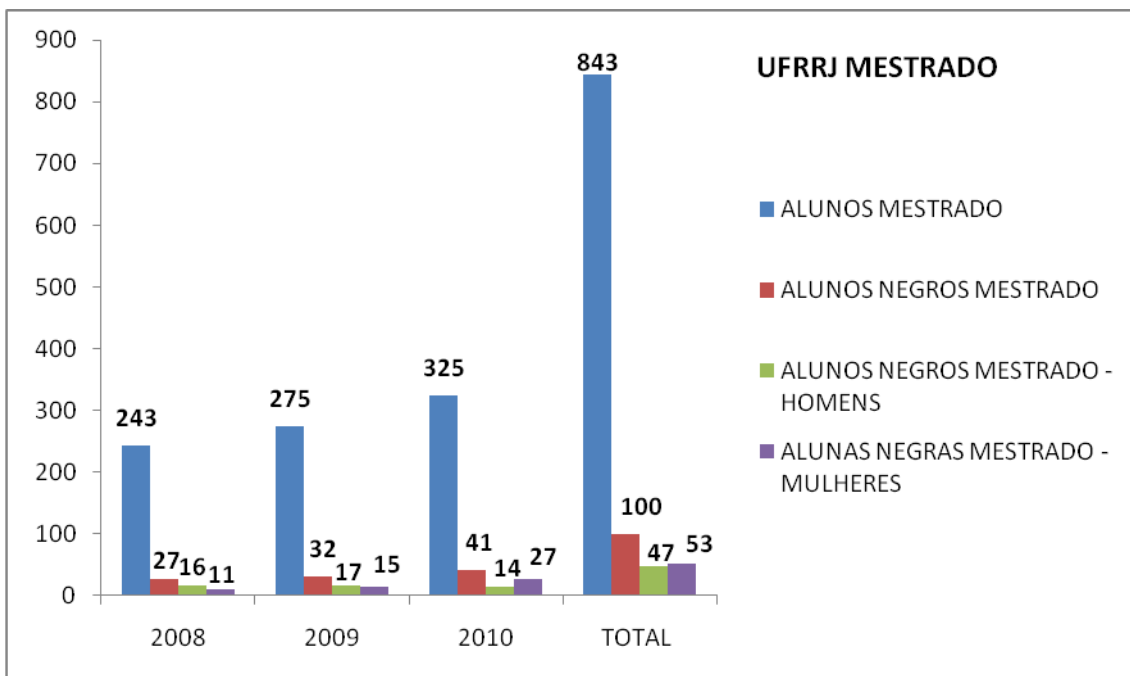
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	1	0	1
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0	0
CIÊNCIA VETERINÁRIA	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	17	21	22	60
ALUNOS DOUTORADO	14	24	23	61
ALUNOS NEGROS MESTRADO	0	2	2	4
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	0	1	1	2
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	0	1	1	2
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	0	2	0	2
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	0	1	0	1
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	0	1	0	1
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	0	4	2	6
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	0	2	1	3
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	0	2	1	3
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0	0
EDUCAÇÃO, CONTEXTOS CONTEMPORÂNEOS E DEMANDAS POPULARES	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	NAO TEM	10	19	29
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	NAO TEM	5	9	14
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	NAO TEM	1	2	3
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	NAO TEM	4	7	11
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	NAO TEM	5	10	15
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	NAO TEM	1	2	3
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	NAO TEM	4	8	12
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	NAO TEM	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	NAO TEM	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	NAO TEM	0	0	0
FITOSSANIDADE.	2008	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	4	2	4	10

ALUNOS DOUTORADO		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO		0	0	1	1
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS		0	0	0	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES		0	0	1	1
ALUNOS NEGROS DOUTORADO		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMEM		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO MULHER		NAO TEM	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS		0	0	1	1
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS		0	0	1	1
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS		0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS		0	0	0	0

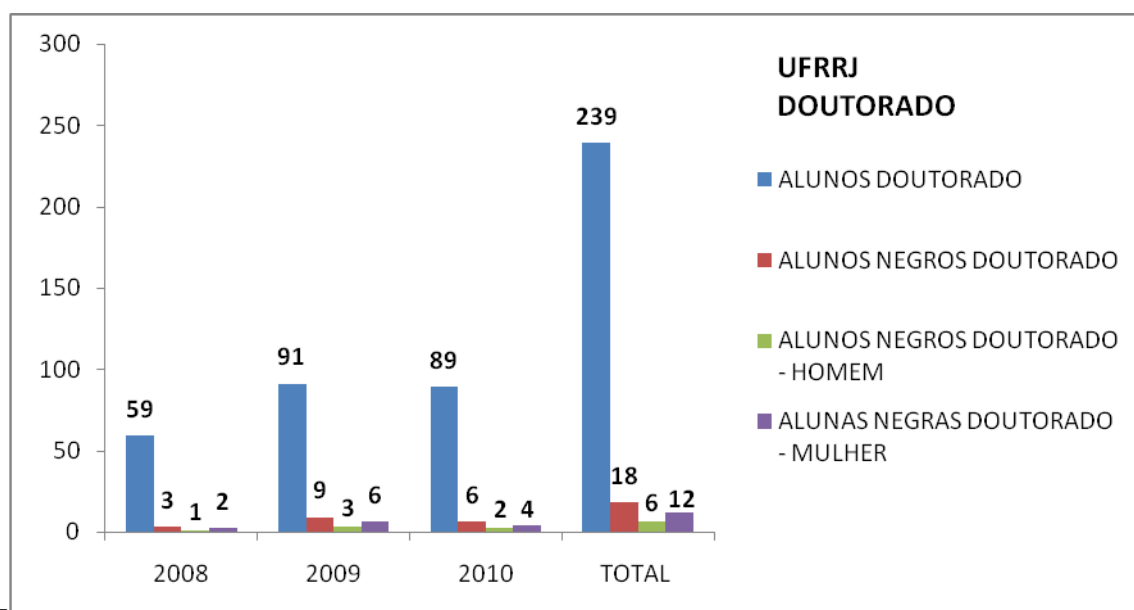
PERIFERIAs URBANAS (UERJ)	2009	2010	TOTAL GERAL
ALUNOS MESTRADO	19	22	41
ALUNOS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS MESTRADO	12	16	28
ALUNOS NEGROS MESTRADO HOMENS	5	6	11
ALUNOS NEGROS MESTRADO MULHERES	7	10	17
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO HOMENS	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNO NEGROS DOUTORADO MULHERES	NAO TEM	NAO TEM	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	5	11	16
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	3	5
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	3	8	11
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0

ANEXO III – Gráficos: Mestrado e Doutorado por Universidade

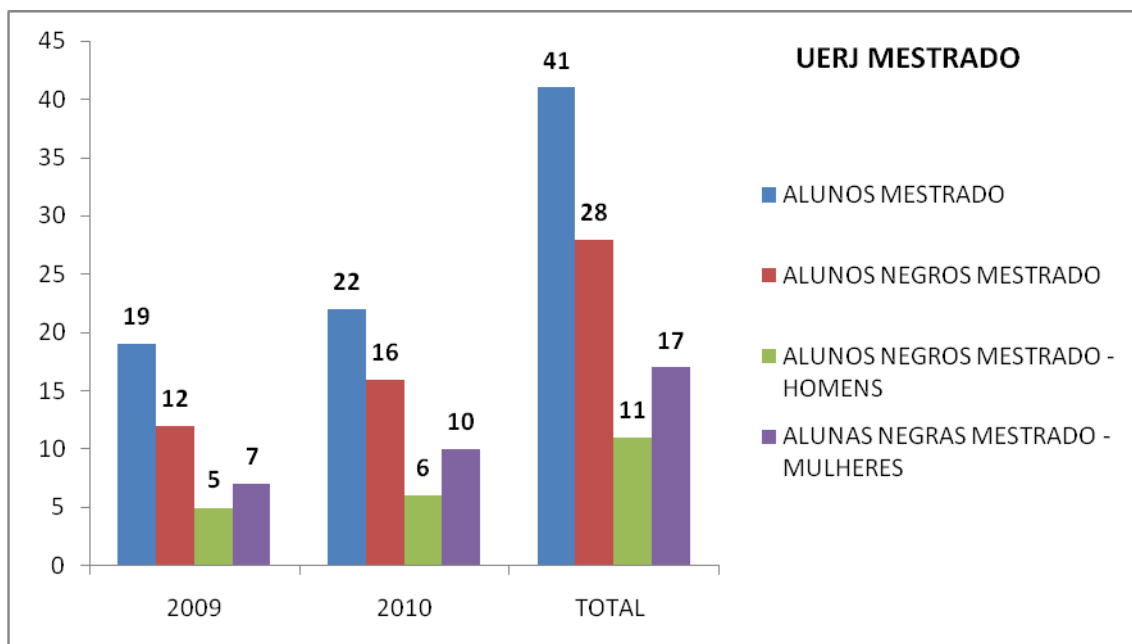
C1 – UFRRJ - MESTRADO



C2 - UFRRJ – DOUTORADO

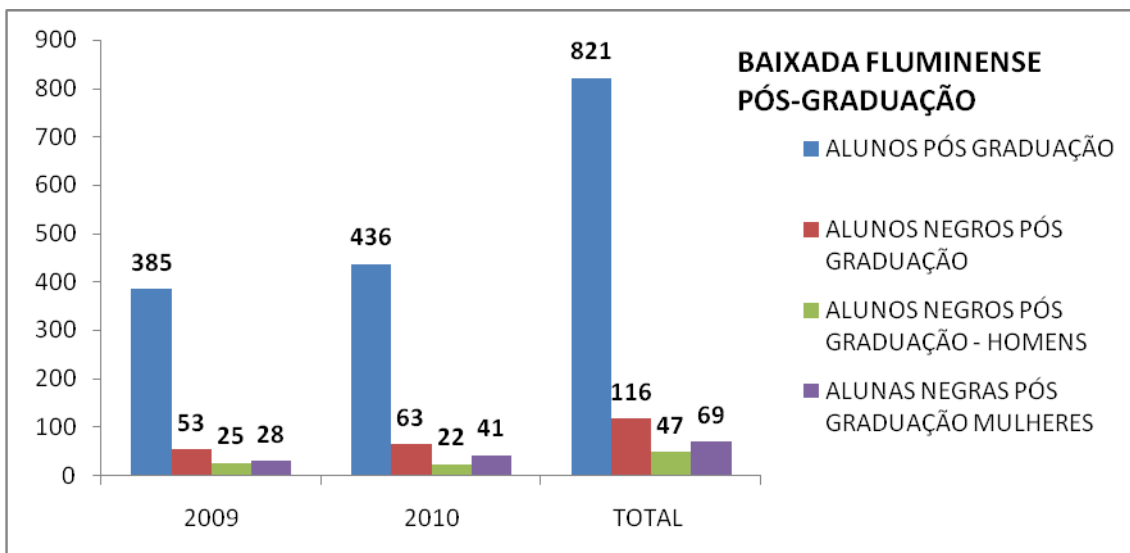


C3 – UERJ - MESTRADO

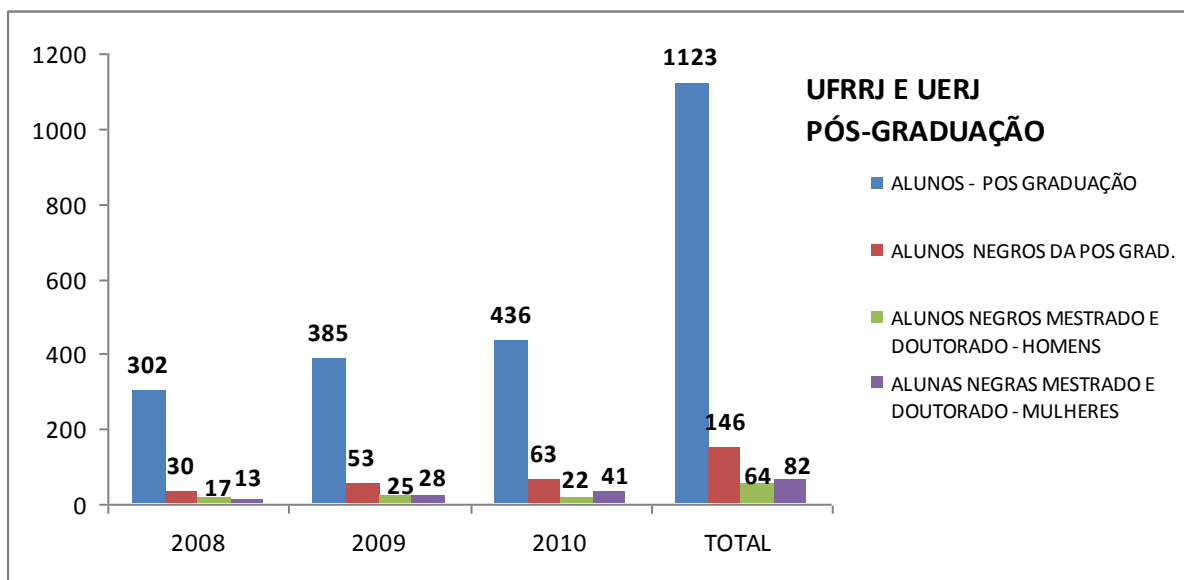


ANEXO IV – Gráficos: Total de Pós-Graduação

D1 – BAIXADA FLUMIONENSE – PÓS GRADUAÇÃO



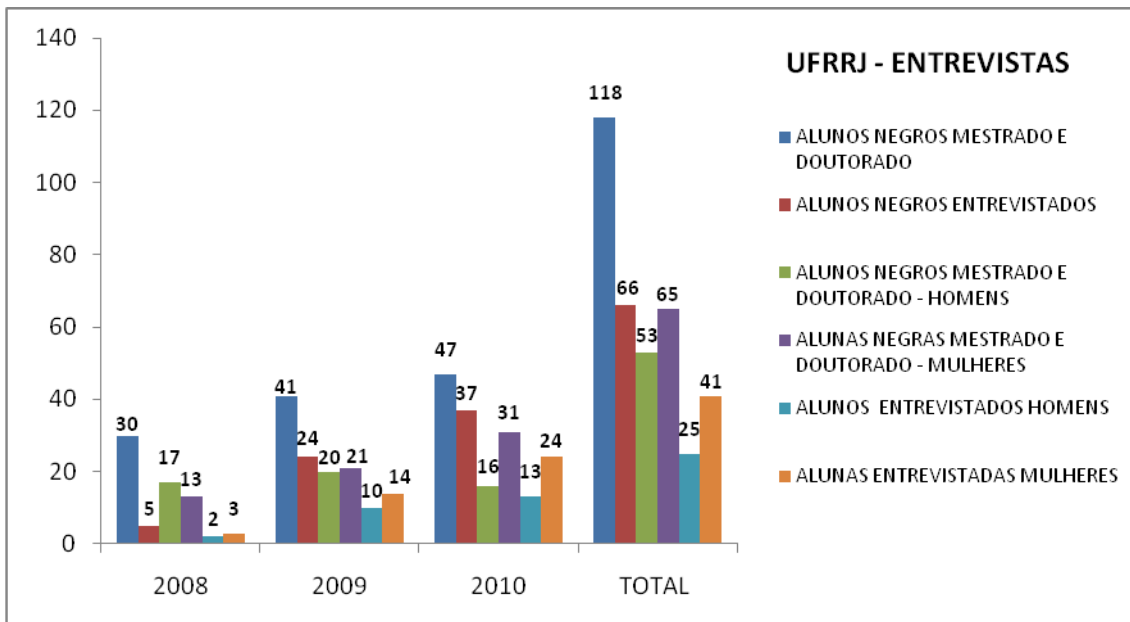
D2 – UFRRJ E UERJ PÓS GRADUAÇÃO



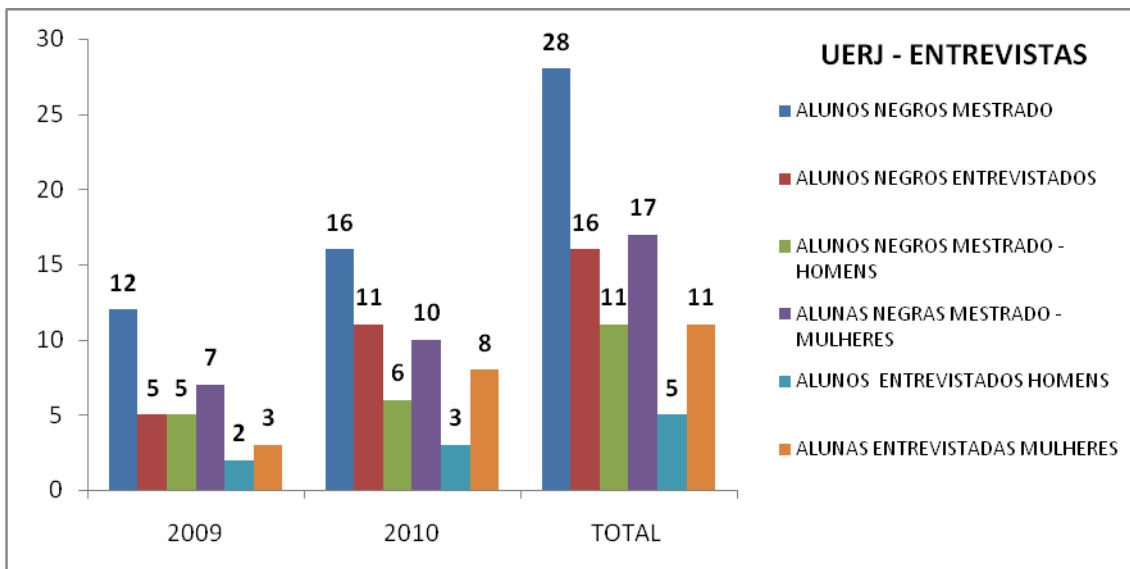
* Não estão inclusos os dados da turma de 2008 da UERJ.

ANEXO V- Gráficos das Entrevistas

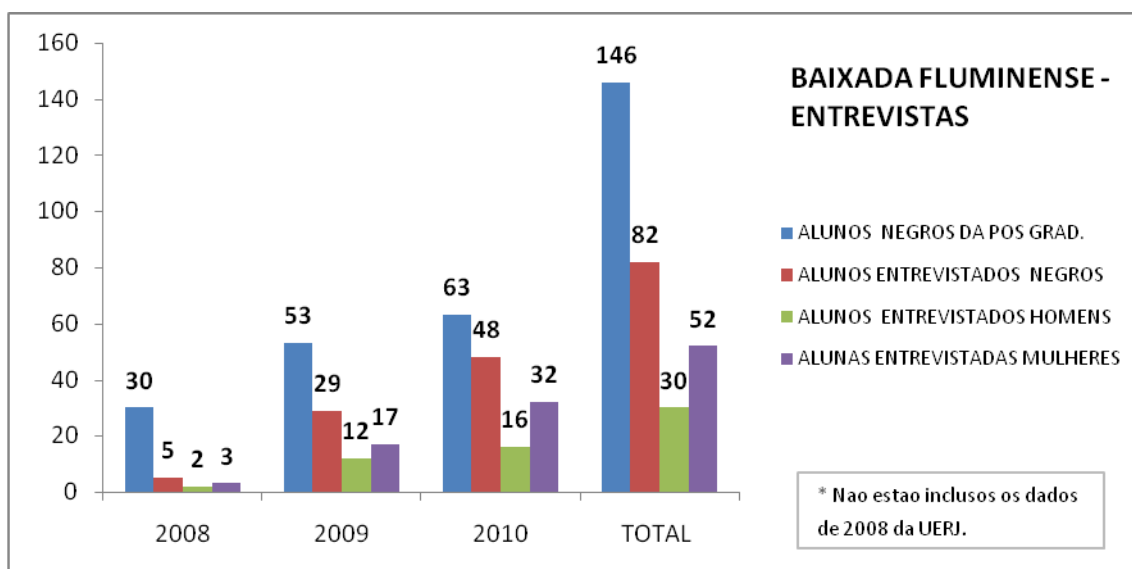
E1 – UFRRJ - ENTREVISTAS



E2 – UERJ - ENTREVISTAS

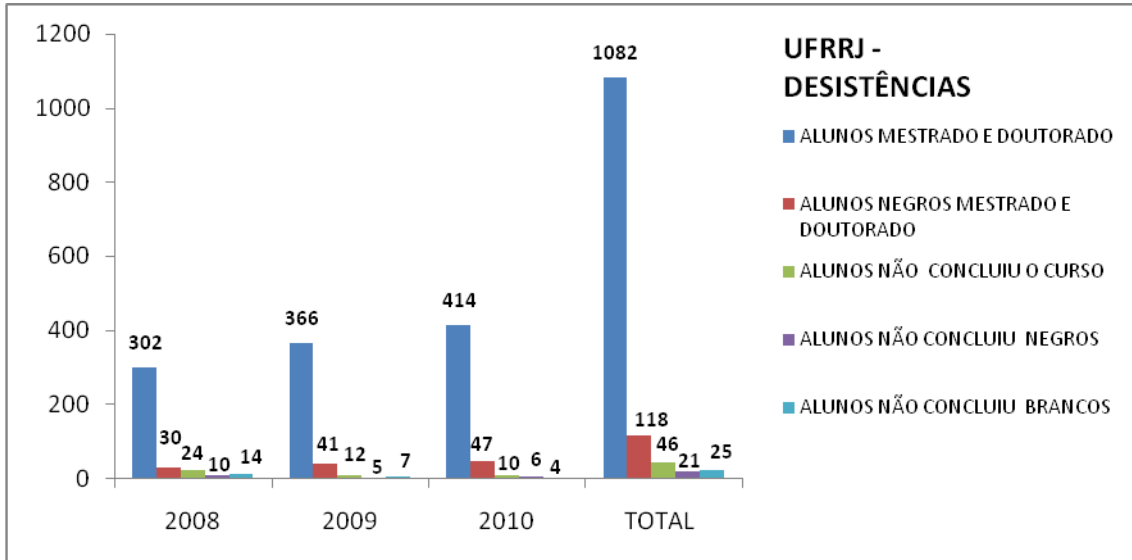


E3 – BAIXADA FLUMINENSE - ENTREVISTAS

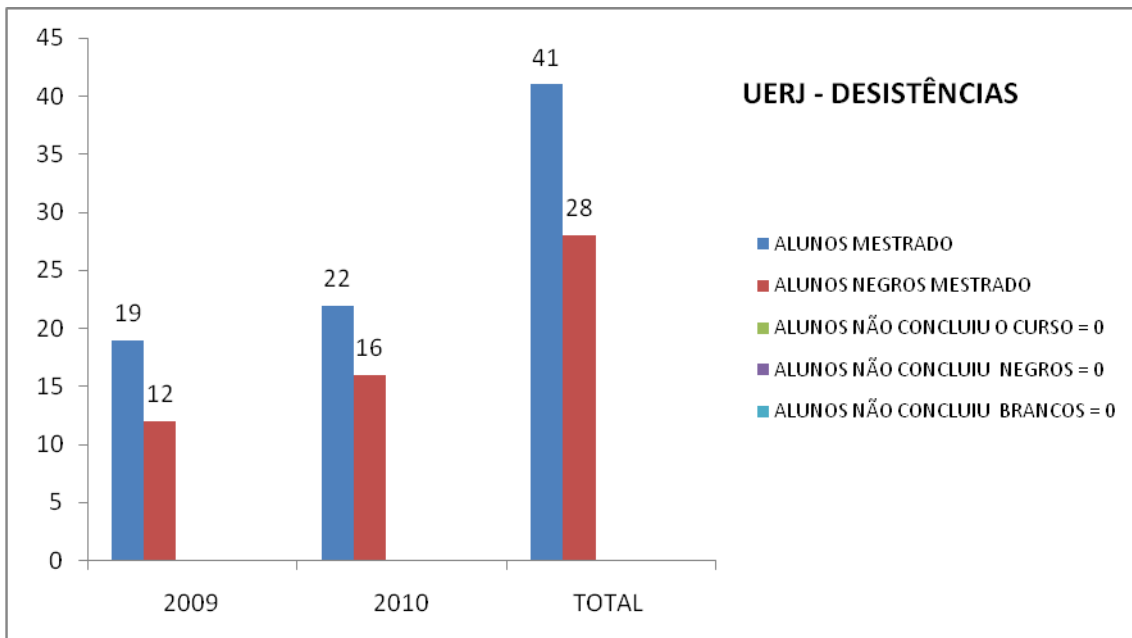


ANEXO VI – Gráficos das Desistências

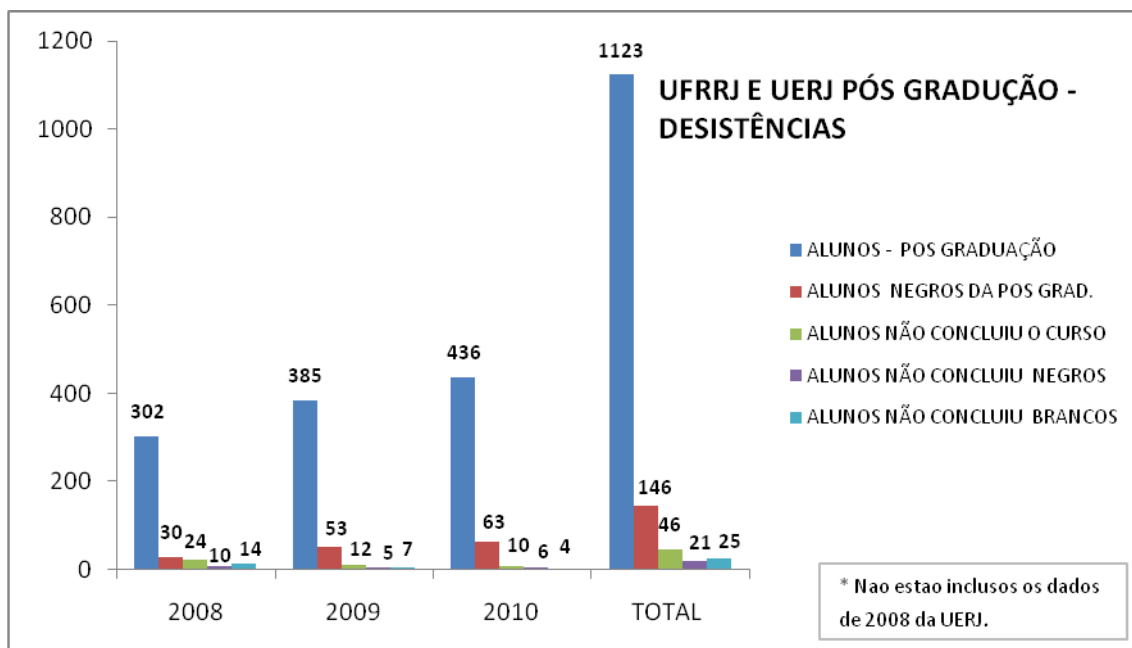
F1 – UFRRJ - DESISTÊNCIA



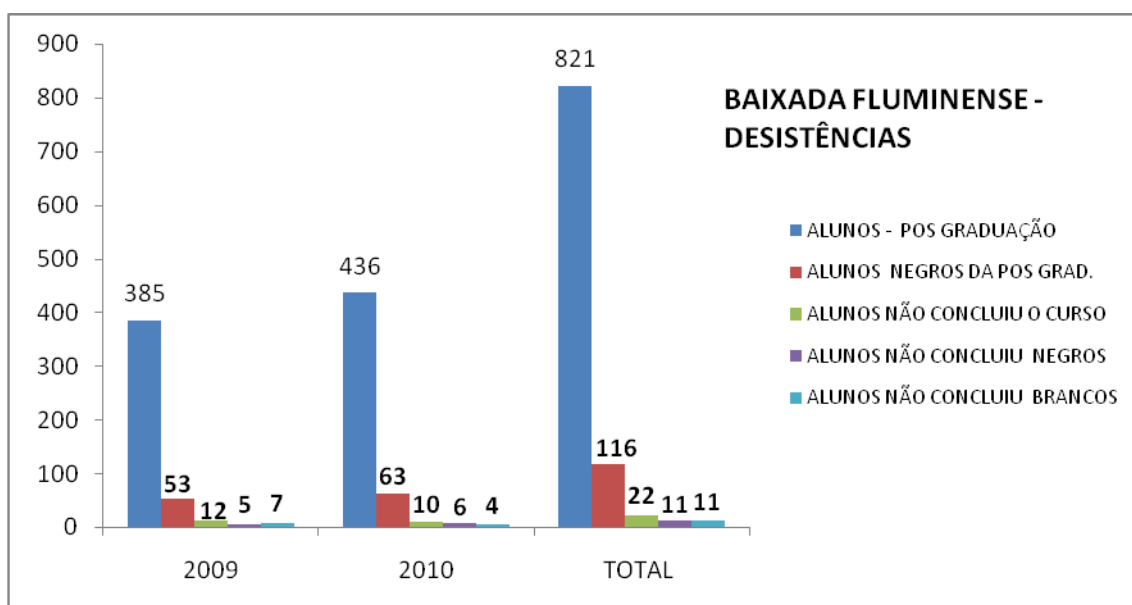
F2 – UERJ - DESISTÊNCIAS



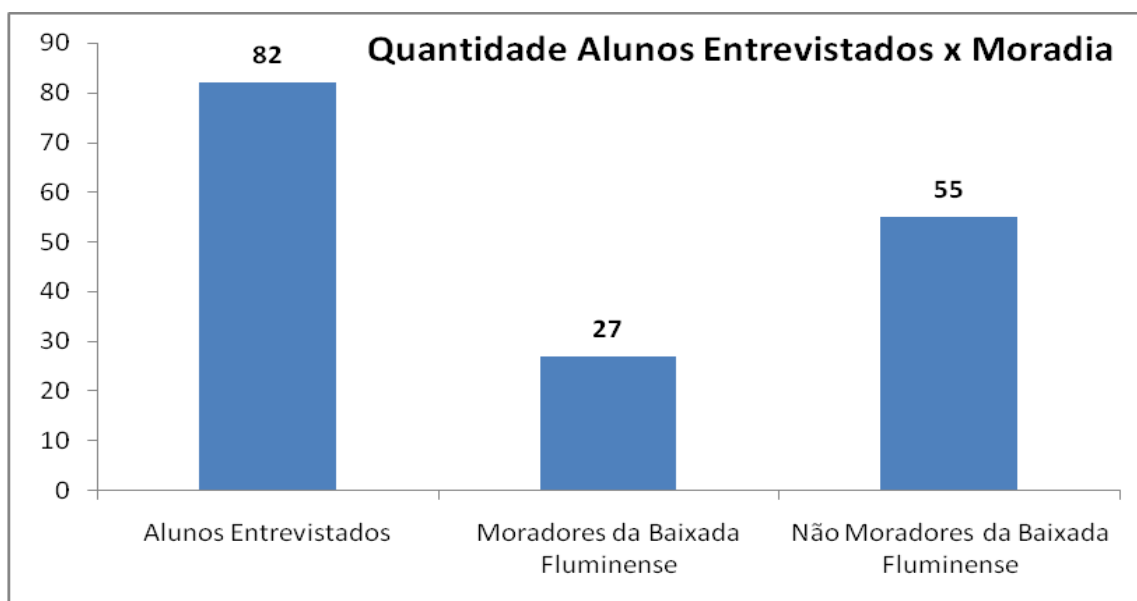
F3 – UFRRJ E UERJ PÓS GRADUAÇÃO - DESISTÊNCIA



F4 – BAIXADA FLUMINENSE - DESISTÊNCIA

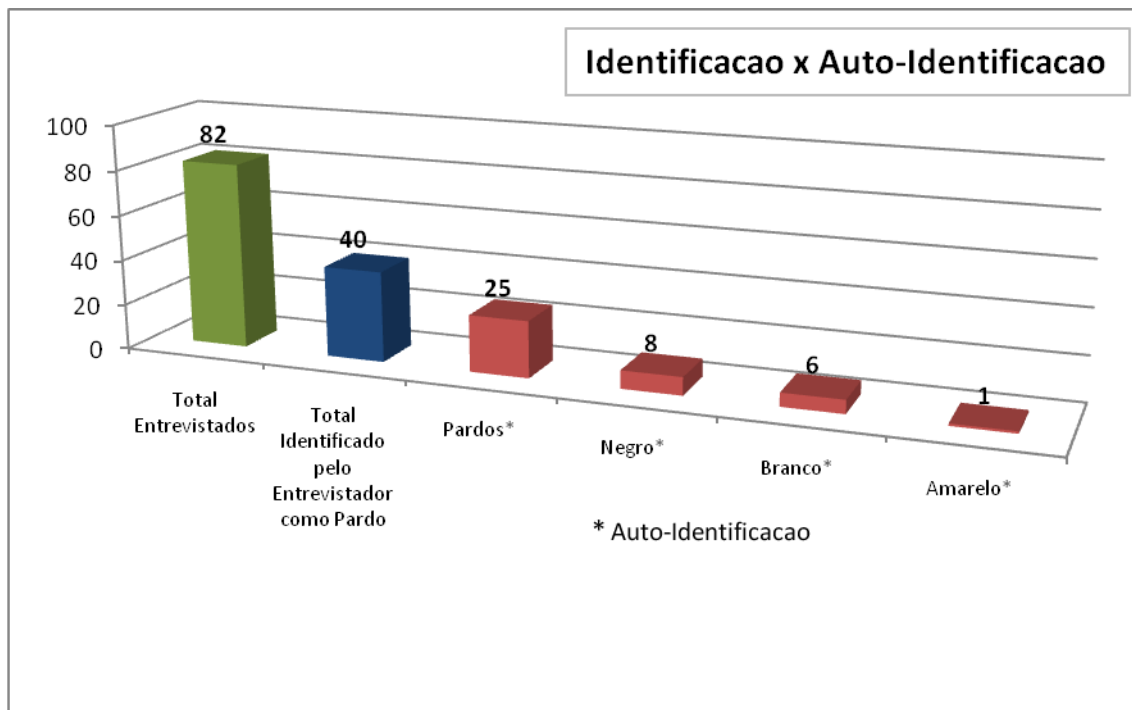


ANEXO VII – Gráfico de Moradia

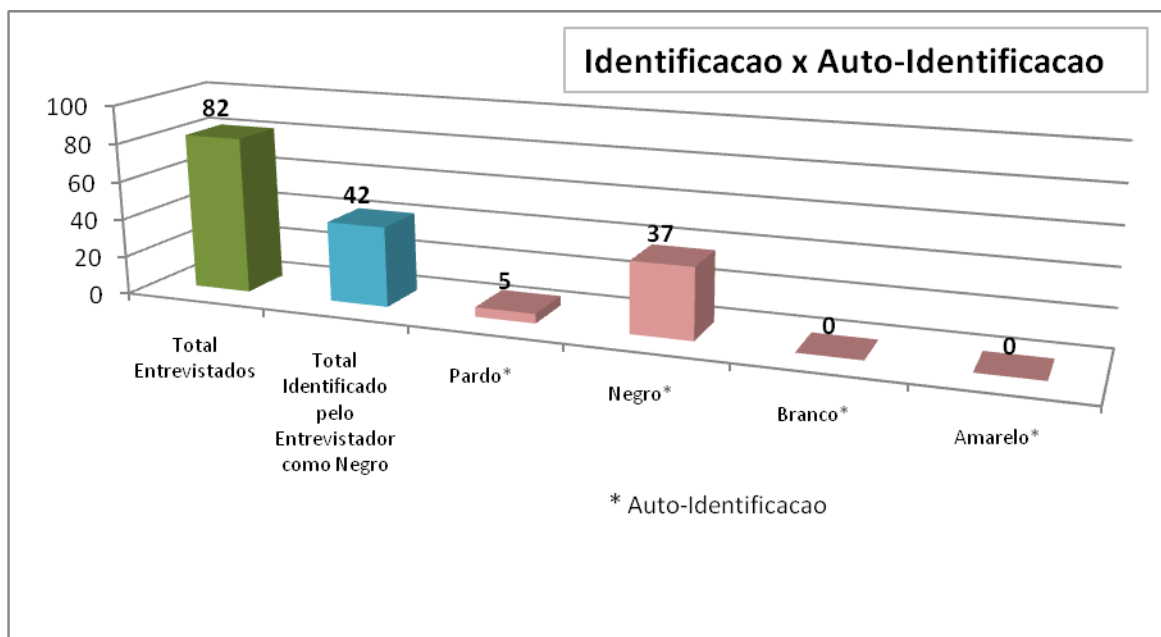


ANEXO VIII – Gráficos de Identificação e Autoidentificação

H1 – IDENTIFICADOS COMO PARDOS



H2 – IDENTIFICADOS COMO NEGROS



ANEXO XIX – Dados Quantitativos

UFRRJ	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS MESTRADO	243	275	325	843
ALUNOS NEGROS MESTRADO	27	32	41	100
ALUNOS NEGROS MESTRADO - HOMENS	16	17	14	47
ALUNAS NEGROS MESTRADO - MULHERES	11	15	27	53
UFRRJ	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS DOUTORADO	59	91	89	239
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	3	9	6	18
ALUNOS NEGROS DOUTORADO - HOMENS	1	3	2	6
ALUNAS NEGROS DOUTORADO - MULHERES	2	6	4	12
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	5	24	37	66
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	10	13	25
ALUNAS ENTREVISTADOS MULHERES	3	14	24	41
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	24	12	10	46
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	10	5	6	21
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	14	7	4	25

UERJ	2009	2010	TOTAL
ALUNOS MESTRADO	19	22	41
ALUNOS NEGROS MESTRADO	12	16	28
ALUNOS NEGROS MESTRADO - HOMENS	5	6	11
ALUNAS NEGROS MESTRADO - MULHERES	7	10	17
UERJ	2009	2010	TOTAL
ALUNOS DOUTORADO	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO	0	0	0
ALUNOS NEGROS DOUTORADO - HOMENS	0	0	0
ALUNAS NEGROS DOUTORADO - MULHERES	0	0	0
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	5	11	16
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	3	5
ALUNAS ENTREVISTADOS MULHERES	3	8	11
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	0	0	0

PÓS-GRADUAÇÃO UFRRJ E UERJ	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS PÓS-GRADUAÇÃO	302	385	436	1123
ALUNOS NEGROS DA PÓS-GRADUAÇÃO	30	53	63	146
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO - HOMENS	17	25	22	53
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO - MULHERES	13	28	41	65
ALUNOS ENTREVISTADOS - HOMENS	2	12	16	30
ALUNOS ENTREVISTADOS - MULHERES	3	17	32	52
ALUNOS - ENTREVISTADOS NEGROS	5	29	48	82
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	24	12	10	46
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	10	5	6	21
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	14	7	4	25

BAIXADA FLUMINENSE	2009	2010	TOTAL
ALUNOS PÓS-GRADUAÇÃO	385	436	821
ALUNOS NEGROS PÓS-GRADUAÇÃO	53	63	116
ALUNOS NEGROS PÓS-GRADUAÇÃO - HOMENS	25	22	47
ALUNOS NEGROS PÓS-GRADUAÇÃO - MULHERES	28	41	69

UFRRJ e UERJ PÓS GRADUAÇÃO	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO	30	53	63	146
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	5	29	48	82
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO - HOMENS	17	25	22	64
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO - MULHERES	13	28	41	82
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	12	16	30
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	3	17	32	52

UERJ	2009	2010	TOTAL
ALUNOS NEGROS MESTRADO	12	16	28
ALUNOS NEGROS ENTREVISTADOS	5	11	16
ALUNOS NEGROS MESTRADO - HOMENS	5	6	11
ALUNOS NEGROS MESTRADO - MULHERES	7	10	17
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	3	5
ALUNAS ENTREVISTADOS MULHERES	3	8	11

BAIXADA FLUMINENSE	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS NEGROS DA POS GRAD.	30	53	63	146
ALUNOS ENTREVISTADOS NEGROS	5	29	48	82
ALUNOS ENTREVISTADOS HOMENS	2	12	16	30
ALUNOS ENTREVISTADOS MULHERES	3	17	32	52

UFRRJ	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS MESTRADO E DOUTORADO	302	366	414	1082
ALUNOS NEGROS MESTRADO E DOUTORADO	30	41	47	118
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	24	12	10	46
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	10	5	6	21
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	14	7	4	25

UERJ	2009	2010	TOTAL
ALUNOS MESTRADO	19	22	41
ALUNOS NEGROS MESTRADO	12	16	28
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO = 0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS = 0	0	0	0
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS = 0	0	0	0

UFRRJ E UERJ PÓS GRADUAÇÃO	2008	2009	2010	TOTAL
ALUNOS - PÓS-GRADUAÇÃO	302	385	436	1123
ALUNOS NEGROS DA PÓS-GRADUAÇÃO	30	53	63	146
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	24	12	10	46
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	10	5	6	21
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	14	7	4	25

BAIXADA FLUMINENSE	2009	2010	TOTAL
ALUNOS – PÓS-GRADUAÇÃO	385	436	821
ALUNOS NEGROS DA PÓS-GRADUAÇÃO	53	63	116
ALUNOS NÃO CONCLUIU O CURSO	12	10	22
ALUNOS NÃO CONCLUIU NEGROS	5	6	11
ALUNOS NÃO CONCLUIU BRANCOS	7	4	11

Total Entrevistados	Total Identificado pelo Entrevistador como Pardo	Pardos*	Negro*	Branco*	Amarelo*
82	40	25	8	6	1

Total Entrevistados	Total Identificado pelo Entrevistador como Negro	Pardo*	Negro*	Branco*	Amarelo*
82	42	5	37	0	0

Alunos Entrevistados	Moradores da Baixada Fluminense	Não Moradores da Baixada Fluminense
82	27	55